



Texto apresentado à banca de defesa na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Professor Doutor Renato Hilário dos Reis.

**A REPERCUSSÃO DA ATUAÇÃO DE EDUCADORES/AS POPULARES DO
CEDEP/UNB NA ESCOLA PÚBLICA DO PARANOÁ-DF**

LEILA MARIA DE JESUS

Orientação Professor Doutor **RENATO HILÁRIO DOS REIS**

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA

.....
Professor Doutor Renato Hilário dos Reis (FE/UNB) - Orientador

.....
Professora Doutora Roseli Aparecida Cação Fontana (FE/UICAMP) – Membro Titular

.....
Professor Doutor Leôncio Soares (FE/UFMG) – Membro Titular

.....
Professora Doutora Leila Chalub Martins (FE/UNB)– Membro Suplente

Brasília/DF, maio, 2007.

A todas e todos que acreditam
na ação do homem/mulher
como sujeitos/as de
transformação social e
encontram na educação um
dos caminhos para esta
transformação.

DEDICANDO...

... À minha mãe, que na dor do parto e da vida me oportunizou viver e me ampara nas quedas do caminho.

... Aos irmãos e irmãs de sangue e de afeto de mãe, de padrasto e de pai (estes tão novos de encontro) porque a vida nos une em amor.

... A todos os membros de minha família, na certeza de que estou abrindo caminhos.

... Às companheiras e companheiros do CEDEP que mesmo na árdua caminhada, pegaram na minha mão e tiveram paciência com os passos lentos de quem aprende a caminhar. E assim me oportunizam a experiência da caminhada coletiva e da construção desta pesquisa.

... Ao mais que orientador, pai, amigo e mestre Renato Hilário, no carinho do acolhimento, no afeto do abraço, na força e alegria de sua presença.

... Às irmãs e irmãos de fé, que na presença de Deus e de Nossa Senhora me apresentam uma nova maneira de ver, que mais que companheiros de caminhada, somos filhos de um mesmo Pai, somos todos irmãos.

... Às companheiras e companheiros do movimento popular do Distrito Federal e do Brasil, porque muito do caminho já foi percorrido, mas ainda há muito que caminhar. Sigamos em frente. Sempre.

... À educação popular e ao Fórum EJA-DF na certeza de que a construção de uma educação libertadora é possível.

... Às amigas e amigos diversos, educadoras e educadores, juntos, por um mundo melhor.

AGRADECENDO...

... A DEUS PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO, Trindade Santa que me conduz, ampara e me fortalece na caminhada da vida. Que no caminho pedregoso me oferece a flor do amor e da misericórdia.

... À MARIA SANTÍSSIMA, presente em minha vida desde o nome até o colo de mãe protetora, presente e fiel. Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima e Santa Maria dos Pobres.

... Aos santos, anjos e arcanjos que me acompanham dando proteção e intercedendo por mim junto a Jesus Cristo, em especial: Santa Terezinha do Menino Jesus, Santa Rita de Cássia, São José, São Gabriel Arcanjo e São Rafael.

... Aos amigos e amigas do CEDEP pela compreensão, acolhimento, contribuição e geração com/da pesquisa. Em especial Creuza e Eva que “seguraram as pontas” no CEDEP com a ausência necessária da Presidente da entidade: eu.

... As professoras Roseli Fontana e Leila Chalub e ao Professor Leôncio Soares, pela paciência, colaboração, contribuição e presteza com esta pesquisa e, por ela, com nossa causa.

... As /os meninas/os do Projeto 3 da Pedagogia, que nos nossos encontros pacientemente me escutaram e contribuíram, Thaís, Stella, Jaqueline, Viviane Gontijo, Ângela, Carlos, Michele, Maxwell, Álvaro, Olga e Julieta.

... Ao grupo GENPEX e Mantendo a Caminhada que nas reflexões de nossos encontros me auxiliaram a clarear as trilhas da pesquisa e a entender as pedras do caminho.

... A Maria Luiza Angelim pela força amiga e aos “meninos e meninas” do Portal Fórum EJA (www.forumeja.org.br), pela colaboração e disponibilidade em meus pedidos de socorro. Mais ainda, pela disposição e carinho com que cuidam do nosso portal.

... As educadoras Fatinha, Graça, Silvânia e Francilene e ao educador Sílvio, educadoras/r egressas/o, pelas preciosas contribuições com a pesquisa, pelo acolhimento e compreensão.

... A Ângela Dumont que tem me ensinado a bordar a vida com cantos, cantorias e alegrias de quem é amiga-companheira.

... Às/aos colegas de mestrado, na certeza de que a constante construção/desconstrução/reconstrução de nossos escritos nos amadurecem e assim fortalece o resultado final de contribuição com a educação e com a sociedade.

... As lindinhas Juliana e Ana Paula, pelo afeto, acolhimento, sorriso e, sobretudo, por conhecerem a cada um/uma de nós, alunas e alunos pelo nome e nunca pela matrícula com fomos acostumados a ser reconhecidos pelas secretarias escolares.

... As companheiras e companheiros professoras/es de caminhada na educação pública no Paranoá, em especial ao coletivo e direção da Escola Classe 04 do Paranoá pela colaboração e compreensão.

... À Secretaria de Estado da Educação pelo Programa de Afastamento para Estudos no qual fui contemplada me permitindo maior tempo para estudo e produção desta pesquisa.

... A Rita e Hildebrando com a acolhida aos meus conflitos e a presente busca de contribuições teóricas à pesquisa.

... Aos amigos Ricardo Pacheco, Bira, Benedito Prezzia, Garibel e Lourdes Pereira, tão preocupados com a produção da “companheira Leila”.

... Aos amigos/irmãos do grupo Via Sacra do Paranoá, pela compreensão e apoio nas minhas ausências, em especial Drica e Jailton, meus coordenadores.

... E como não dizer, aos presentes de Deus que recebi no encontro com o mestrado: Rosalina, Tabor, Sandra, Ângela, Bethânia, Nirce, Valéria, Susana, Kleber, e tantas e tantos outras/outros de tamanho carinho e afeto.

... A todos e todas que não citei em letras e palavras, mas que estão contemplados em minha eterna gratidão.

Deus abençoe a todos nós

***“(...) e se a raiz é santa,
os ramos também o são (...),
sabe que não és tu que sustentas a raiz,
mas a raiz a ti.’***

Rm 11, 16-18.

RESUMO

A presente dissertação analisa a repercussão da atuação de educadores populares egressos da alfabetização de jovens e adultos do CEDEP – Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá/DF, dentro do contexto das escolas públicas no Paranoá. O estudo trás a trajetória de luta e enfrentamento dos moradores da hoje cidade de Paranoá na conquista por melhores condições de vida, dignidade e exercício da cidadania. No processo de enfrentamento da comunidade a pesquisadora se insere nestas lutas e se constitui educadora. Hoje professora na rede pública, dirigente e educadora no movimento popular e pesquisadora na educação popular e na universidade. Nos enfrentamentos da comunidade surge o CEDEP e o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos no Paranoá, com participação da Universidade de Brasília representada por professores e alunos em compromisso com o excluído e a excluída. Neste contexto emerge o objeto de estudo e seus caminhos metodológicos. A pesquisa encontra setenta e seis educadores/as lotados em escolas da área urbana da cidade de Paranoá com residência no Paranoá. Dentre esses educadores identifica vinte e cinco que passaram pela orientação/participação na educação popular do CEDEP, mais precisamente na Alfabetização de Jovens e Adultos. Na dialogia da entrevista com cinco educadores/as populares selecionados entre os vinte e cinco encontrados, identifica algumas das problemáticas enfrentadas por estes educadores ao estarem na escola pública no Paranoá. A análise do conteúdo das entrevistas aliada ao íntimo envolvimento da pesquisadora com o estudo proposto levantam as possibilidades de enfrentamentos, superações e conquistas dos educadores/as populares entrevistados frente à problemática por eles apresentada. O ponto mais ressaltado no diálogo diz sobre a natureza do coletivo na educação popular e na escola pública e de como enfrentam e superam o coletivo inicialmente encontrado. A pesquisa revela nuances da educação popular na escola pública em um modo diferente de fazer/acontecer educação. Levanta fragilidades do movimento popular em acompanhar e manter a caminhada com aqueles/as que já passaram pelo movimento. A presente pesquisa encontra indícios para reflexão sobre o fazer/acontecer educação no CEDEP, no movimento popular, na escola pública, nos sindicatos, na universidade e na própria pesquisadora.

Palavras-chave: educação popular – constituição de educadores – escola pública e movimento popular

ABSTRACT

The present dissertation analyzes the repercussion of the performance of popular egress educators from the youngsters and adults literacy of the CEDEP - Center of Culture and Development of Paranoá/DF, inside the context of the public schools in Paranoá. The study shows the fight trajectory and confrontation of the inhabitants from today's city of Paranoá in the achievement of better life conditions, dignity and exercise of the citizenship. In the process of confrontation of the community, the researcher inserts herself in these fights and constitutes herself a educator. Today as a teacher in the public educational system, leader and educator in the popular movement and researcher in the popular education and at the university. In the confrontations of the community, the CEDEP and the Project of Literacy of Youngsters and Adults appear in Paranoá, with the participation of the University of Brasilia, represented by professors and pupils in commitment with the excluded ones. In this context it emerges the object of study and its ways. The research finds seventy six educators placed in schools of the urban area of the city of Paranoá with residence in Paranoá. Amongst these educators it identifies twenty five that had passed by the orientation/participation in the popular education of the CEDEP, more precisely in the Project of Literacy of Youngsters and Adults. In the interview with five popular educators chosen amongst the twenty and five found, it identifies some of the problems faced by these educators when being in a public school in Paranoá. The analysis of the content of the interviews allied to the close involvement of the researcher with the considered study, raises the possibilities of confrontations, over comings and popular conquests achieved by the interviewed educators according to the problematic presented by them. The most salient point in the dialogue talks about the nature of the collective in the popular education and in the public school and how they initially face and surpass the collective firstly found. The research discloses nuances of the popular education in the public school in a different way to make/happen education. It raises fragilities of the popular movement in following and keeping the walking along those who already had passed by the movement. The present research finds clues for reflection on making education in the CEDEP, in the popular movement, at the public school, in the unions, at the university and in the own researcher.

Key word: popular education - constitution of educators - public school and popular movement

LISTA DE TABELAS

DISTRIBUIÇÃO DE ESCOLAS NA DRE PARANOÁ/2006 – TABELA 1.....	60
DISTRIBUIÇÃO DE MATRÍCULAS NA DRE PARANOÁ/2006 – TABELA 2.....	61
TOTAL DE PROFESSORES/AS LOTADOS NAS ESCOLAS URBANAS DA DRE PARANOÁ NO ANO DE 2006 QUE TEM RESIDÊNCIA FIXA NO PARANOÁ – TABELA 3.....	121
TOTAL DE PROFESSORES/AS LOTADOS NAS ESCOLAS URBANAS DA DRE PARANOÁ – NO ANO DE 2006 - QUE RESIDEM NO PARANOÁ E SÃO EGRESSOS/AS DA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS DO CEDEP – TABELA 4.....	123

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 – Paranoá quer melhorias já – panfleto Grupo Pró-Melhorias, 1984.	217
ANEXO 02 – Vote chapa 2 - panfleto Grupo Pró-Melhorias, 1985.	217
ANEXO 03 – Moradores no Buriti – Jornal de Brasília, 1986.	217
ANEXO 04 – Paranoá vive dia de guerra – Correio Brasileiro, 1986.	217
ANEXO 05 – PM retira invasores – Jornal de Brasília, 1986.	217
ANEXO 06 – Polícia destrói barracos no Paranoá – Jornal de Brasília, 1986.	217
ANEXO 07 – Greve de fome na Catedral – Correio Brasileiro, 1986.	217
ANEXO 08 – Chapa 1 FIXAÇÃO – panfleto Associação de Moradores, 1987.	217
ANEXO 09 – A luta das entidades pelo poder – Correio Brasileiro, 1987.	217
ANEXO 10 – Paranoá derruba barraco – Jornal de Brasília, 1988.	217
ANEXO 11 – A água chegou – Jornal do Paranoá, 1988.	217
ANEXO 12 – Censo do Paranoá – Correio Brasileiro, 1986.	217
ANEXO 13 – Ficha de cadastro do censo – Associação de Moradores, 1986.	217
ANEXO 14 – Lição de Aprendizado no Paranoá - Correio Brasileiro, 2007	217
ANEXO 15 – Relatório preliminar do curso de orientação 2007.	217
ANEXO 16 – Relação de professores lotados DRE Paranoá 2006 – residentes no Paranoá.	217
ANEXO 17 – Autorização das educadoras e educador.	217

SUMÁRIO

RESUMO	ix
ABSTRACT	x
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE ANEXOS	xii
CONSIDERAÇÕES PARA COMEÇAR A CAMINHADA	15
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I	
PARANOÁ: UMA VILA NÃO FOGE A LUTA.....	24
1.1- Daqui não saio, daqui ninguém me tira.....	25
1.2 - Da Associação de Moradores à Fundação do CEDEP.....	30
1.3 – Da Fixação ao Arrancamento da Vila Paranoá.....	37
1.4 – Trajetória da Educação Popular no Paranoá.....	47
1.5 - O Paranoá presente.....	55
1.5.1 – A Rede Pública de Ensino no Paranoá	57
CAPÍTULO II	
O CAMINHAR ME CONSTITUI EDUCADORA/PESQUISADORA	63
2.1 - A chegada e o envolvimento com o movimento da Vila Paranoá	64
2.2 - Uma nova aula numa escola velha	67
2.3 -A opção pelo magistério.....	69
2.4 – O reencontro com a rede pública: percepções e enfrentamentos na caminhada.	72
CAPÍTULO III	
O CEDEP - Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá.....	84
3.1 – Organização e Funcionamento da Alfabetização de Jovens e Adultos do CEDEP.....	88
3.2 – A Práxis Pedagógica da Alfabetização de Jovens e Adultos do CEDEP	89
3.2.1 – Fórum e SPD (Situação –Problema-Desafio).....	90
3.2.2 – Participação e dessilenciamento dos atores	92
3.2.3 – Chamada, matrícula, formação e funcionamento das turmas de alfabetização.	93
3.2.4 – Avaliação	95
3.2.5 – A produção do conhecimento historicamente compartilhada e acumulada	96
3.3 – A formação do/a educador/a da alfabetização de jovens e adultos do CEDEP.....	96
3.3.1 – Um breve relato do Encontro de Orientação Preliminar de 2007.....	102
3.4 – Dos resultados da formação de educadores/as do CEDEP.....	103
CAPÍTULO IV	
A EMERGÊNCIA DO OBJETO DE ESTUDO.....	105

CAPÍTULO V

O PERCURSO CONCEITUAL METODOLÓGICO	111
5.1 – O percurso metodológico.....	113
5.2 – A entrevista como instrumento da pesquisa	115
5.2.1 – Roteiro da entrevista.....	119
5.3 – Dos objetivos da pesquisa: geral e específicos.....	119
5.3.1 – Objetivo Geral	120
5.3.2 – Objetivos Específicos	120
5.4 – Do universo do campo à delimitação dos sujeitos da pesquisa	120
5.4.1 – Dos/as educadores/as egressos/as:.....	120
5.4.2 – Critérios e Seleção das/os educadoras/es egressas/os.....	124
5.5 - O momento da entrevista: lembranças, sentimentos e compromisso.....	126
5.6 - Apresentando as (o) educadoras (es) da pesquisa e sua trajetória.....	129

CAPÍTULO VI

NO ENCONTRO DIALÉTICO AS IMPRESSÕES DA REPERCUSSÃO	145
6.1. A percepção da diferença movimento popular e escola pública no olhar do educador egresso	146
6.2. A problemática encontrada/vivida/vivenciada na escola pública do Paranoá.....	152
6.3. Enfrentamentos e superações.....	163
6.4. Os resultados/conquistas do/no enfrentamento	176

CONSIDERAÇÕES PARA MANTER A CAMINHADA	183
--	------------

BIBLIOGRAFIA.....	198
--------------------------	------------

APÊNDICE	203
Enfrentamentos de um mestrado/superações de uma mestranda.....	203
Memória educativa – um pouco mais de mim.....	206
O MOMENTO DA DEFESA – Breve relato	211

ANEXOS.....	217
--------------------	------------

CONSIDERAÇÕES PARA COMEÇAR A CAMINHADA

*“É preciso dilatar
os nossos corações
para que nele
caiba sempre mais amor.”
Papa Bento XVI
em visita ao Brasil
– maio/2007*

Amigas/amigos,

Tomo páginas desta dissertação para fazer valer a voz e a história do Paranoá. Mais que teorias, esta pesquisa tem carne e osso, sangue, suor e muita, muita trajetória. Esta história não é só minha, mas de todos que já viveram como também daqueles que estão chegando ou que ainda vão chegar. É uma caminhada constante.

A produção deste texto vem carregada de conteúdos historicamente acumulados, não por mim unicamente mas por uma comunidade que, na luta em defesa de seus direitos, deu a direção do caminho.

Constituir-me mestranda na UnB é uma conquista da comunidade, pois não cheguei aqui sozinha. O estudo que me proponho a fazer vem resgatar os educadores egressos da alfabetização de jovens e adultos do CEDEP, que moram no Paranoá, e que hoje estão atuando nas escolas públicas do Paranoá.

Sou também sujeita desta pesquisa não só porque escolho a pesquisa-ação como caminho mas porque também sou Paranoá, sou movimento popular, sou educadora popular e sou educadora na rede pública do Paranoá. Porque sou sujeito em constituição/reconstituição/construção/desconstrução/construção.

A pesquisa é uma resignificação também em mim. Ao mesmo tempo e à medida que estou trabalhando com os sujeitos/as, que estou identificando avanços e

dificuldades deles/delas estou refletindo como isso tudo se dá em mim também. Isso significa uma transformação neles/as e pode significar em mim na medida em que sou do movimento popular e sou da rede pública.

Com esta pesquisa, na medida em que sou movimento popular e rede pública, pretendo contribuir para a ruptura do silenciamento fazendo valer o poder de vez, voz e decisão do movimento popular na rede pública, na universidade, em mim, no outro/a e no próprio movimento popular.

A pesquisa repercute em mim, na minha trajetória, na minha transformação e das pessoas que convivem comigo e que eu levo para estar comigo nas aulas da UnB porque o ser humano se constitui no diálogo e na relação social. O ser humano se constitui no conjunto das relações sociais historicamente acumuladas e que estão se acumulando.

REIS (2000) aponta que a natureza da relação social é fundamental na constituição do sujeito segundo a perspectiva histórico-cultural. O sujeito se constitui na busca do completo, mesmo se sabendo incompleto, conforme Paulo Freire (1987, 1992, 2001) ou na dialogia dialética conforme Bakhtin (1995).

Na composição do texto procuro utilizar uma linguagem mais popular e menos técnica, pensando em quem se destina esta construção. Mais que ocupar espaço nas prateleiras de bibliotecas e centros de documentação, o presente estudo pretende dar subsídios para (por meio de sua leitura, interpretação e contribuição), professores/as, educadores/as, alfabetizando/as, graduandos/graduandas sendo do movimento popular, da universidade ou da rede pública de ensino, produzirem outros conhecimentos.

Termos excessivamente técnicos, característicos do meio acadêmico, tendem a dificultar ou até desestimular a leitura da produção. Busquei criar um texto que

possa, inclusive, ser trabalhado em sala com alfabetizandos e alfabetizadas, um texto que não se destina prioritariamente a intelectuais, mas que, cheio de epistemologia, sirva a classe dos excluídos e da excluídas.

Uma também importante transformação que já ocorre comigo no fazer esta pesquisa diz respeito à escrita de minha própria trajetória. Descubro que, mesmo com a formação na educação popular para trabalhar a historicidade do/a sujeito/a, quando isto se aplica a mim, é diferente. Como é difícil falar e escrever de/sobre minha própria trajetória, escrever a minha história de vida!

A minha/nossa história nos é cotidianamente negada nos bancos escolares. Como sou escolarizada num sistema quadrado em que meu “eu pessoa” fica do lado de fora do portão e do lado de dentro tem que ser apenas meu “eu-cognitivo”, [sem sentimento, sem raiz, sem passado], no momento de falar e produzir sobre mim, é difícil acreditar que isto é acadêmico e que tem reconhecimento científico. Bloqueio. Não escrevo. Demoro a sair do lugar. Demoro a dar o primeiro passo.

Mais um motivo para refletirmos da importância da historicidade de cada um e cada uma. Falar, escrever, contar e registrar nossa trajetória não pode continuar sendo considerada coisa banal nas salas de nossas escolas públicas. Construir uma nova perspectiva de educação passa por conhecer e reconhecer a constituição histórica de cada um e de cada uma na construção da história pessoal e coletiva.

Porque na medida que conheço a história, passo a fazer parte dela e posso inserir-me a ela e contribuir com o seu percurso. Foi assim com o Paranoá que, com um grupo de jovens conhecendo sua realidade e sua história, por força da luta e organização popular, dão um rumo diferente do planejado pelo poder de plantão. Acontece o futuro que é hoje e

agora na cidade do Paranoá. Estes jovens ditam o percurso da história.

Pode ser que ao ler a pesquisa alguém se encontre dentro dela e até perceba sua fala dentro do texto. Isto é fruto dos inúmeros momentos de reflexão/ação, fala/escuta elaborante e participação-constitutiva-contributiva-superativa-mútua que ocorreu/ocorre entre mim e tantas outras pessoas, seja no ambiente da Unb, no CEDEP, nas entrevistas, nos corredores, na rua, na igreja, no mercado ou na escola. A fala é reelaborada segundo a resignificação que ocorre dentro de mim e é aqui externada. Fruto destas muitas conversas formais e informais. Fruto de muito burilamento. Na relação social ampliada vou fazendo minha narrativa.

Esta pesquisa provoca novas possibilidades de atuação, encaminhamentos e inquietações no CEDEP, na Universidade e nos movimentos populares. Possibilidades de formação de educadoras/educadores reflexivos sobre a essencialidade da educação e do processo educativo seja no movimento popular, na rede pública, ou na universidade.

Embora ainda não tenhamos uma ação central no sentido de saber onde está, quem é e o que estamos propondo como política pública de educação para o Paranoá, a pesquisa mostra que ao longo destes anos é possível que estejamos, aos poucos, construindo uma rede interna de ações nas escolas públicas do Paranoá, conquistando e ocupando espaço de poder e transformação.

Espero que a contribuição desta pesquisa possa levar o/a leitor/leitora para, se não um caminho novo, mas um novo jeito de caminhar.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de pesquisa-ação, na perspectiva de uma inserção-participativa-contributiva-superativa-mútua, trago nas linhas a marca de nossa trajetória que compõe e dá razão ao objeto de estudo. Porque inserção-participativa-contributiva-superativa-mútua?

Porquê ao inserir-me dentro de uma realidade não vou apenas estar observando esta realidade, a perspectiva é de participação nesta realidade. Uma vez inserida e participante contribuo com a superação dos problemas do grupo que agora pertença e a constituição dos sujeitos envolvidos é mútua. Eu me constituo enquanto constituo o outro e o outro me constitui enquanto se constitui.

No primeiro capítulo apresento a Vila Paranoá com seus enfrentamentos, lutas e resistências. Procuro resgatar o quanto posso a trajetória de uma comunidade guerreira que conquista seu espaço com luta e faz história no Distrito Federal. A comunidade que, de Vila passa a cidade por meio da força da organização inicial de um grupo de jovens, que vira movimento popular no Paranoá e referência do Distrito Federal.

Existe tão pouca escrita de nossa história, que eu, educadora que sou, tendo oportunidade de escrever esta história, devo fazê-la. Omitir-me ou deixar para depois pode ser um erro histórico irreparável, para mim, para o movimento popular e para o Paranoá. Mesmo sabendo, respeitando e agradecendo aqueles que me antecederam (e que cito ao longo do texto) e relatam fragmentos desta história, devo contá-la e recontá-la.

Esta mesma trajetória me constituiu e me constitui enquanto ser/estar/fazer educação. É a oportunidade do movimento popular escrever o seu ponto de vista sobre os fatos que fizeram e fazem a história deste país. Isto não é comum se considerarmos que, por

muito tempo, nossa real memória foi subtraída (e ainda é) e nossa verdadeira história escondida e negada.

Quando penso que este trabalho tem reconhecimento acadêmico (o que para muitos tem um peso maior que a experiência vivida) e que tem uma geração sendo formada que não conhece suas raízes e não tem por onde conhecer, pois os registros feitos contam o olhar do que o poder dominante quer mostrar, sinto que tomo a decisão acertada.

Dentro destes enfrentamentos surgem as frentes de luta, e uma delas é a alfabetização popular de jovens e adultos. Desprezada pelo governo, a alfabetização de jovens e adultos passa a ser compromisso de vida de alguns moradores do Paranoá e compromisso de educação de algumas pessoas da Universidade de Brasília.

Em meio aos conflitos da Vila surge o CEDEP - Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá, como símbolo de resistência pela batalha da dignidade daqueles/as que querem apenas ver cumprido o direito de uma moradia digna. O CEDEP abraça a causa dos excluídos e das excluídas em atividades de educação, saúde, desenvolvimento comunitário, comunicação, lazer e cultura.

Ainda no primeiro capítulo chego ao Paranoá de hoje traçando um breve perfil da comunidade atual, seus novos desafios e enfrentamentos. A situação da educação é evidenciada pois aí estão os sujeitos de nossa pesquisa, os/as educadores/as populares egressos/as.

No segundo capítulo procuro situar o leitor de como entro nesta história. Falo de minha constituição política participando dos movimentos da Vila e envolvida com as atividades dentro e fora da escola em que estudo, na Vila Paranoá. Apresento minha opção pelo magistério e as influências que me levam esta opção. Relato meu encontro com a rede

pública, agora do outro lado, como professora. Os embates, os conflitos, as conquistas, derrotas e decepções. O excessivo envolvimento que acarreta um desgaste físico, emocional e psicológico.

Situo melhor o CEDEP, sua práxis administrativa e pedagógica no terceiro capítulo. Seus avanços, desafios, estratégias de ação e atuação estão registradas nestas páginas. Vem para conversa-produção TELES, 2003; LIMA, 1999; MARIZ, 2004; REIS, 2000; SANTOS, 2005; e RODRIGUES, 2002. Todos já caminharam pela produção acadêmica do mestrado/doutorado na UNB/CEDEP.

Chega o objeto de estudo no capítulo quatro. Perfil? Motivos? Objetivos? Tudo dito anteriormente, mas agora de forma cientificamente delineada. As inquietações de caminhada ressurgem aqui e apresento ao leitor/leitora a emergência (em todos os sentidos) desta pesquisa.

Sim, emergência. Temos emergência em saber como se dá a relação movimento popular x rede pública de ensino no Paranoá. Como tem se dado à repercussão da educação do movimento popular do Paranoá na rede pública de ensino do Paranoá por meio de nossos/as educadores/as egressos/as. Seguimos em frente.

O conceitual metodológico traçado no capítulo cinco vai dar o direcionamento mais formal, clarear nosso rumo. Dialoga comigo LÜDKE, 1986; SZYMANSKI, 2004; BARBIER, 2004; ALVES-MAZZOTTI, 2002; GONZÁLEZ REY, 2002; THIOLENT, 1986 e REIS, 2000.

Definimos a entrevista como importante instrumento da pesquisa. Mas não é qualquer entrevista, é a semi-estruturada e a não-estruturada. Faz parte de nossa ação dar espaço ao diálogo. Como romper o silenciamento sem dar espaço ao diálogo? Mais que

entrevistar, vamos conversar. E, na conversa busco as respostas que melhor se encaixam nas indagações históricas do estudo. Na conversa vou também me constituindo e vou contribuindo com a constituição do/a educador/a entrevistado/a.

Chega a hora de definir os objetivos, qual é o geral? **Identificar as possíveis repercussões da atuação de educadores/as egressos/as da Alfabetização Popular de Jovens e Adultos do CEDEP inseridos no contexto da rede pública de ensino no Paranoá/DF, seja com crianças, jovens e/ou adultos.** Existe repercussão? Não existe repercussão?

Definidos os critérios de seleção dos sujeitos, dentro do campo da pesquisa é feita a seleção dos/as educadores/as populares egressos/as que participarão mais de perto da pesquisa. Apresento os/as sujeitos da pesquisa ainda no capítulo cinco. Sigo em frente porque o movimento não pára e tem pressa.

O capítulo seis trás a análise das entrevistas com as/o educadoras/educador entrevistadas/entrevistado. O encontro dialético da entrevista resulta em diagnosticar as problemáticas enfrentadas na escola pública pelos nossos educadores populares. Os enfrentamentos, a superação e os resultados/conquistas diante da problemática encontrada.

Neste compasso chego às considerações finais que não são finais, são **CONSIDERAÇÕES PARA MANTER A CAMINHADA.** Considero que a pesquisa não acabou porque ela não se esgota em si mesma, abre espaços para outras indagações que, com certeza brotarão como problema investigativo na cabeça e no coração de muita gente, seja do movimento popular, da universidade ou das escolas públicas.

E nesta caminhada às vezes damos um ritmo mais lento porque o caminho cansa, às vezes podemos correr porque estamos mais descansados; ou mais animados; ou com

mais energia. Outras vezes precisamos de colo, de alguém que nos carregue pelo caminho, porque nossa única força não é suficiente para seguir. Há momentos em que caminhamos sozinhos, corremos sozinhos. Mas há momentos (e estes são alegres) em que caminhamos em mutirão, todos juntos. Mas o importante é não perder o rumo, não se afastar do caminho.

Por fim a certeza de que o caminho é longo e a caminhada é árdua. Mas que caminhar é preciso e precioso.

Nos encontramos nas próximas páginas.

CAPÍTULO I

PARANOÁ: UMA VILA NÃO FOGE A LUTA

*“Mas, foi difícil te entender,
Hoje bates forte em meu coração,
Ó Vila és sempre viva, és festança.
Também és samba és criança
Eternamente a esperança é nossa paixão¹”*

Companheiras e companheiros de caminhada, neste primeiro capítulo trago uma contextualização do Paranoá e inicio com uma estrofe da composição Tributo à Vila Paranoá, de Alan Wellington, na certeza de que nossas lutas, enfrentamentos e conquistas batem forte em nosso coração e mantém viva nossa memória.

Resgatar nossa história, traçada num contexto de lutas e enfrentamentos é fundamental para entender a cidade Paranoá de hoje, e a importância de nossa pesquisa, tanto para o meio acadêmico, quanto para as lutas dos vários movimentos de educação popular espalhados/enraizados por este Brasil.

Aos que comigo caminham (antes e durante), uma saborosa leitura e já peço perdão se algum fato importante me foi subtraído da memória. Aos que me sucederão a certeza de que possam continuar nossa caminhada e que este capítulo da pesquisa contribua com o conhecimento e reconhecimento de nossa história/luta/história.

Porque um dia cantamos, então, não esqueçamos o ecoar de nossa voz e continuemos a cantar: “Daqui não saio, daqui ninguém me tira”.²

¹ Tributo à Vila Paranoá - música de composição Alan Wellington, segunda classificada no FEMUPOP (Festival de Música do Paranoá) em 1990.

² Marcha carnavalesca de composição de Paquito e Romeu Gentil, ano não localizado. Por muitas vezes hino de resistência e conquista, música adotada como slogan de nossa luta. Daqui não saio, daqui ninguém me tira.

1.1- DAQUI NÃO SAIO, DAQUI NINGUÉM ME TIRA.

Um ano, 1956.

Um país, Brasil.

Um projeto, construir a capital do país.

Um local, o Planalto Central.

Um objetivo, construir Brasília.

Um sonho, melhorar de vida.

Uma obra, a Barragem do Lago Paranoá.

Uma, duas, três, mil, infinitas esperanças e promessas.

Ficou um acampamento, uma comunidade, um povo esquecido.

Uma marca de luta na história do Distrito Federal.

Assim, da construção da Barragem do Lago Paranoá³, que hoje é atração turística, lazer, sustento, e até reduto de jacaré-açú, nasce uma comunidade guerreira, amada e com DNA próprio.

Construída em meio a sonhos e fantasias, esta comunidade se constituiu de marcas do passado e expectativas de um futuro melhor de muitos nordestinos, sulistas, goianos, capixabas, mineiros e outros. Todos com sangue nas veias, bolso vazio, coração

³ O Lago Paranoá é projetado na ocasião da construção de Brasília, nasce do represamento do rio Paranoá e vários córregos e riachos. As águas do Lago Paranoá além de lazer e pesca, embelezam a cidade e dá leveza ao clima árido do cerrado central do Brasil. Quando da época da seca, auxilia nos níveis de umidade do ar.

cheio de saudade e na cabeça a promessa de uma nova vida em uma vida nova. A Capital do País.

Mas o desengano dos que chegam é imediato. Do desembarque na rodoviária a chegada à Vila Paranoá percebe-se a cruel contradição da Capital que exclui o operário que a fez nascer e a faz crescer. Do alto da Vila Paranoá avista-se o concreto do poder.

É difícil imaginar ser possível viver na Vila, pois além do desalento da contradição social/econômica, tem a saudade e o cheiro da Terra Natal. E a música, na voz marcante do amigo Anísio⁴, vem dialogar com minha memória: *“Juro viver aqui não serei capaz/assim pensava quando aqui cheguei/ era quase fim de ano/foi tamanho desengano/que eu confesso até chorei⁵”*.

Mas por estas bandas já existiam moradores antes mesmo da construção da Barragem que dá origem ao Lago Paranoá. Poucos relatos históricos oficiais fazem menção a este período, mas acostumamos a ouvir de antigos moradores sobre os que aqui já habitavam. É o caso da Fazenda do Paranoá que ficava às margens do Rio Paranoá.

O marco histórico que dá origem à Vila Paranoá, hoje cidade sede da VII Região Administrativa DF, é contado a partir das obras que constroem a Barragem do Lago Paranoá por volta de 1956.

À construção da Barragem, levanta-se um acampamento da Construtora Camargo Correa e outras empreiteiras, para cerca de sete mil trabalhadores com jornada de 15 horas de trabalho por dia. Estes vão ficar ali até o término da obra.

⁴ Anísio Soares dos Santos, um grande amigo, irmão, companheiro das lutas. Sempre presente nas tristezas e alegrias.

⁵ Tributo à Vila Paranoá - música

Os barracões em madeira abrigam os trabalhadores braçais, e as casas, também em madeira (só que mais formosas e melhor estruturadas), abrigam os engenheiros e os funcionários mais bem posicionados na hierarquia trabalhista da época.

Com a inauguração da Barragem, no final da década de 50, quem tem para onde ir vai embora. Quem não tem para onde ir, fica. Com os que ficam, permanece as sobras do canteiro de obras da Barragem, as casas abandonadas pelos que partiram e a saudade dos familiares e amigos que ficaram na terra natal.

Na solidão do cerrado os peões começam a trazer seus parentes e conterrâneos. Não demora muito para o acampamento tomar ares de Vilarajo, depois Vila Paranoá. O crescimento populacional é silencioso por muitos anos, pois o cenário da barragem e a dificuldade de acesso escondem suas alegrias e mazelas.

É em meio a este vai-e-vem, que seus habitantes vão sobrevivendo/vivendo. Com percalços, histórias, desafios, sofrimentos, cultura, abandono, luta, esperança, resistência e conquista. Muita conquista.

Alguns anos mais tarde a Vila Paranoá recebe uma Capela, que é consagrada a São Geraldo, e uma escola pública, em madeira, que fica conhecida e vira referência com nome de Colégio Velho. Ambos os prédios, embora reconhecidos pela sua concepção arquitetônica-histórica, são desrespeitosamente abandonados e demolidos, já nesta última década.

Na Capela São Geraldo, que à época era subordinada à Paróquia São Pedro de Alcântara⁶, e coordenada por Padre José Gálea⁷(Padre José), começa, por incentivo de

⁶ A Paróquia São Pedro de Alcântara é fundada em 1973, por padre José Gálea e está situada na SHIS QI 07, Conj. 17, Lote C, Lago Sul. Era a Paróquia mais próxima da Vila Paranoá, na época.

Padre José, a organização de um grupo de jovens que se intitulou TUCA – Turma Unida Comunicando Amor.

No gesto de incentivo à organização dos jovens, Padre José não tem idéia da dimensão de sua contribuição para a luta desta comunidade e, sobretudo, a força da organização destes jovens.

Com objetivo de levar amor e oração às famílias do Paranoá, estes jovens passam a fazer visitas nos barracos e se deparam com uma realidade cruel. Percebem que as dificuldades vividas por eles são comuns a outros moradores. É necessário fazer algo mais. O Grupo TUCA se divide em dois.

Para compreender o que está acontecendo, neste momento, vou buscar a fala da Maria de Lourdes Pereira dos Santos (Lourdes) na conversa com Renato Hilário dos Reis (Renato), (REIS, 2000:14),

“... começamos a discutir as necessidades de ir para a rua, conhecer mais as pessoas, buscar a melhoria daquele povo, melhoria nossa com todo mundo junto. Quando a gente sai para a rua tem outro choque. Antes, a gente ia da casa para a igreja, da igreja para a escola e só se reunia na igreja e nas festinhas. Com isso, não tínhamos noção de como as pessoas viviam, apesar de estar à frente de nossos olhos e a gente não ver. Nós não tínhamos consciência do que se passava realmente e desta forma não se envolvia. Formamos então dois grupos de jovens: o Tuca 1 e o Tuca 2. O Tuca 1 continuou voltado mais para a liturgia da missa. E o Tuca 2 incrementando o Grupo Pró-Moradia”.

⁷ Presto aqui uma homenagem a Padre José Gálea, nascido em 1933, em Malta, Europa, veio para o Brasil em 1955 onde dá continuidade aos estudos para sacerdote em Pernambuco. Com mestrado concluído em Roma, foi nomeado vigário fundador da Paróquia São Pedro de Alcântara em 1973, permanecendo aí até o seu falecimento em 31/07/2005, onde também está sepultado. Constam registros da presença de Padre José Gálea na Vila Paranoá datados de outubro de 1974. Padre José teve uma estreita relação com o Paranoá. Fundou em 1984, o Centro Social São Geraldo, que mais tarde passa a se chamar Centro Social João Paulo II, que atende educação infantil, cursos e formação para mães e jovens e convênio com a SEE para turmas de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Sua participação no movimento da Vila Paranoá se dá com significativa importância na estimulação da organização dos jovens da Capela São Geraldo e pela afinidade de trabalho com comunidades carentes. A finalidade está talvez motivada pela aproximação desta realidade durante a sua formação sacerdotal, em Pernambuco, quando pôde contribuir com comunidades de extrema carência no interior do estado. Padre José esteve presente em muitos momentos de conflitos e reivindicações da comunidade, sempre em apoio aos menos favorecidos e excluídos. Padre José, portanto sempre esteve ao nosso lado.

Os jovens do TUCA 2 se juntam a outros da comunidade, religiosos ou não, mas com o mesmo ideal de transformação daquela realidade. Nasce o Movimento Pró-Melhorias⁸. Com ele, o canto de guerra puxado pela marcha carnavalesca “... **daqui não saio, daqui ninguém me tira...**”⁹, pois poesia e criatividade caminham juntas em um mesmo movimento.

A estratégia de visitas barraco por barraco, para mobilizar a comunidade, ganha força, conquista a comunidade e dá volume ao movimento. Os jovens mobilizados e organizados buscam apoio político, institucional e financeiro fora da Vila Paranoá. Conquistam a adesão de organismos do movimento social, sindicatos e entidades de classe. Juntam-se a estes a CNBB, Cáritas Brasileira, MEB e Projeto Rondon.¹⁰

O crescimento dos problemas como a falta d’água, esgoto, iluminação, transporte, saúde e educação, dentre outros, segue junto com o populacional. A Vila Paranoá cresce também em graça, raça, força, luta e resistência. A mobilização da comunidade, encabeçada pelos jovens do Movimento Pró-Melhorias, toma espaço dentro e fora da Vila Paranoá. Cresce a adesão da comunidade e o movimento, os jovens e as lutas se fortalecem.¹¹

Em meio a este movimento, mais uma estrofe do Tributo à Vila Paranoá vem dialogar com minha memória. Ouço novamente a voz do Anísio, que canta: “*Te chamamos por Vila Paranoá/ lamentando a sua forma de viver/ toda tua escravatura/ pagando por imposturas/ meu Deus do céu que se há de fazer*”. Que fazer? Lutar com todas

⁸ O Movimento Pró-Melhorias, alguns chamam de Pró-Moradia (porque melhorias e moradia estão muito atreladas) é uma estratégia de mobilização e organização da comunidade em prol de conquistar melhorias para a Vila Paranoá. As melhorias dizem respeito à água tratada, energia elétrica, esgoto, transporte, saúde, educação e a conquista da regularização da ocupação por meio da fixação, que daria fim à instabilidade e ameaças do Governo para a remoção da Vila.

⁹ Marcha carnavalesca de composição de Paquito e Romeu Gentil, ano não identificado.

¹⁰ CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Cáritas Brasileira - organização ligada à Igreja Católica que apóia projetos e organização comunitária, MEB – Movimento de Educação de Base, Projeto Rondon -¹⁰ Projeto Rondon foi um Programa Nacional de Desenvolvimento Comunitário que tinha como finalidade apoiar a mobilização e organização das comunidades da periferia urbana.

¹¹ ANEXO 01 – Paranoá quer melhorias já

as nossas forças, argumentos e instrumentos.

1.2 - DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES À FUNDAÇÃO DO CEDEP

A Vila Paranoá já tem uma representação jurídica que é a Associação de Moradores, fundada em 1979. Com a chegada da eleição para a Associação de Moradores, a experiência e o fortalecimento político dos jovens que integram o Movimento Pró-Melhorias, é formada a Chapa 2 – Pró-Melhorias. A chapa 2 ganha a eleição para o mandato de março de 1985 até março de 1987.¹²

A diretoria eleita é composta pelas companheiras e companheiros: como presidente Maria Delsione da Silva (Delsione), - que era a coordenadora do grupo TUCA 2 -, e os membros Maria de Lourdes Pereira dos Santos, João Bosco, Eliana, Aparecida Gomes, Ricardo Gonçalves Pacheco, Laércio, Fátima (Doca), Juarez Alves Martins, Josefa, José Oscar, Geraldo e Leida.¹³

Com este grupo à frente da Associação de Moradores, a mobilização da comunidade é intensificada e com isto a organização da luta pela fixação e urbanização. Chega-me aos ouvidos a conversa da Lourdes com Renato (Reis, 2000:19),

“Nós dividimos o Paranoá em vários setores e cada diretor cuidava de um setor. Cobríamos o Paranoá com reuniões, trabalhos, mobilizávamos o Paranoá inteiro. Visitávamos as pessoas casa a casa. Conhecíamos, praticamente, todo mundo”.

A Associação de Moradores agora movimenta a comunidade. Visitas, assembleias, atividades culturais, eventos, parcerias, projetos. Todas as formas de mobilização e intervenção tem objetivos claros de fortalecer a luta para transformar uma realidade de detrimientos de direitos básicos de vida e sobrevivência em uma de conquistas e consciência

¹² ANEXO 02– Vote chapa 02

¹³ Alguns nomes estão incompletos por falta de dados, falha na memória e dificuldade em localizar as pessoas.

também transformadora.

Esta intensa mobilização cria um movimento de reivindicação constante e traz para a comunidade união e resistência. A Vila Paranoá sai do anonimato, toma espaço nos veículos de comunicação e começa a incomodar o governo local, à época indicado pelo Presidente da República de um regime militar.

Para a comunidade é Vila Paranoá (vínculo, solidariedade, lugar de acolhimento), para o governo é invasão (baderneiros, aproveitadores, desocupados) e para a mídia, favela (miseráveis, indignos, coitados). Com uma população já reconhecida pelo governo como a maior “invasão” do Distrito Federal, a comunidade sofre com a falta de infraestrutura, políticas públicas e direitos básicos de cidadão e de ser humano.

É da Vila Paranoá a primeira greve de fome, por manifestação popular, que se tem notícia no Distrito Federal. Encabeçada pelos jovens da Associação de Moradores que não se calam às atrocidades e constantes atos de violência policial na Vila Paranoá, a greve de fome radicaliza o movimento e enfurece o Governo local.

O acirramento, que desencadeia na greve de fome, começa em 10 de setembro de 1986, com uma manifestação pacífica na porta do Palácio do Buriti, sede do governo local. O ato reivindica a fixação da Vila e apresenta propostas para problemas urgentes como água, energia, escolas, saúde, esgoto e segurança. O governo não atende a comunidade, mas promete avaliar a situação dando ares de, mais uma vez, deixar para depois.¹⁴

A reação desesperada da comunidade vem em poucos dias. Cansados de esperar, em 21 de setembro, um grupo com cerca de 20 pessoas, que moram de aluguel,

¹⁴ ANEXO 03 – Moradores no Buriti

decidem e começam a construir seus barracos. A ação é motivada sem a interferência da Associação de Moradores. É uma madrugada de domingo para segunda e logo outros começam a seguir o mesmo. Em poucas horas já eram quase mil barracos.

É muito comum o aluguel na Vila. Muitas vezes o barraco é aumentado para alugar àqueles que tem menos ainda. Outras famílias chegam para morar de favor com seus parentes. As dificuldades são tantas que não há recursos para construir seu próprio barraco. É a exploração do excluído pelo também excluído.

Imortalizada na música *Made in Paranoá*¹⁵, Camisa e Marcelo cantam a exploração dos aluguéis da Vila: *“Quando eu cheguei em Brasília/ Eu não pensava em ficar/ Procurei muitas cidades/Para me acomodar... E chegando um belo dia/Num tal de Paranoá/Aluguei um velho barraco/E comecei a morar”*.

A construção destes novos barracos leva o Governo a uma imediata reação, e este solicita apoio da Associação de moradores para a derrubada. Em assembléia da Associação, os moradores decidem não derrubar os barracos. A Associação acata a decisão da assembléia e nega o apoio que o governo esperava.

Representantes da Associação procuram o governo no dia seguinte, 23 de setembro para discutir uma solução pacífica para a Vila Paranoá. São recebidos pelo Secretário de Habitação, Sadi Ribeiro. Mas no mesmo momento da reunião, sem o conhecimento dos dirigentes, a ordem de derrubada está assinada e as tropas da polícia militar, com mais de duzentos homens, já está na Vila.

A ação policial é violenta. A Vila Paranoá entra em pânico. A reação dos

¹⁵ *Made in Paranoá* – música. Popularizada no Paranoá, ainda é muito cantada nas rodas de samba de mesa e noitadas dos saudosos antigos moradores da Vila - composição de Camisa e Marcelo - ano e nome completo dos compositores não foi identificado. Estima-se que foi em meados da década de 80.

moradores é também imediata. O confronto inevitável. A polícia é recebida com paus e pedras. Uma verdadeira praça de guerra.¹⁶

Moradores arbitrariamente detidos, cerca de oitocentos barracos derrubados. Crianças e mulheres não são respeitadas. Lourdes e Laércio, dirigentes da Associação que não tinham ido para a reunião com o governo, enfrentam a polícia. São detidos, torturados e liberados. O braço de Laércio está quebrado.¹⁷

Neste mesmo dia, às 17 horas, na porta do Palácio do Buriti, começa a greve de fome em protesto contra a violenta ação policial e a derrubada de barracos. Encabeçada por Maria Delsione e Odilon Manske a adesão de outros da comunidade vem em seguida. Só voltam a comer quando a polícia deixar a Vila Paranoá e for retomada a discussão sobre a fixação da Vila.

A atrocidade e violência do Governo deixam indignada parte da sociedade brasiliense. O movimento se fortalece com a união de outras Associações de Moradores, Sindicatos dos Médicos, Arquitetos e Assistentes Sociais, CNBB e outros.¹⁸

No dia 25, Padre José Gálea intervém junto ao governo na tentativa de que o mesmo receba uma comissão de moradores, mas nada consegue de concreto. Outros segmentos tentam o mesmo, mas não obtém resultado favorável aos moradores.

A posição do governo é de atacar o movimento como ato político e que, sendo assim, só retomará as discussões após as eleições¹⁹. O governo endurece, a manifestação também. Os manifestantes são retirados da porta do Buriti pela madrugada, por

¹⁶ ANEXO 04 – Paranoá vive dia de guerra

¹⁷ ANEXO 05 – PM retira invasores e ANEXO 06 – Polícia destrói barracos no Paranoá

¹⁸ CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

¹⁹ A primeira experiência em eleições no DF, para o congresso nacional, ocorre em outubro de 1986, quando foram eleitos oito deputados federais e três senadores para a Assembléia Nacional Constituinte. Antes disso o DF havia votado apenas uma vez para presidente. Nesta eleição ainda não tivemos direito à escolha do governador.

volta de 2 horas da manhã do dia 26 de setembro. Estes não se amedrontam, seguem para a Catedral de Brasília. Continuam em greve²⁰.

O governo interrompe a derrubada de barracos na Vila e retira grande parte da força policial que está de plantão. Desgastado politicamente e também pressionado pelos candidatos governistas que sentem perder votos com a posição adotada pelo governo, este recua na violência, mas não abre canal de diálogo com moradores em greve.

Com interferência de vários sindicatos, entidades, CNBB e organizações da sociedade civil, os manifestantes são convencidos a por fim à greve de fome e a retornar à Vila Paranoá.

A posição, visivelmente incomodada e enfurecida do Governo local, leva-o a mudar de tática e investir em um canal de diálogo dentro da Vila Paranoá. Dois meses depois da greve de fome, em dezembro de 1986, é criada a Prefeitura Comunitária da Vila Paranoá, por um preposto do Governo. Este mora no Lago Sul e mantém um mercadinho na Vila, apenas para manter a fachada de morador.

A Prefeitura conquista a comunidade com muitas manobras, inclusive distribuição de cestas básicas. Ao mesmo tempo em que discursa de ser a preferida do governo, e que por isso é atendida nas reuniões, procura difamar os dirigentes da Associação de Moradores e a nos qualificar como “baderneiros”, “comunistas” e “inimigos do governo e do povo”.

A tática funciona. Entre cestas básicas e cascalhos nas ruelas da Vila, a Prefeitura vai tomando espaço e boicotando as atividades da Associação de Moradores. Mas o governo quer mais, quer a tomada política da direção da Associação de Moradores.

²⁰ ANEXO 07 – Greve de fome na Catedral

Nas eleições de março de 1987, o preposto do governo apóia e prepara a vitória da chapa articulada por ele e encabeçada por um conhecido morador da Vila Paranoá, a Chapa 2.

Já a Chapa 1 que é titulada – FIXAÇÃO, está composta pelos jovens que estão na direção da Associação e que eram do Movimento Pró-Melhorias (que veio do TUCA 2), e por outros membros da comunidade que já estavam ativos nos movimentos reivindicatórios. Nesta chapa eu compunha como segunda secretária.²¹

A Chapa FIXAÇÃO perde as eleições da Associação em março de 1987. Depois de muitos embates a Chapa 2, com apoio explícito do preposto do governo, é sagrada eleita para o mandato seguinte.

No discurso do novo presidente da Associação (que reproduzia na comunidade o discurso do Governo), a diretoria anterior à dele (que somos nós), só fez se atritar com as autoridades e irritá-las, “*quem resolve as coisas é o Governo... é preciso agradá-lo para se obter favores*”. A nova estratégia é ter uma Associação que obedeça ao governo. Calar o grupo que lá estava anteriormente.²²

Não demora a lua-de-mel entre Prefeitura Comunitária e Associação de Moradores. Interesses pessoais e necessidade de aparecer mais e melhor junto à comunidade e ao governo geram sérios atritos e a divisão entre eles é rápida. Entram em eterna discórdia.

Sem a direção da Associação de Moradores, o grupo de jovens e moradores, mobilizados e organizados com trabalho na comunidade, fica órfão de representação jurídica e política. Mas este grupo não se cala quanto às lutas e necessidades da comunidade, como é o desejo do Governo do DF.

²¹ ANEXO 08 – Chapa 1 FIXAÇÃO

²² ANEXO 09- A luta das entidades pelo poder

Após intensas reuniões, discussões e propostas, o grupo que deixou a Associação de Moradores, funda o CEDEP – Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá, em 02 de agosto de 1987. O CEDEP vem representar jurídica-politicamente a continuidade dos projetos que estão sendo desenvolvidos, às incansáveis lutas, aos movimentos de resistência e a conquista da fixação do Paranoá.

E a poesia entra na memória. A voz do Anísio persegue minhas lembranças e canta nossa história: *“Dos filhos da terra nasce por ela o amor/ Teus filhos-irmãos não de por ti lutar/Defender a tua gente/Sei é um povo tão carente/Mas seguirá a frente a te acautelar”*.

É mesmo na luta e na defesa de nossa gente, nossa história, nossa memória que seguimos em frente. O CEDEP é um novo espaço de atuação, organização, resistência e luta. Já nasce forte e com história pra contar. Muitas histórias.

Por que CEDEP? O nome foi escolhido depois de muita conversa e avaliação. Fizemos até votação. É necessário expressar a amplitude de nossa proposta para a Vila Paranoá. Logo, Centro - um espaço físico, ideológico e político de discussão, Cultura –o contexto cultural, a história de vida e de constituição da Vila Paranoá que sofre influências das várias regiões do País. Desenvolvimento –o anseio de cada morador em educação, saúde, água, energia, esgoto, transporte, segurança, habitação, qualidade de vida, respeito e cidadania.

Com apoio do Projeto Rondon passamos a utilizar seu espaço, que fica em frente à Capela São Geraldo, como sede administrativa e política do CEDEP. Ali começam os trabalhos com Educação Infantil, a retomada das oficinas de recreação e artes, as festas, encontros e reuniões.

O CEDEP é recebido, por aqueles que ainda acreditam na luta como único instrumento a nosso favor, com muita alegria e esperança.

1.3 – DA FIXAÇÃO AO ARRANCAMENTO DA VILA PARANOÁ

Depois da eleição em 1987, a Associação de Moradores continua na obediência ao Governo. Em um destes episódios a Associação de Moradores, em 1988, encaminha ofício ao governo solicitando a derrubada de 200 barracos que haviam sido recentemente construídos. Dá ao Governo a razão que precisa para a derrubada dos barracos.²³

Vale lembrar que esta mesma Associação faz exatamente o contrário de 1986, quando a posição de não concordar com a derrubada de barracos desencadeia uma greve de fome. Como já descrito nas páginas anteriores.

Mas uma liminar da justiça suspende a derrubada dos barracos solicitada pela Associação e comandada pelo Governo. Começa aqui uma intensa “queda-de-braço”. É dado início a uma grande ocupação, a invasão de 88. Mais de mil e quinhentos barracos são construídos em menos de 24 horas. Já somos mais de 35 mil habitantes.

Este é o segundo maior momento de invasão coletiva no Paranoá, o barracaço, como foi chamado. É mais uma estratégia do movimento pela fixação. Aqueles que moram de aluguel, cedido, agregado e outros, passam a ter o seu próprio barraco e assim dar maior visibilidade ao tamanho da Vila e de seus problemas.

A estratégia funciona e o movimento do barracaço abre mais espaço na mídia que se volta para a Vila Paranoá. Com a mídia por perto é mais fácil conter as

²³ ANEXO 10 – Paranoá derruba barraco

atrocidades de um governo biônico e de um regime de ditadura militar.

As dificuldades só aumentam. A água, precariamente servida pelo sistema público, é abastecida em chafarizes ou caminhão pipa. Ficamos horas à espera de um tambor ou uma lata d'água. As roupas são lavadas no Rio dos Goianos, no Lago Paranoá ou em minas d'água que cercam a região.

Novamente ouço a voz de Anísio que consola minhas lembranças *“No rosto surrado uma mistura/ De desgosto e aflição/Era assim que via em cada morador/Que mesmo com tantos lamentos/ Superava o sofrimento/ E plantava no cerrado a sua flor”*.²⁴

Entre idas e vindas, sofrimentos e movimentos, cada morador, cada moradora planta, no pouco espaço que tem, sua história, suas lágrimas e sua esperança. E a Vila tem o verde das mangueiras, o fruto dos abacateiros e as flores dos cravos, roseiras e sabugueiros.

Mas nem tudo é tristeza, dificuldades e mazelas no nosso cotidiano. Temos momentos de intensa alegria nas festas, shows e encontros. A solidariedade e o aconchego dão alento às nossas dificuldades. A participação de grupos culturais de Brasília ajuda a alegrar nossas assembléias comunitárias. Cantamos, dançamos e lutamos com alegria. Obrigado Liga Tripa²⁵.

A Associação de Moradores e a Prefeitura Comunitária, coniventes com os desmandos do Governo, começam a se ausentar e a boicotar, ou desarticular com informações contrárias, os movimentos pela fixação da Vila. O que já é esperado depois da interferência do governo nas eleições da Associação.

²⁴ Tributo à Vila Paranoá - música

²⁵ Liga Tripa - grupo musical formado no final da década de 70. Aldo Justo, Ita Catta Preta, Nonato Veras e Sérgio Duboc, cantavam e dançavam pelas ruas do DF com objetivo de levar alegria, irreverência, cantoria e teatralidade. Sempre que convidados estavam na Vila Paranoá, dando alegria e encorajando nosso movimento.

O CEDEP mantém-se na luta e mobilização dos moradores. A parceria com a Universidade de Brasília nas faculdades de engenharia, arquitetura, urbanismo, geologia e direito dão argumentação técnica aos planos da comunidade. Se o Governo alega não ser possível a fixação naquele local, o CEDEP, juntamente com a Universidade de Brasília e membros da comunidade, realizam estudos técnicos e comprovam a viabilidade.

Um exemplo foi com a distribuição da água nas casas, do setor acampamento, da Vila Paranoá. O governo afirmava não ser possível a fixação porque não tinha como encanar água em cada casa da Vila, pois não havia lençol freático que permitisse a captação de água.

A comunidade, juntamente com o pessoal da geologia, engenharia e arquitetura da UnB comprova a possibilidade. O CEDEP organiza o grupo Cooperado da Água²⁶, cava um poço artesiano custeado pelos cooperados. É feita encanação, pelos próprios moradores, de água potável para todos os cooperados do setor Acampamento²⁷. Fica comprovada a possibilidade de levar água para todos os moradores da Vila.²⁸

O Governo contra-argumenta que não será possível poços artesianos devido à proteção do Lago Paranoá, de suas nascentes. A comunidade, com estudos técnicos, mostra ser possível trazer água do rio dos Goianos. E assim vamos combatendo uma a uma as argumentações do Governo.

²⁶ O grupo Cooperado da Água, organizado pelo CEDEP, é formado por membros do CEDEP e moradores da parte mais antiga da Vila Paranoá, o setor Acampamento. O objetivo do grupo Cooperado da Água era provar a possibilidade de se colocar água nas residências da Vila. A organização do Cooperado é num sistema de cooperativa, cada membro pagava um valor para se associar e uma taxa mensal para cobrir as despesas com os encaminhamentos técnicos a serem dados ao projeto. Com os recursos arrecadados foi contratada uma empresa que cavou o poço artesiano e foi adquirida a caixa d'água, tipo taça, que armazenava a água e distribuía às casas. A instalação para as casas foi feita no sistema de mutirão, com participação de crianças e senhoras. A idéia era que mais poços fossem perfurados pela Vila de modo que cada setor tivesse seu próprio abastecimento. Quando jorrou a água no poço foi muita festa.

²⁷ A Vila Paranoá é dividida em setores, o setor Acampamento é o mais antigo e leva esse nome exatamente porque é ali que se mantém a característica do acampamento das construtoras da Barragem e onde estão os moradores mais antigos. Tem os setores Alta Tensão, Centro, Vila do Sapo, Vila Piauí, Ponto Final...

²⁸ ANEXO 11 – A água chegou

Hoje assistimos ao desenfreado crescimento dos condomínios nas proximidades do Paranoá, todos utilizando recursos potáveis de poços artesianos, com ligação em cada casa, da mesma maneira que propomos há vinte e dois anos atrás. Tem a conivência do governo local. Mas agora sim, o uso excessivo, inadequado, sem controle e sem planejamento tem atingido os mananciais que abastecem o Lago Paranoá.

O Governo diz não a tudo porque era política dele não haver bens de serviço na comunidade. Havendo bens de serviço implantados está legitimada a ocupação. Há uma jogada de enrolar a comunidade dizendo que ia fazer, mas não se comprometendo em quando fazer. Outra vez, argumentando que não era possível fazer.

Pensamos da mesma forma. Por isso reivindicar bens de serviço, construir novos barracos, organizar a comunidade e promover atividades são estratégias de fortalecer o movimento, legitimar a ocupação e garantir condições favoráveis à fixação.

A região do Paranoá é muito bonita, e mais bonita ainda é a vista que se tem do Lago Paranoá, do Plano Piloto, da Esplanada dos Ministérios e do Palácio da Alvorada partindo do Paranoá, mais precisamente de onde era a Vila Paranoá.

Esta admirável vista e localização cresce os olhos dos empreiteiros da construção civil e, por que não, dos grileiros da época. Sabemos que há muitos projetos de hotéis, shoppings, complexo de lazer e residências para construir na região onde está a Vila Paranoá. É inadmissível que região tão bonita fique aos cuidados de gente tão pobre, tão miserável.

A Vila Paranoá esta localizada entre o Lago Sul e Norte²⁹, áreas mais nobres

²⁹ Os bairros do Lago Sul e do Lago Norte são considerados um dos mais ricos do país. Partindo da Barragem do Lago Paranoá, o Lago Sul contorna a ala Sul do Lago e segue até as proximidades do Aeroporto, o Lago Norte,

do DF. Não faltam críticas e pressões ao governo, de moradores destas regiões, para se dar fim ao espetáculo de pobreza aos olhos dos moradores da vizinhança.

Mesmo servindo-se da mão-de-obra dos moradores da Vila Paranoá, seja na construção civil, jardinagem ou no serviço doméstico, são poucas as vozes que saem em nossa defesa. A briga é nossa e cabe-nos arregaçar as mangas e ir à luta.

A mobilização da comunidade continua e é importante permanecer em movimento. Como já citei anteriormente, muitas atividades, mesmo não tendo relação direta com o movimento pela fixação, tem papel importantíssimo para manter mobilizada e dar visibilidade à comunidade.

São os Festivais de Música, que movimentam músicos do DF e entorno; as festas, os encontros, as ruas de lazer, os bailes e forrós. As pastorais da igreja católica que foram se formando, as igrejas evangélicas e as congregações religiosas como a Medalha Milagrosa, o Centro Social São Geraldo (hoje João Paulo II), este ligado ao Padre José. Os movimentos que vão chegando como os Escoteiros e o Movimento Bandeirantes, que ainda matem atendimento. E o Decanato de Extensão da UnB.³⁰

Também as equipes de jovens, que vira modismo naquela época, de onde surgem muitas lideranças que se juntam aos que já estavam na trincheira do movimento pela fixação. Por agora me recorro dos Relâmpagos da Paz, do qual fiz parte e tinha o codinome de SHY MOO (Lua Tímida), Rebeldes Sem Causa e Trovão 2000.

Com a comunidade cada vez mais fortalecida e engajada, o governo não

que compreende o setor de mansões norte contorna a ala Norte do Lago. O Paranoá fica exatamente no meio destes dois bairros, destas duas realidades tão distantes da nossa.

³⁰ O Decanato de Extensão da UnB mantinha o programa dos Núcleos Permanentes de Extensão e o Paranoá era um deles. O Núcleo do Decanato de Extensão permaneceu no Paranoá no período de 1985 a 1990. A saída do Núcleo do Paranoá é uma grande perda para a comunidade, pois distancia ainda mais a relação comunidade UnB.

encontra argumentos que inviabilize a fixação e a solução para amenizar os conflitos foi criar o decreto de fixação da Vila Paranoá em 10 de outubro de 1987, pelo então Governador do Distrito Federal Senhor José Aparecido de Oliveira.

O Decreto fixa a Vila na área em que esta e determina estudos para a urbanização do local. A comunidade comemora, mas a mobilização deve continuar e continua.

Como é de se esperar, muita luta vem depois do decreto. A fixação deve ser ao nosso molde, não ao do governo. E começa a queda de braço. A UnB, juntamente com a arquitetura e urbanismo, prepara um projeto de urbanização e fixação da Vila. O governo não aceita. Cria o impasse. A comunidade organizada em torno do CEDEP pressiona. O Governo acata o estudo/projeto da UnB.

Em 1989, 25 de outubro, já com outro Governo, o senhor Joaquim Domingos Roriz, vem o Decreto Lei 49/89 que cria a área para a cidade de Paranoá. Juntamente com este o Decreto 11.921/89 que determina os novos limites da RA Paranoá. O preposto do governo, aquele da Prefeitura Comunitária, ganha de presente a Administração Regional do Paranoá, sendo o primeiro Administrador do Paranoá. Fica no período de 28/10/89 à 10/05/90, quando se candidata a Deputado Distrital e ganha³¹.

Entendemos que a Fixação finalmente havia chegado, pois, com a área de fixação mais a área de expansão, daria para acomodar dignamente todos os moradores com espaço físico decente, áreas para praças, lazer, entretenimento, cultura, educação e esporte. Conforme o estudo preparado pela UnB.

³¹ Somente em 1990 o DF teve sua primeira eleição para governador e também os deputados que comporiam a Câmara Legislativa do Distrito Federal, que foi instalada em 1991. ela está entre as mais novas casas legislativas do país.

Não é bem assim que acontece. O governo apressa-se em retirar os moradores da Vila. É a oportunidade de desmobilizar nossa comunidade e enfraquecer nossa luta. Com a promessa de uma nova cidade, a pressão e a chantagem para entregar os lotes, os moradores são rapidamente transferidos não dando tempo ou oportunidade para pensar e tomar decisões. É um outro projeto urbanístico. O que é expansão vira remoção.

A ação é rápida. A área recebida pelos moradores da Vila fica atrás da Vila Paranoá, distante de nossa história. Um pinheiral é derrubado. Lotes demarcados. Lotes entregues. Caminhões a espera da próxima mudança. Ou muda ou perde tudo. Ficar não pode.

As famílias são levadas para sua nova “propriedade” sem considerar a proximidade com a vizinhança. Os vizinhos são separados e cada um vai para uma quadra diferente. A comunidade da Vila Paranoá é misturada aos que chegam de fora.

O aviso da mudança é um documento de concessão de uso e um **X**, bem grande, marcado em vermelho, na porta do barraco. Ou muda ou perde o lote para sempre. A maioria esmagadora, e parte dela convencida com a ajuda da Associação de Moradores e da Prefeitura Comunitária (dominados pelo Governo), recebe um lote que é metade do que lhes era de direito, aceita e muda.

O governo faz da área de expansão uma área de remoção. Um lote que deverá ser entregue a uma família, é dividido e entregue para duas famílias. Com isto, consegue espaço para trazer outras famílias para a área do Paranoá e também quem chega de fora do DF. A conjuntura política do DF caminha para as eleições diretas para o governo local e, quanto mais votos a favor, melhor.³²

³² Em 1987, com a aprovação, pela Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte, a autonomia política do DF é conquistada. Mas somente em 1988, quando foi promulgada a Constituição Federal, ficou garantida, em seu Art. 32, a eleição direta para Governador, Vice-Governador e 24 Deputados Distrital. Em

Os lotes são entregues sem nenhuma infra-estrutura básica. É pior do que onde estávamos. Sem energia e em meio a muita terra fofa (por causa da derrubada e queimada dos pinheiros), o cenário é de um pós-guerra. Sem acesso ao transporte coletivo, os moradores têm que descer até às paradas de ônibus da Vila, distante cerca de 3km, para ir trabalhar.

É um período de sofrimentos e humilhações. Além da precariedade do local, há falta de confiança uns nos outros. Como os vizinhos da Vila Paranoá foram espalhados pela área de remoção, não preservando a relação de vizinhança, a instabilidade nas relações ajuda a alterar o cotidiano dos moradores.

Também é difícil mobilizar os moradores. Convencidos de que aquilo é o início de um paraíso (como promete o governo), mesmo com as dificuldades, cada um só se preocupa consigo. Salvo aqueles que conseguem manter-se próximos, numa mesma quadra e conjunto, os demais é cada um por si.

Nos finais de semana, ao contrário da Vila que é movimento e alegria, no novo Paranoá, é isolamento e marteladas. Cada um procurando fechar-se nos seus 128m², cerca, mura, isola-se. O clima é de “este pedaço é meu e ninguém toca”, enquanto que na Vila é “este lugar é nosso, vamos lutar por ele”.

Consideramos o processo de transferência como um arrancamento. Primeiro porque a área que ocupávamos já estava decretada como área de fixação. Segundo porque o processo de transferência se dá da forma mais bruta e desumana que se pode pensar. Os moradores foram mesmo arrancados de suas raízes, daquele pedacinho de terra em que plantara a mangueira, o abacateiro, a graviola, a jaca, os sonhos, as lutas. O umbigo dos

1990 ocorre o processo eleitoral no DF que consagra o Sr Joaquim Domingos Roriz, governador eleito. Este já ocupava o cargo no período de setembro de 88 a março de 90. Exatamente o período de transição, arrancamento e doação de lotes no Paranoá e em várias partes do DF.

filhos.

Mas a luta não para por aí. Na Vila Paranoá continuam aqueles que resistem àquele tipo de transferência e entendem que seus direitos estão sendo lesados. Após tantos anos de luta e reivindicações, não se aceita que o processo termine de forma tão truculenta e enganosa.

Permanecem na Vila Paranoá e acionam a justiça. Em meio aos destroços de barracos, ratos e baratas são firmes na posição de contestar o governo. Em resposta, este endureceu o discurso e a prática. Tenta isolar os moradores que ficam, corta a precária energia elétrica e o abastecimento d'água dos chafarizes e dos carros pipa são suspensos. Desliga os orelhões e desobriga o policiamento de dar cobertura naquela área.

Infelizmente minha mãe não resiste às pressões do governo e dos colegas de trabalho, servidores da Fundação Educacional³³, órgão do governo local, de onde vem a pressão de que se não recebessem o lote estariam desobedecendo ao governo e poderiam até perder o emprego. Mudamos para a Quadra 09, onde moramos até hoje.

Mas os que resistem tem a causa ganha. O governo é obrigado a abrir uma quadra para aqueles que acionam a justiça por seus direitos adquiridos. Recebem, na Quadra 02, um lote com 250m². A união e a força da luta daqueles que ficam na resistência lhes dá a merecida recompensa. Uns poucos acreditaram, até o final, na capacidade de organização em defesa de nossos direitos. Lograram vitória

Os demais moradores não podem seguir o mesmo, porque já haviam assinado o termo de recebimento da concessão de uso do lote. Isto significa aceitação da

³³ A Fundação Educacional do Distrito Federal era um órgão ligado à Secretaria de Educação onde minha mãe trabalhava como auxiliar de limpeza. A Fundação Educacional foi extinta tendo a Secretaria de Educação assumido suas funções.

proposta do governo e desistência de seus direitos.

Mas não parava por aí. Quem iria usufruir a área onde estava a Vila Paranoá? Certamente a manobra do governo não era por preocupação com os moradores. Continuam os interesses pela área que, repito, tem uma bela vista. Com os moradores removidos para a área que fica bem atrás de onde estava a Vila Paranoá, parece fácil destinar o terreno para outros fins.

Mas não é fácil assim para o Governo. Por força da mobilização e organização de moradores que continuam na resistência, a área da Vila Paranoá é transformada em um Parque Vivencial e Ecológico por força de Decreto da Câmara Distrital.

Hoje o parque está cercado e seus frutos (muitos vindos de outros estados e plantados no decorrer desta história), são saboreados por muitas famílias, nas sombras das tardes quentes. Nos finais de semana é possível ver de crianças a idosos passeando e percorrendo os caminhos, agora imaginários, da antiga Vila Paranoá.

Mas os problemas continuam. Infra-estrutura, saneamento, saúde, educação, segurança e moradia. Muitos dos moradores da Vila Paranoá ainda não receberam seus lotes. Aqueles que moram de favor, agregados e de aluguel ficam com a promessa de irem para nova área e depois de mudarem então recebem seus lotes.

Isto não acontece. E as famílias continuam morando de favor, agregados ou aluguel aguardando a expansão que nunca chega. Da angústia de espera por seu lote, nasce o movimento pela expansão do Paranoá. Ela não chega. Nasce o Itapuã I, depois o Itapuã II, Del Lago e Fazendinha. Hoje já somam mais de 60 mil habitantes nesta área. Todos oriundos da Vila Paranoá? Não.

1.4 – TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO POPULAR NO PARANOÁ

Surge a Alfabetização de Jovens e Adultos do/no Paranoá

A necessidade pela educação no Paranoá é presente desde seus primeiros moradores, mesmo antes da construção da Barragem e do acampamento de trabalhadores. Da instalação do Colégio Velho, até a última escola a ser construída no Paranoá, em 2002, é resultado de muita luta e mobilização da comunidade.

E mesmo com tantas reivindicações, dois segmentos ficam sempre a desejar: a Educação Infantil e a Educação de Jovens e Adultos. Estes seguimentos são a exclusão da exclusão da educação.

Comprometidos com a transformação da realidade em que vivem, os jovens do TUCA e outros da comunidade, que são Grupo Pró-Melhorias; que são Associação de Moradores; que fundam o CEDEP e continuam na caminhada, não deixam para trás a discussão da educação e a transformação pela/com/na educação do/no Paranoá.

O trabalho que começa com a Educação Infantil toma formato próprio com a Educação Popular de Jovens e Adultos.

Nos muitos momentos de mobilização e contato com a comunidade percebemos e sentimo-nos incomodados com o fato da grande maioria não conseguir ler os panfletos das chamadas para mobilização, não conseguir assinar os manifestos e ter que colocar o polegar para legitimar sua participação e concordância com os documentos reivindicatórios aprovados e encaminhados em assembléia com os moradores.

Este sentimento incômodo, aliado com a extinção do MOBREAL (que tinha turmas na Vila Paranoá) e o descaso da extinta FEDF com a Educação de Jovens e Adultos

(naquela época chamada de Supletivo), motiva alguns dos jovens que já estavam nas frentes de luta, (cito alguns como Bosco, Lourdes e Juarez) a procurar ajuda para encadear, na Vila Paranoá, um processo de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Não basta que uns saibam, será preciso que todos tenham o mesmo acesso às discussões, mobilizações, leitura e escrita. Não basta aprender a ler e escrever, mas ler e escrever contribuindo com a transformação da realidade em que se vive.

Movidos pela força da organização popular, os mesmos jovens que não tem oportunidade de acesso à universidade pública³⁴, vêm provocá-la a ir até onde nós e outros, ainda mais necessitados, estão. A UnB, mais uma vez, vem até o Paranoá, agora representada pela Faculdade de Educação. É o final do primeiro semestre de 1986.

O desejo coletivo de mudar, de fazer, de transformar nos conduz a uma discussão histórica dentro da academia e da comunidade. A Universidade de Brasília vai para a comunidade impulsionada e demandada por esta própria comunidade.

Não é o primeiro contato com a Universidade, mas é muito significativo. Não se trata de um projeto técnico ou da redação de uma defesa institucional ou consultoria jurídica como já havia acontecido tantas outras vezes.

A demanda à UnB é relaciona à educação. E sabemos que não deve ser igual a que é oferecida na escola. Temos o projeto na cabeça, precisamos entender como fazer ele funcionar. Não é a Universidade fazer por nós, mas nos auxiliar na discussão, implantação e operacionalização.

A Vila Paranoá encontra acolhimento na Faculdade de Educação da UNB. O

³⁴ Neste tempo a Universidade de Brasília não funcionava à noite o que dificultava ainda mais o acesso à universidade, pois tínhamos que trabalhar e não havia como estudar durante o dia.

grupo de Educação da Associação de Moradores provoca a Universidade a discutir, com a comunidade, uma proposta de alfabetização de jovens e adultos. Proposta esta que atenda não apenas ao anseio da leitura e da escrita, mas estes atrelados e entrelaçados aos enfrentamentos e anseios da comunidade.

Nas ruas, ruelas e becos do Paranoá ardia o desejo de uma vida diferente. Quando demandamos à UnB uma educação popular de jovens e adultos, que atenda aos anseios do movimento popular, temos muito claro que nosso objetivo é uma educação transformadora. Sabemos o quê e para quem queremos essa educação. O como fazer essa educação será uma descoberta conjunta, não temos a receita, apenas o desafio.

Coordenados pela Professora Marialice Pitaguary, a quem rendo aqui nossas homenagens, um grupo de alunos (lembro da Norma, Cirnei e Valéria), chegam e o desafio começa a ser superado no segundo semestre de 1986.

Mas a Professora Marialice nos desafia saber qual o universo de não alfabetizados na Vila Paranoá. Provocação que já havia sido feita por muitas vezes pelo próprio governo, até como argumento para justificar a ausência de escola na Vila. Decidimos realizar um censo na Vila Paranoá. Chamo Lourdes, que conversa com Renato (Reis, 2000,p 30), para refrescar minha memória:

“Esse primeiro censo foi muito importante. Porque nem nós, nem a FEDF, nem a UNB tínhamos claro o número de analfabetos numa população de quase 35 mil pessoas, que o Paranoá já tinha. E mais de uma vez, os governantes indagaram de nós: para quê alfabetização de jovens e adultos no Paranoá? Quantos analfabetos lá tem? E nós não sabíamos a resposta. Diante dessa necessidade criada no enfrentamento com o governo, acertamos a realização do censo com a universidade. Foi um censo muito discutido e feito de casa em casa, não foi por amostragem. foi muito interessante, porque não ficamos sabendo só quantos analfabetos tínhamos, mas, sobretudo, aprofundamos nosso conhecimento dos problemas da própria comunidade: quantos desempregados, tipo de profissionais que tínhamos, o que a comunidade pensava, a origem das pessoas, onde trabalhavam, quantos moravam em cada casa(barraco). Muitas instituições, como a Igreja, a LBA e a própria FEDF utilizaram esses dados em seus trabalhos aqui. A própria Secretaria de Saúde utilizou nossos dados para implementar ações de saúde aqui. Esse censo em muito veio fortalecer a nossa proposta de alfabetização, nossa aproximação com a

comunidade e outras instituições. Crescíamos na alfabetização, utilizando os espaços comunitários e continuávamos os outros trabalhos, o da luta pela fixação e dos equipamentos comunitários para o Paranoá. Nesse tempo, aparece todo um esforço para que esse nosso grupo fosse destituído da Associação de Moradores.”

O primeiro censo da história do Paranoá é organizado pela Associação de Moradores. Vieram muitas pessoas de outras associações, sindicatos, organizações e grupo de jovens de outras igrejas, inclusive católica. Foi um dia de muita animação na Vila Paranoá.³⁵

Neste mesmo período estava o conflito pela fixação e urbanização da Vila, já narrado anteriormente. Por isso a Lourdes ressalta o esforço em nos retirar da Associação de Moradores. Fica mais evidente o quanto este grupo incomoda o governo, pois não é subserviente a ele. É um grupo que mobiliza outros segmentos da sociedade para defesa de nossa causa e mantém a imprensa alimentada de notícias sobre a Vila. Isto é ruim para o Governo e muito bom para nós.

Nesta trajetória só podemos nos identificar com um processo de alfabetização que leve em conta a historicidade do alfabetizando e da comunidade. Que o aprender a ler e escrever esteja intrinsecamente ligado à superação do processo de exclusão social que sofremos e de enfrentamento dos problemas e desafios. Provocar a mudança/superação no sujeito com a mudança/superação na/da comunidade.

A professora Marialice trabalha a formação para alfabetização de jovens e adultos com os alunos na UNB. Já que a Faculdade de Educação, em 1986/1987, tem o seu currículo todo voltado para a educação de crianças, é preciso estudar sobre Alfabetização de Jovens e Adultos.

Depois foram trabalhadas sete educadoras em uma turma piloto com cinco

³⁵ ANEXO 12 – Censo do Paranoá e ANEXO 13 Ficha de cadastramento do censo

alfabetizando e alfabetizadas. As educadoras, que me recordo agora e pena que não temos os nomes completos de todas sou eu, Maria de Fátima Oliveira (Fatinha), Maria de Lourdes Pereira dos Santos (Lourdes), Maria de Fátima Evangelista (Fatona), Maria Aparecida, Maria Zilma e Maria Alves

Esta primeira turma, no primeiro semestre de 1987, foi montada na sala da Capela São Geraldo, que foi oferecida por Padre José para os trabalhos de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Conhecemos Emília Ferreiro e suas idéias da psicogênese, Paulo Freire e seus ideais de educação libertadora e nos encontramos educadoras e educadores. Alfabetizadoras na educação popular. Eu estava no magistério, mas minha aprendizagem como educadora se dava mais no movimento popular e nos encontros noturnos com alfabetizando/alfabetizadas, educadoras/educadores e alunos da UnB do que nas duras cadeiras da Escola Normal de Brasília, de onde vou falar mais adiante.

No segundo semestre de 1987, estamos assumindo turmas e abrindo novos espaços na Vila. Fica uma turma na Capela São Geraldo, uma no Movimento Bandeirantes, uma na LBA³⁶ e uma na sede do Projeto Rondon. Em março perdemos a direção da Associação de Moradores e em seguida começamos as conversas sobre a criação do CEDEP.

Ainda no início do segundo semestre de 87, o Projeto passa a ser mais conhecido na Vila e muitos interessados começam a chegar. Estamos oficializando a criação do CEDEP e encaminhando as turmas da Alfabetização de Adultos.

Neste semestre passo por uma cirurgia que me impede de estar com minha turma de alfabetização. Eu divido a turma com a Valéria(da UNB) e ela passa a ficar com os

³⁶ LBA – Legião Brasileira de Assistência - era uma agência do governo federal, com programas de assistência a comunidades carentes, ligada ao Ministério do Serviço Social. A LBA foi extinta no início da década de 90.

alunos durante a minha recuperação. Recebo cartões escritos pelos próprios alunos.³⁷

A demanda de alfabetizandos vai aumentando e, depois de intensas conversas e acordos com o diretor da Escola Classe 01, inicia-se, em 1988 a alfabetização de jovens e adultos nas salas ociosas da escola, no período noturno. Neste período me ausento das aulas de alfabetização porque vou estudar a noite. Estou na Faculdade Dulcina, cursando Licenciatura em Educação Artística. Mas não me afasto dos planejamentos e encontros nos finais de semana. Mais adiante retomo este assunto.

A Professora Marialice continua conosco até 1989, quando se afasta por problemas de saúde e retorna a Ouro Fino-MG, sua cidade natal. Mas não ficamos sós. Presenteia-nos com sua presença e participação o Professor Renato Hilário dos Reis (Renato), que passa a coordenar o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos da Vila Paranoá, na UNB.

Convido Renato para nos contar com se dá sua chegada (e ficada) por estas bandas, (REIS, 2000: 40):

“minha participação no Projeto Paranoá começa com um levantamento oral e documental junto a alfabetizadores, dirigentes do já CEDEP e alunos da Universidade de Brasília, quanto à concepção e procedimentos metodológicos-pedagógicos vigentes até então. Isso permite me situar nos avanços e dificuldades da caminhada histórica da Vila Paranoá e do Projeto Paranoá...Redijo, então, a partir de documentos coletados, conversas e entrevistas realizadas, um relatório em que tento precisar a concepção e a operacionalização de alfabetização.”

O relatório do Professor Renato vira uma apostila com o título: O Caminho da Alfabetização de Jovens e Adultos no Paranoá, em setembro de 1990, na Faculdade de Educação da UnB.

A chegada do Renato dá um novo fôlego ao projeto, porque entre nós tem o

³⁷ ANEXO 14 – Cartões de alfabetizandos

medo da Universidade se ausentar do processo por falta de professor(a) interessado(a) na construção de uma proposta tão alternativa e diferenciada de educação. Conhecemos Renato. E ele também nos conhece. Somos apresentados. Nos apaixonamos. Obrigada Renato pelo seu acolhimento à nossa causa.

Outros departamentos, institutos e faculdades da UnB vão se aproximando de nós. Conquistados por Renato, o meio acadêmico atravessa o Lago, não a nado, mas nadando entre o saber científico e o popular, entre a ciência e a sapiência.

Ao se juntar a nós, trazem de si e levam de nós. Trazendo a fala do personagem lavrador nas imagens do documentário de Francisco Assis (ASSIS, 1983) que complementa: “Porque cada cabeça é um mundo. Você com a sua cabeça traz um mundo para mim. Eu com a minha cabeça dou um outro mundo a você”.

E outros saberes se juntaram a nós. Saberes da lingüística, da psicologia, da ciência da computação. E nossos saberes produzem conhecimento acadêmico. E nossos saberes juntos dão movimento, inquietam, dão vida e dão razão ao conhecimento. Nossos saberes juntos fortalecem a luta popular e a universidade se abre às diferenças e ao diferente.

O aumento das turmas de alfabetização se dá de forma gradual, conforme novos educadores e educadoras vão sendo formadas e, em 1996, chega-se a um número de 35 turmas entre área urbana e rural.

Nesta ocasião utilizamos as salas de aula das escolas públicas para a maioria das turmas. Com a eleição dos partidos de esquerda para o Governo do Distrito Federal, em 1995, uma proposta de gestão democrática nas escolas do DF e com diretores mais identificados com as causas da comunidade (porque havia diretores que eram moradores no Paranoá), o acesso às escolas do Paranoá torna-se mais fácil.

Mas, em 1998, com novas eleições no Distrito Federal, a proposta vencedora é contrária à utilização das salas de aula ociosas na rede pública, para o movimento popular. As salas são fechadas, em 1999, para a alfabetização de jovens e adultos e o número de turmas é reduzido porque não há mais tanto espaço físico disponível ao projeto.

Somente uma escola continua aberta à Alfabetização do CEDEP. A Escola Classe 03 do Paranoá, da qual eu era diretora e cumpria mandato eletivo até dezembro de 1999. Após a minha saída da direção e da escola, a nova direção segue o exemplo das demais escolas e fecha as salas para a educação popular.

Hoje, junho de 2007, as turmas funcionam no CEDEP (3 turmas), na Igreja Anglicana (1 turma), de quem somos parceiros desde 2000 e no Itapuã (2 turmas).

É curioso ressaltar que na medida em que as turmas de alfabetização popular do CEDEP são fechadas por falta de espaço físico, também há uma decrescente matrícula e permanência na Educação de Jovens e Adultos da rede. Esta suposta ausência de demanda dá justificativas ao governo para diminuir também a sua oferta. As escolas de Educação de Jovens e Adultos começam a ser fechadas gradualmente. Com isto comprova o descaso dos governos em políticas públicas de expansão e continuidade da oferta de EJA.

A Alfabetização de Jovens e Adultos vem não só compor o CEDEP como é um dos fatores que sustenta a sua criação. Nestas duas décadas de trabalho voltado para a superação da desigualdade social, o CEDEP tem atendido, ininterruptamente, a alfabetização de jovens e adultos no Paranoá. Sempre na perspectiva de superação e enfrentamento dos problemas e desafios pessoais e/ou coletivos. Na certeza de uma educação transformadora/libertadora.

1.5 - O PARANOÁ PRESENTE

A região Administrativa do Paranoá foi criada em 10 de dezembro de 1964, através da lei 4545, desde então já passou por muitos outros decretos alterando a sua área geográfica. Hoje a RA VII possui aproximadamente 60 mil habitantes o que representa 6% da população do DF.³⁸

Tem a segunda maior área rural do DF, compreendendo 14,7% da área total do Distrito Federal³⁹. A RA VII tem como sede administrativa a cidade de Paranoá, que fica a 25km da Rodoviária do Plano Piloto³⁹.

Deposita sua maior aglomeração urbana na cidade de Paranoá onde há também uma concentração de equipamentos públicos como hospital, escola de Ensino Médio e Educação Infantil e Delegacia além de farto ambiente comercial.

Ao atender a comunidade do Itapuã (invasão que surge inicialmente a partir da demanda dos antigos moradores que não receberam lote), os equipamentos públicos do Paranoá vêm sofrendo sobrecarga no atendimento e caindo ainda mais a qualidade do serviço prestado à comunidade.

Itapuã e região⁴⁰, inclusive condomínios, com aproximadamente 80 mil habitantes, não tem escola, posto de saúde, delegacia ou posto policial. Está oficialmente ligada à RA de Sobradinho, mas geográfica, política e historicamente ao lado do Paranoá. Mas esta é uma questão que demanda outra dissertação.

³⁸ Fonte Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e habitacional - SEDUH e Administração Regional do Paranoá.

³⁹ O Plano Piloto é considerado a região central de Brasília e a Rodoviária do Plano Piloto é o ponto de referência para cálculo de distância entre as cidades e a região central da Capital Federal.

⁴⁰ Que compreende Itapuã I e II, Del Lago I e II e Fazendinha.

A cidade de Paranoá atualmente sofre com a violência, transporte insuficiente e, embora com um novo hospital, o atendimento à saúde continua precário. Mas a educação é uma preocupação constante.

Como as demais cidades do Distrito Federal, o Paranoá possui uma Administração Regional que é ocupada pela força política de plantão. Temos três experiências com Administradores que são moradores do Paranoá. Cito uma mulher, Maria Delsione (a mesma que sai do TUCA, ocupa a Presidência da Associação de Moradores e faz greve de fome), ocupa o cargo de Administradora do Paranoá por quatro anos, de 1995/1998, durante o Governo Democrático e Popular.

Não vou me ater a uma explanação do período político em que nosso grupo ocupa a Administração Regional sob o risco de me alongar demais e levar a presente contextualização para um campo muito distante da nossa pesquisa.

Não temos representação própria na Câmara Distrital nem na federal, o que faz do Paranoá “terra de ninguém” e fica sujeito a todo tipo de articulação política para conquistar votos e apoios.

Quase toda área urbana é servida de iluminação pública e todas as residências têm acesso à energia elétrica e água tratada. Também o esgoto atende a todas as residências da área urbana e o asfalto já chegou a 100% da cidade.

A economia local é movimentada pelo comércio que, em crescimento, inclusive pelo avanço dos condomínios em áreas próximas, vem recebendo lojas e empresários de fora da cidade para investirem no local. O forte na área rural é a agricultura no plantio de soja, feijão, milho e hortaliças.

Já tem agências bancária e clínicas de saúde e laboratórios particulares estão também se sedimentando. Outros segmentos do atacado e varejo e pequenas indústrias.

Das forças comunitárias que seguiram a trajetória na história do Paranoá e que ainda permanece em funcionamento posso citar apenas o CEDEP. Mesmo assim, este vem passando por crises de mobilização e trabalho. Não muito diferente do que tem acontecido com a maioria das organizações populares no Brasil, nesta última década.

A Associação de Moradores pegou fogo em um suposto acidente, em 2005, e nada restou além das cinzas. Parte da história da Associação de Moradores sobrevive graças aos arquivos do CEDEP. A Prefeitura Comunitária não apresenta mais nenhuma expressividade política ou comunitária.

1.5.1 – A REDE PÚBLICA DE ENSINO NO PARANOÁ

Como tenho priorizado neste primeiro capítulo o resgate de uma trajetória em que me constituí, e me constituo na medida em que remexo minhas memórias, devo relatar como se dá a presença da Regional de Ensino no Paranoá.

A Regional de Ensino, hoje chamada de Gerência de Ensino, destina-se a organizar e mesmo gerenciar um número de escolas em uma determinada Região Administrativa. Assim, cada cidade deve ter a sua Gerência de Ensino que é diretamente subordinada à Secretaria de Educação.

Até 1995, nada se discute na educação do Paranoá que não passe pela Regional do Plano Piloto. Esta tem sob sua responsabilidade todas as escolas do Centro de Brasília (Asa Sul e Norte), mais Lago Sul, Lago Norte, Varjão e Paranoá. Tudo muito distante

de nossa realidade. São terríveis embates pedagógicos e políticos. O Paranoá recebe o que sobra do Plano Piloto. Se sobrar.

Com as direções eleitas, em 1996, começamos a discutir a Regional do Paranoá. Ela é criada a partir do movimento organizado pelos diretores eleitos para as escolas do Paranoá com a participação dos Conselhos Escolares também eleitos. Este movimento pressiona a extinta Fundação Educacional e mesmo a Secretaria de Educação na implantação da Regional de Ensino do Paranoá.

É organizado um fórum representado por todos os segmentos, de todas as escolas do Paranoá, e discute-se o perfil pedagógico e administrativo que se quer implantar no Paranoá. A discussão rende, em 1987, o início das atividades da Regional de Ensino do Paranoá, com a direção da Regional escolhida e aprovada pelo coletivo de diretores que se denominava Fórum de Diretores das Escolas do Paranoá.

Hoje a Gerência de Ensino do Paranoá trabalha com 24 escolas da rede pública dentre área urbana e na área rural, mais 03 conveniadas. As conveniadas são ligadas a organizações da Igreja Católica para atendimento a crianças na fase de creche, Educação Infantil e Ensino Fundamental até à quarta série.

Com o fim da gestão democrática nas escolas, a comunidade não participa da escolha dos diretores, o que acarreta ainda mais distanciamento na condução de políticas voltadas para a melhoria das escolas e da população do Paranoá. Com a participação minguada da comunidade escolar, os conselhos escolares não são representativos.

O que é planejado no início de ter uma Regional voltada para a realidade do Paranoá, nos aspectos pedagógicos, econômicos e administrativos, parece ter ficado para trás. O que se pode observar hoje é uma posição extremamente administrativa da Gerência de

Ensino e um distanciamento de políticas, propostas e projetos educacionais e educativos voltados para nossa realidade.

É possível dizer que a educação no Paranoá não vem atendendo à demanda. Os números do governo mostram que sim, mas as ruas do Paranoá afirmam que não. Sem escola e sem atividades de recreação, esporte, lazer e cultura crianças, adolescentes e jovens ficam sem ocupação e sem formação. O que acarreta um encontro com o mundo do crime, bem na calçada de casa.

Percebe-se um crescimento de escolas da rede particular na cidade. Algumas delas reconhecidas e com autorização provisória pela Secretaria de Educação. Outras tantas de fundo de quintal, sem nenhum controle ou fiscalização. A DRE Paranoá não tem dados oficiais sobre estes seguimentos

Dentre as escolas da rede privada no Paranoá, já é possível encontrar aquelas que atendem a Educação à Distância, dando certificação para conclusão do Ensino Fundamental ao Ensino médio. Curiosamente estas escolas crescem na medida em que as escolas da rede, que atendem à Educação de Jovens e Adultos, são fechadas. Esta não é uma realidade exclusiva do Paranoá.

Também há que se considerar o expressivo número de matrículas de crianças oriundas do Itapuã I e II, Del Lago e Fazendinha que, como já dito anteriormente, tem uma população estimada em 60 mil habitantes utilizando os equipamentos públicos do Paranoá por falta de infra-estrutura neste local.

Vale ressaltar que recentemente foi inaugurada uma escola nesta região, mas que ainda não atende toda demanda, neste sentido a maioria continua sendo absorvida pelo Paranoá. E, nos últimos oito anos o Paranoá recebeu apenas uma nova escola.

Temos hoje, na Gerência de Ensino do Paranoá, o seguinte quadro de distribuição de escolas da rede pública:

DISTRIBUIÇÃO DE ESCOLAS NA DRE PARANOÁ/2006 – TABELA 1

Nº	ESCOLA	LOCALIZAÇÃO		ATENDIMENTO					TURNO			
		Rural	Urbana	Educação Infantil	Ens. Fund. 1ª a 4ª	Ens. Fund. 5ª a 8ª	Ensino Médio	Educação de Jovens e Adultos	Ensino Especial	Matutino	Vespertino	Noturno
1.	ESCOLA CLASSE 01 DO PARANOÁ		X		X				X	X	X	
2.	ESCOLA CLASSE 02 DO PARANOÁ		X		X					X	X	
3.	ESCOLA CLASSE 03 DO PARANOÁ		X		X					X	X	
4.	ESCOLA CLASSE 04 DO PARANOÁ		X		X				X	X	X	
5.	ESCOLA CLASSE 05 DO PARANOÁ		X		X					X	X	
6.	ESCOLA CLASSE ALTO INTERLAGOS	X			X					X	X	
7.	ESCOLA CLASSE QUEBRADA DOS NÉRIS	X			X					X	X	
8.	ESCOLA CLASSE NATUREZA	X			X					X	X	
9.	ESCOLA CLASSE CAFÉ SEM TROCO	X			X					X	X	
10.	ESCOLA CLASSE CAPÃO SECO	X			X					X	X	
11.	ESCOLA CLASSE LAMARÃO	X			X					X	X	
12.	ESCOLA CLASSE ITAPETI	X			X					X	X	
13.	CENTRO EDUCACIONAL PAD-DF	X			X	X	X			X	X	X
14.	ESCOLA CLASSE BURITI VERMELHO	X			X					X	X	
15.	ESCOLA CLASSE SUSSUARANA	X			X					X	X	
16.	ESCOLA CLASSE JARDIM II	X			X	X				X	X	
17.	ESCOLA CLASSE CARIRU	X			X					X	X	
18.	CAIC SANTA PAULINA DO CORAÇÃO AGONIZANTE DE JESUS		X	X	X					X	X	
19.	CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL 01 DO PARANOÁ		X	X					X	X	X	
20.	CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 01 DO PARANOÁ		X			X		X		X	X	X
21.	CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 02 DO PARANOÁ		X			X				X	X	X
22.	CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 03 DO PARANOÁ		X			X				X	X	X
23.	CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL DARCY RIBEIRO		X			X				X	X	X
24.	CENTRO DE ENSINO MÉDIO 01 DO PARANOÁ		X				X	X		X	X	X
25.	CRECHE SÃO JUDAS TADEU - CONVÊNIO		X	X								
26.	CRECHE MEDALHA MILAGROSA - CONVÊNIO		X	X								
27.	COLÉGIO JOÃO PAULO II - CONVÊNIO		X	X	X					X	X	

FONTE: GERÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DO PARANOÁ/2006

Pelo quadro acima podemos observar que a única diferença no número de escolas da área urbana (15) com a área rural (12) está no atendimento às conveniadas (03). As escolas da área rural são muito recentes na Gerência do Paranoá, pois as mesmas, devido sua localização ser mais próxima geograficamente, pertenciam as Regionais de Sobradinho ou Planaltina.

A maioria das escolas é do Ensino Fundamental e funciona no diurno, em turnos matutino e vespertino. Outro ponto a ser observado está relacionado ao número de escolas que atendem à Educação de Jovens e Adultos, duas no total. Se considerada apenas a população do Paranoá e Itapuã, em aproximadamente 100 mil habitantes, já é dado suficiente para justificar um maior investimento em educação como um todo e, principalmente, com a Educação de Jovens e Adultos.

A Tabela 2, a seguir, nos apresenta as matrículas por faixa escolar, no ano de 2006. Podemos perceber um número bastante inferior dos alunos de nível médio se comparados aos alunos do Ensino Fundamental, séries finais. Importante também observar o baixo número matriculados na EJA, principalmente no primeiro segmento.

DISTRIBUIÇÃO DE MATRÍCULAS NA DRE PARANOÁ/2006 – TABELA 2

FAIXA ESCOLAR	TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS/06
Educação Infantil	1.421
Ensino Fundamental Séries Iniciais	7.177
Ensino Fundamental 5 ^a a 8 ^a	6.186
Ensino Médio	1 ^o ano – 922 2 ^o ano – 765 3 ^o ano – 626 TOTAL - 2.313
Educação de Jovens e Adultos	1 ^o segmento – 270 2 ^o segmento – 1.184 3 ^o segmento – 524 TOTAL - 1.978
TOTAL	19.075 *

FONTE: GERÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DO PARANOÁ/2006

Estas 19.075 matrículas estão distribuídas a um número aproximado de 772⁴¹ professores no Paranoá. O número de professores inclui da Educação Infantil ao Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, nas direções de escola e seções da Gerência de Ensino, considerando efetivos e contratos temporários.

* Os números estão relacionados às matrículas ativas, não constam dos dados fornecidos as matrículas trancadas, desistentes e evadidas.

⁴¹ Conforme dados do SIGRH – Serviço Integrado de Recursos Humanos do Governo do Distrito Federal. Módulo 2 – Ativos – 2.1. Indicadores do Corpo Funcional – p. 14

Infelizmente até o presente momento a DRE Paranoá não dispõe de levantamento dos professores lotados por faixa escolar, nem para seu próprio controle, tão pouco para colaborar com nossa pesquisa.

Um fator que tem apresentado especial curiosidade é quanto ao novo perfil dos/das atuais professores/as do Paranoá. É possível observar uma tendência em permanecer mais tempo trabalhando na mesma escola, e no Paranoá. Isto porque uma significativa parcela mora em condomínios próximos ao Paranoá ou estão em processo de mudança. Para estes trabalhar no Paranoá parece vantajoso na medida em que se está perto de casa.

Como a pesquisa vai buscar os educadores/as egressos/as da alfabetização popular de jovens e adultos inseridos na rede pública de ensino no Paranoá, vou trabalhar apenas com os dados das escolas da área urbana. Dados estes que retomo no Capítulo 5.

No capítulo seguinte, dando continuidade ao processo histórico que me conduz até o mestrado, trago minha trajetória pessoal dentro do Paranoá. Conflitos e enfrentamentos que passam a ser também meus na medida em que sou/estou envolvida com o movimento popular e com a educação popular e pública no/do Paranoá.

CAPÍTULO II

O CAMINHAR ME CONSTITUI EDUCADORA/PESQUISADORA

*“Pois aqui está a minha vida.
Pronta para ser usada.
Vida que não se guarda
Nem se esquivava, assustada.
Vida sempre a serviço da vida.
Para servir ao que vale
A pena e o preço do amor.*

.....
*Por isso é que agora vou assim
No meu caminho. Publicamente andando
Não, eu não tenho um caminho novo
O que tenho de novo
É o jeito de caminhar.”*

Thiago de Mello

Pelo caminho nas ida/vindas, encontros/reencontros/desencontros, embates/rebates, avanços/recuos, significação/resignificação cá estou. Numa constante busca/encontro de educadora/pesquisadora. Porque o ato de constituir-me não é único. É constante. É coletivo. É sempre começo.

A doce Roseli (FONTANA, 2003:180) vem me dizer que “no tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas, desejos, movimentos, formas perdidas na memória”. Respondo. Quanta memória. Minha, do outro, nossa.

Posso afirmar, que as relações sociais em que estou inserida neste caminhar me constituiu e me constitui. É na contradição destas relações que estou em constante transformação. Sou um ser mutante.

Ser/estar sujeita pesquisadora e pesquisada, aprendente ...aprendiz de mim

mesma e do outro. Minha história não é uma história comum, uma história qualquer. O ambiente em que esta história se constitui não é um ambiente comum, um ambiente qualquer. Esta é uma história própria, única. Com múltiplas visões, possibilidades e interações.

2.1 - A CHEGADA E O ENVOLVIMENTO COM O MOVIMENTO DA VILA PARANOÁ

O ano é 1981. Exatamente no mês de agosto chegamos na Vila Paranoá. Eu, minha mãe Izilda e meu padrasto Lourival Braga (Braga), de quem agora me recordo com muita saudade. O Braga me dizia que nós estávamos ali, mas não éramos dali. Com sua filosofia quer me fazer entender que esse modo de viver não nos pertence. Que as dificuldades que vivemos não são dignas de brasileiros e brasileiras.

Nossa chegada é junto com cerca de mil famílias que vieram para a Vila Paranoá. Não se sabe ao certo a quantidade de barracos construídos. É impossível chegar a um número exato, tamanha a confusão formada.

A comunidade quer engrossar o movimento no Paranoá (mais tarde entendi que era uma das estratégias de luta pela fixação), e o Governo, por meio de força policial e da TERRACAP, derruba os barracos. De um lado e a gente constrói, do outro a polícia derruba. Derruba de dia e a gente constrói de noite.

Sofremos pressões, perseguições, humilhações, medo e insegurança. Não nos resta outra alternativa. Ficamos, superamos e com muita resistência conseguimos entrar na Vila Paranoá e fixar nosso “barraquito”. Nosso novo endereço: Rua Bom Pastor, 1960. O *Bom Pastor* é por conta da uma igreja evangélica ao nosso lado, que deu nome à rua, 1960 é o número do nosso barraco.

Também com ajuda da mãe e do Braga, instalamos o vizinho que já era conhecido nosso, D. Maria e Seu Nozinho, e que mais tarde, inclusive, deram seu filho mais novo, Jefferson, para ser batizado por mãe e por Braga.

Ainda é muito comum a chegada de conhecidos e parentes. É assim que a Vila Paranoá cresce. Cada morador tem ao menos a história de um parente, amigo ou conhecido que trouxera para a Vila Paranoá.

Falta tudo. Durante a noite escutamos os tropeços dos cavalos da Polícia Militar nos vigiando. Há barreiras de policiais nas estradas do Paranoá e tudo é revistado e revirado. Não é permitido que se entre com nada que possa construir moradia. Nada de madeira, lonas, estacas. Nada de móveis, fogão, colchão, cobertor. Nada de malas.

Aqui minha memória é auxiliada pelas lembranças de minha mãe que sentia/vivia mais de perto a dificuldade visto que não apenas se submetia a elas, mas também tinha que me expor aos mesmos enfrentamentos.

Estou com 13 anos. Por ter chegado no meio do ano continuo estudando na escola do Lago Norte onde minha mãe trabalha. Lá curso a quinta série. Minha convivência com a Vila Paranoá nos seis meses seguintes é apenas nos finais de semana, pois saímos de casa pela manhã e retornamos à noite.

Em 1982, estou estudando na Vila Paranoá, no Colégio Velho⁴². Agora curso a 6ª série do ensino fundamental. Venho estudar no Paranoá ainda com muita resistência. Minha mãe também foi transferida para esta escola e assim, ela trabalha manhã e tarde e eu estudo à tarde na mesma e única escola.

⁴² O Centro de Ensino do Paranoá era conhecido como Colégio Velho por ser o mais antigo do Paranoá e um dos primeiros do DF. Com estrutura em madeira corrida, a escola não tinha muro. Era protegida por uma cerca de arame. Tinha inicialmente três blocos com quatro salas e o bloco da parte administrativa. Era um dos pontos de referência na Vila Paranoá.

Passo a conviver mais de perto com a comunidade. Também minha convivência com os movimentos e enfrentamentos se estreita. A convite de uma vizinha, vou à missa na Capela São Geraldo num domingo à tarde, único dia e horário de celebração que tem na semana.

Neste mesmo dia conheço o grupo TUCA. Nos outros domingos que seguem lá estou eu indo à missa. É o ponto de encontro de jovens, moradores novos e antigos. Depois da missa, em frente à capela, ficamos reunidos a conversar.

É num desses domingos que eu conheço mais de perto a Delsione, a Lourdes, o João Gomes Pereira (João do Violão) e outros do Grupo TUCA. Ao término da missa, celebrada por Padre José, este dá o aviso de que o Grupo TUCA está aberto a quem quiser participar. O encontro acontece logo após a missa, na sede do Projeto Rondon, que fica em frente à Capela São Geraldo.

Ao chegar no lugar marcado, encontro muitos jovens, alguns mais velhos que eu, outros mais novos. Lembro-me com carinho deste momento. Sou recebida por Delsione. Sou apresentada e apresento-me aos demais. Sou acolhida tão bem que cá estou, vinte e cinco anos depois.

Sigo para a luta com elas e eles. Como já disse no capítulo anterior, é o TUCA² quem sai para as ruelas da Vila Paranoá nos enfrentamentos. Organizando a mobilização da Vila.

O envolvimento com o Movimento Popular já está intenso na minha caminhada pelos becos, ruas e ruelas do Paranoá. O movimento comunidade/escola/comunidade fortalece a identificação e opção por estar/ser/constituir/contribuir, para que algo mude em melhor na vida da comunidade da qual

eu já faço tão parte dela quanto ela de mim.

O que é resistência de início, cria identificação e vira compromisso de vida. Estou na adolescência e também nos barracaços, painelaços, assembléias comunitárias, ruas de lazer e muitas, muitas reuniões. Sinto seriedade e importância nas discussões que se travam noite adentro e finais de semana inteiros.

Começo a entender que as coisas se movem politicamente. Que a minha participação é importante para se atingir uma meta que é de todos e para todos. Mas que a minha única participação não é tudo. Será necessário envolver outros da comunidade.

A minha participação, enquanto educanda, na única escola da Vila começa a refletir os embates sofridos fora dela. Com um grupo de alunos que se torna mais atuante dentro e fora da escola, criamos e conquistamos, via eleição, o CCE (Centro Cívico Escolar) do Centro de Ensino do Paranoá, o Colégio Velho. Mais tarde ele muda de nome para Grêmio Estudantil.

2.2 - UMA NOVA AULA NUMA ESCOLA VELHA

- A experiência de conhecer Nelson Ramos Filho (Nelsinho)⁴³ e sua participação no movimento pela Fixação da Vila Paranoá

No Colégio Velho falta de tudo. Equipamentos, recursos, água e energia. O lanche é feito quando dá pra fazer. A estrutura da escola é de madeira, não há educação infantil, a quadra de esporte para educação física é na terra, com um pequeno acimentado no meio.

Mas logo descubro que algo se destaca nesta escola e dá alegria àqueles

⁴³ Nelson Ramos Filho, o Nelsinho, era professor de artes na extinta FEDF, hoje SEE/DF. Desiludido com a educação demitiu-se na década de 90 e montou um restaurante em sua casa no Lago Sul, O Quintal. Alguns anos mais tarde, mudou-se para Búzios onde tem um restaurante com o mesmo nome e é considerado um grande *chef*.

alunos. As aulas do Professor Nelsinho, como carinhosamente é chamado por todos da escola. Nelsinho chega na escola de Fusca, mora no Lago Sul, mas é gente como a gente. Nós sentimos isso no seu olhar, no seu sorriso e no seu compromisso conosco, com a comunidade e com a educação. Nelsinho é o professor de artes, a aula mais querida e esperada da escola.

As aulas de artes acontecem num galpão que ele próprio organiza com sacrifícios, projetos, apoio e com recursos do próprio bolso. Não são consideradas aulas, mas encontro marcado. Daqueles que ninguém quer perder. A matéria prima vem de sucata e o objeto de estudo é a nossa vida e nossos sonhos. Enfrentamentos e conflitos.

O trabalho envolve todas as turmas de 5ª à 8ª série do colégio. As cenas são retiradas de nossa vida e retratam nosso cotidiano. Viram histórias musicadas, misturando realidade, sonhos e fantasias. Assim, a cada ano um espetáculo: *Lata d água na cabeça – 1981/82; Alô, Alô! Paranoá – 1983/84; Alô África – 1985/86.*

Com *Alô, Alô! Paranoá* pesquisamos o texto e construímos toda a história retratando nosso cotidiano nas conversas em volta de um orelhão, que é o único da Vila Paranoá. Na fantasia do teatro chamamos a atenção para nossos problemas.

Recordo-me da estrofe da música principal *Alô, Alô Paranoá*: “*Alô, Alô/Alô, Paranoá /Não dá pra esperar/Queremos brevemente/Estruturar este lugar/Venham, venham/Logo sem demora/Há tempos que esperamos/Está mais do que na hora/De decidir onde ficamos.*”

Nelsinho nos leva a pensar, refletir e construir/reconstruir de forma crítica. Nos conduz ao envolvimento com os problemas do nosso cotidiano e a inquietação. E ele vai conosco. Sai da escola e vai para a comunidade, traz a comunidade para a escola. Por isso as nossas aulas/encontros tem vida. É a nossa vida contada/cantada ali. É uma extensão de nós.

Nelsinho acredita na nossa organização popular do Paranoá e nos estimula, enquanto alunos, a participar dos movimentos da comunidade. A *contaminação saudável* das aulas de artes flui nas nossas posições críticas nas demais disciplinas. Incomoda muitos professores, mas nos torna sujeitos ativos e críticos para além da sala de aula.

Nelsinho poderia ter agido como muitos professores que por ali passaram e ainda passam. Ignorando nossa realidade e dando-nos a entender ser normal viver daquela forma. Mas ele optou por buscar na realidade a razão de suas aulas, a razão de estar ali, naquela escola, naquela comunidade, naquele momento. E dar razão às nossas lutas enquanto comunidade e enquanto seres humanos. Com isso, a escola faz a diferença.

A mobilização dos alunos da única escola da Vila Paranoá, para as atividades do movimento popular, acontece de dentro pra fora e de fora pra dentro, num contínuo movimento de ação/reflexão/ação. A escola é movimento popular naquele momento. Eu estar na escola, o que faço na escola, está dentro do princípio de vida que eu tenho. O mesmo princípio de vida que me faz estar no movimento popular.

2.3 -A OPÇÃO PELO MAGISTÉRIO

Durante a 6^a, 7^a e 8^a série, precisamente nos anos de 1982, 83 e 84 estou envolvida no movimento com a comunidade, nas aulas de artes do Nelsinho no Colégio Velho e no movimento com o Centro Cívico Escolar. Uma atividade complementa a outra.

Quando o grupo Pró-Melhorias, que coordena os movimentos de luta, vem compor a direção da Associação de Moradores do Paranoá, eu passo a me envolver mais efetivamente nas atividades da comissão de educação e cultura. O envolvimento com a educação é constante e diário. Creio que isto facilitou a minha opção para o magistério, em 1985, na Escola Normal de Brasília.

Naquela época, era necessário passar por prova de seleção na considerada mais gabaritada escola de formação de professores do DF. Passamos eu, Fatinha (que vem a ser educadora popular), Marly, Osivânia, Lidú, Luiza e... por hora é o que me recordo.

A opção pelo magistério me vem carregada de boas lembranças de professores, muitos, mas em especial, a professora Maria Rita, professora Maria Cândida (que me ensinou a tocar flauta), professora Berenice e o professor Nelsinho.

Esta reflexão hoje me reporta o quanto cada um destes professores tem de amorosidade, cumplicidade e envolvimento com a causa dos menos favorecidos. A influência de cada um e cada uma na minha opção e formação como educadora não pode ser negada ou camuflada. A minha própria postura no movimento popular carrega traços destes educadores.

Constituir-me professora foi mais por razão que por emoção. É o caminho lógico trilhado à contribuição social, política e transformadora como projeto de vida. Uma opção de vida.

Estar na Escola Normal não é fácil. Problemas financeiros. Preciso passar o dia todo na escola. Levo marmita e pão com ovo. Recebo da APM (Associação de Pais e Mestres) da escola um vale lanche por dia, dado às alunas e alunos mais carentes. Assim passam-se os três anos. Todos com embates no sistema e fora dele.

O que aprendo na Escola Normal não me parece nada normal. Nossas aulas caminham para um rumo totalmente ao oposto do que discutimos na comunidade e isto me leva ao conflito com professores e até colegas de turma que não entendem o que eu quero expressar.

Em 1986, com a implantação da alfabetização popular de jovens e adultos

na Vila Paranoá, lá estou na turma piloto como educadora aprendiz.

Durante o magistério, continuo atuando no projeto de alfabetização de jovens e adultos e nas atividades de cultura que desenvolvemos na comunidade. Os enfrentamentos e movimentos da Vila dão o tom aos meus trabalhos escolares, que nem sempre são compreendidos pelos professores.

Faço todo o estágio do curso magistério no Colégio Velho da Vila Paranoá. Também é um período que consigo estágio remunerado na LBA, onde faço acompanhamento pedagógico com as crianças.

Vem a formatura em 1987 e em seguida, janeiro de 1988, a aprovação no vestibular para Educação Artística na Faculdade de Artes de Brasília, mais conhecida como Faculdade Dulcina de Moraes. Minha opção por Educação Artística também é influenciada pelo trabalho popular no campo cultural e, pelas boas e saborosas lembranças das aulas com Nelsinho.

Forçadamente cursei uma faculdade particular pois naquele tempo, 1988, não existia curso noturno na Universidade de Brasília. Cursei a faculdade graças ao Crédito Educativo⁴⁴ e aos bolos e salgados que eu fazia e vendia na porta da faculdade Dulcina.

Ao ingressar na faculdade precisei me afastar da alfabetização de jovens e adultos durante a semana, pois estava com o turno noturno também ocupado. Mas não me afasto do grupo, tão pouco das discussões, encontros, planejamentos e atividades de final de semana.

Agora trago as vivências da faculdade de artes para nossos trabalhos na Vila

⁴⁴ Crédito Educativo é um antigo programa de financiamento estudantil do Governo Federal através da Caixa Econômica Federal. A Caixa me financiou quatro anos da faculdade, e eu paguei a caixa em oito anos. O crédito educativo foi substituído pelo FIES – Financiamento Estudantil, com é conhecido hoje.

Paranoá. E levo nossas vivências para a faculdade de artes. Estas vivências se transformam em quadros, ilustrações, textos, interpretações teatrais e reflexões. Uma realidade complementa a outra. Entre conflitos, as duas se completam.

2.4 – O REENCONTRO COM A REDE PÚBLICA: PERCEPÇÕES E ENFRENTAMENTOS NA CAMINHADA.

Em outubro de 1989, ingresso, via concurso, na extinta Fundação Educacional como professora de 1ª a 4ª série. Das colegas da Vila Paranoá que cursaram o magistério na mesma época, sou a primeira e ingressar na rede pública.

O episódio da contratação é um momento marcante nesta caminhada. Depois de ter esperado por um longo tempo na fila das professoras novatas (e bem novas), sou a última a ser atendida. Entregue os documentos e preenchido todos os formulários vou finalmente para a mesa que irá providenciar minha lotação. A cidade e a escola em que vou trabalhar.

Nesta época o concurso é geral e não se escolhe a cidade que quer trabalhar quando convocada. A candidata vai para onde tem a vaga. O maior medo de qualquer normalista iniciante é ir para a área rural, porque fica muito distante do centro de Brasília e algumas inclusive é preciso ficar a semana toda na escola. Hoje é menos traumática a condição de transporte para a área rural, mas ainda não há muita aceitação.

A senhora que me atende, muito simpática, sorri e faz inúmeras considerações. Lamenta que é a última vaga que ela tem para aquele dia, pois todas as outras já foram preenchidas. Consola-me dizendo que se não desse certo a escola que ela me mandaria, eu poderia retornar no dia seguinte para ver se conseguiria outra vaga. A expressão

em seu rosto parece me dizer: coitadinha de você.

Lembro de sua fala doce e “bem intencionada”, - você está indo para uma comunidade muito carente, mas as crianças são muito carinhosas. Não se preocupe, pois logo conseguirá ser removida de lá, e, para compensar a distância, você vai receber uma gratificação por atividade rural. Não fica triste, e tome como uma grande experiência.

A série de considerações feitas pela senhora “mais experiente” e as dicas que ela me dava de como me comportar e me adaptar à realidade para onde eu estava indo “dar aulas”, associado ao suspense que ela estava fazendo, me assustou e logo pensei que estava indo para a comunidade rural mais distante possível.

Tão surpresa ela ficou ao ver meu sorriso, quase gargalhada, quando me disse em que local e em qual escola trabalharia. Preenchendo, não só a última vaga que ela tinha, mas única vaga da escola. Arregalou os olhos e admirada falou que nunca viu “*alguém ficar tão feliz por estar indo “dar aulas” na Vila Paranoá*”.

Enxugando os olhos marejados na mistura de sorriso com emoção, expliquei-a que além de ser moradora da Vila Paranoá, também teria sido aluna daquela mesma escola que agora ela me destina como professora. Como diz Santa Terezinha, “**Deus recompensa o esforço da busca**”.

Sou lotada na Vila Paranoá, onde ninguém quer ir trabalhar, devido à distância, a pobreza e à escassez de transporte público. Sou lotada na mesma escola em que eu havia estudado quando cheguei ao Paranoá. Na escola onde fundamos e dirigimos o Centro Cívico Escolar (CCE), na escola em que Nelsinho ainda trabalha. Na escola em que minha mãe também trabalha.

Sou lotada na escola da comunidade onde estou inserida nos trabalhos comunitários e políticos. Compromisso com a história, com a comunidade e com nossas lutas. O que é, a princípio, dificuldade para outros professores que chegam à Vila Paranoá, para mim e para nós é pauta de reivindicação. De luta.

Enquanto educanda já era questionadora do sistema de ensino, mas, ao assumir o cargo de professora deparei-me com um sistema público que bate de frente com a minha formação no movimento popular. Estes conflitos já existiam quando eu estava dentro do sistema como educanda, mas são mais fortes no momento de atuar neste mesmo sistema.

Recordo-me dos diversos momentos em que sou duramente questionada pela direção e até pelos demais professores sobre a condução do trabalho em sala de aula. A maneira como eu “desorganizo as carteiras da sala”, o “excesso de conversa dos alunos e com os alunos” na sala e os textos coletivos que não tratam nada do “conteúdo”. Aqueles alunos “precisam estudar” não é ficar “batendo papo sobre seus problemas” isso, “eles fazem em casa”.

A forma participativa e questionadora da aula é considerada “bagunça”. Trabalhar a realidade nos conteúdos é desnecessário e “sonhador”. Querer conhecer a história pessoal de cada aluno é perda de tempo. É tudo utopia.

Uma coisa é a Leila, estudante, ativa no movimento estudantil e no movimento popular. Aquela Leila que é aluna. Aquela Leila que é da educação popular, que fala de uma educação diferente. Lá fora, ela pode falar e fazer o que quiser, que não nos atinge. Outra coisa deve ser a Leila professora da escola pública.

Esta tem que seguir as ordens. Cuidado com o que fala. Cuidado com o que faz. Tem que ter “responsabilidade com o conteúdo”. Não pode questionar. Não pode

reivindicar. Não pode se preocupar com coisas vãs. O ano letivo tem prazos. Os alunos precisam de nota.

Para o Governo, para o sistema educacional e para alguns colegas, as duas não devem se misturar. Uma fica do portão pra fora, outra é do portão pra dentro. Para mim, não tem como separar, até por quê sou uma só. Sou dentro da escola a mesma Leila que sou fora dela. Não existem duas pessoas. São outros embates, outras lutas em um novo campo de batalha.

Não que já seja uma educadora libertária por natureza, nada disso. Sou educada e moldada numa educação bancária, autoritária e quadrada. Portanto sou também educadora bancária, autoritária e quadrada. Mas o constante movimento de ação/transformação/revolução/resignificação, dentro e fora de mim, me permite ser uma pessoa/educadora também em constante processo de mudança/transformação.

E a mudança não me tira das raízes, fortalece-me. Mudar dói. Crescer dói. Transformar dói. Mas é uma dor saudável que nos torna ainda mais fortalecidos.

Mas há também outra questão. Quando eu começo a trabalhar na FEDF a expectativa é grande no que cabe à minha atuação na escola. Lembro-me de que quando “tomei posse”⁴⁵, e apresentei-me no Colégio Velho, um ar duvidoso apoderou-se da escola e de alguns da comunidade. Não daqueles que estavam na linha de frente da batalha, daqueles que estavam nas trincheiras.

Para estes, via-se como uma conquista. Era como se tivéssemos conseguido furar o cerco de proteção e chegado em território inimigo. Havia um soldado nosso lá dentro, alguém para levar e defender nossos ideais e para trazer com precisão o que lá ocorria.

⁴⁵ TOMAR POSSE parece apoderar-se, dominar. Mas, TOMAR POSSE para quê? Porquê? Para quem?

Mas para outros, foi com preconceito que fui recebida. Uma coisa é Leila Maria, a jovem disposta e atuante nos trabalhos do movimento popular, com os mesmos problemas, carrega lata d'água na cabeça, luta pelos mesmos direitos. Outra coisa é Leila dar aula para as crianças da Vila Paranoá. Na escola do governo. Para a primeira coisa eu servia, para a outra não. Por que será?

A primeira turma que pego na escola é de uma quarta série. Os alunos são repetentes, bi-repetentes, tri-repetentes. A idade entre 13 e 16 anos. É o mês de outubro. Ninguém quer a turma que já havia passado por uns três ou quatro professores. Alguns pais se reúnem e vão à direção: *não queremos aquela professora, se os outros não deram conta de nossos filhos, ela mesmo é que não vai dar.*

Por que não? *O que ela vai saber ensinar para eles! Ela é daquele grupo do CEDEP que só sabe brigar. Queremos uma professora de fora, que só pensa em “dar aula”, e que sabe ser professora. E o que é ser professora?*

É de considerar que neste ponto do caminho nosso grupo já está bastante desgastado com os enfrentamentos com o governo local. Tem acontecido a greve de fome (1986), o barracão (1988) e também as discussões para a fixação já estão afloradas, pois o decreto de fixação é de 1988. E a proposta do governo é nos desqualificar. Lembra da Prefeitura e da Associação? Portanto, o discurso dos pais pode ter sido influenciado por esta conjuntura.

Mas por outro lado, qual a visão que a comunidade tem da professora que está na escola dando aula a seus filhos naquele momento? Que ela não está qualificada para o magistério?

A professora é a detentora, a dona do saber. Ela sabe tudo. E, se ela sabe

tudo, não pode estar aqui no meio de nós. Portanto, uma de nós, que não sabe tudo porque está aqui no meio de nós, (pois se soubesse aqui não estaria), não pode estar lá, dando aula para nossos filhos. Ou seja, uma tem vocação para ser *professora*, outra para ser *líder comunitária*. As duas não podem se misturar?⁴⁶

Se ela luta pela comunidade, não pode estar também do outro lado. Parece papéis tão distintos, que é impossível ser ocupado pela mesma pessoa. Desqualificam-me por achar que a professora boa é a que vem de fora e não se envolve com nossas brigas.

Como o alfabetizando que chega no projeto de alfabetização com “nada sei, nada sou, nada posso” (REIS, 2000:58), portanto também eu, que moro em um barraquito igual a tantos da comunidade, nada sei, nada sou e nada posso. Vem o velho ditado popular: Santo de casa não faz milagre.

Contrário, e digo que faz milagre sim. A maioria dos alunos daquela turma de quarta série é aprovada e com bom rendimento. Boa parte deles começam a participar de alguma atividade do CEDEP ainda naquele ano. Trabalhamos conteúdo/vida/conteúdo nos moldes do que eu aprendera, não na Escola Normal, mas com o projeto de Alfabetização do CEDEP. A vida é o próprio conteúdo e dá-lhe sentido. Fica mais interessante estudar.

Os embates continuam. Em 1990 já posso trabalhar manhã e tarde na escola e assumo duas turmas. Com a remoção da Vila Paranoá, vou trabalhar na Escola Classe 03, a primeira a ser construída na área de remoção. Em 1991, no segundo semestre, com a inauguração do CAIC⁴⁷, antigo CIAC, sou remanejada para trabalhar lá.

⁴⁶ Aqui uso o feminino não desconsiderando nossos colegas de sexo masculino que exercem o magistério. Levo para o feminino considerando que trato de uma realidade do Ensino Fundamental cujo quadro, naquele momento e naquela escola, é composto apenas por professoras.

⁴⁷ O CIAC – Centro Integrado de Apoio a Criança, é uma proposta do governo federal recém eleito, Fernando Collor de Mello. Vem a ser implantado seguindo o modelo do CIEPS, no Rio de Janeiro. O CIAC do Paranoá foi

O CAIC é cartão postal do governo Collor e todas as visitas ilustres do País passam por lá. Minha presença, e de mais uma meia dúzia de professores, começa a incomodar principalmente porque não nos calamos. A construção do CAIC não é uma escolha da comunidade e com o dinheiro gasto dava para construir umas três escolas no Paranoá.

Mas os conflitos políticos e comunitários são constantes na minha participação na comunidade. O processo político das eleições de 1990 fortalece e dá mais visibilidade ao PT no Paranoá e já estou filiada. O governo do DF é eleito pela primeira vez em 1990 e o ano de 1991 é carregado de disputas políticas.

Quando retorno das férias escolares, em fevereiro de 1992, minha devolução do CAIC está pronta. A pedido do mesmo preposto do governo, um grupo de meia dúzia de professores, (que incluía a direção), é devolvido do CAIC durante o período de férias, sem direito a nenhuma argumentação. Volto para a Escola Classe 03, onde fico até dezembro de 1999.

Quando assumimos, eu e outros companheiros (Francisco de Castro Silva – (Chicão), Elizete Moreira, Izabel de Castro-(Isabel), Giselma Alves – (Selma), Regina Célia-(Célia), etc) da comunidade que já estavam na Secretaria de Educação, as direções das escolas do Paranoá sofremos os mesmos questionamentos de competência que aconteceu anteriormente.

É 1995 e, com a vitória eleitoral dos partidos de esquerda ao Governo do Distrito Federal, toma posse o Governo Democrático e Popular. Com o novo governo, conseguimos mobilização para ocupar as direções das escolas do Paranoá e com isto propor um novo modelo de gestão e participação. Nesta ocasião chego a ouvir que nós “não tínhamos

o primeiro a ser construído no país, servindo de modelo para os demais. Hoje é chamado CAIC- Centro de Apoio Integral a Criança, está sob o gerenciamento do governo local, deixa de ser um projeto federal e funciona como uma escola comum.

capacidade para dirigir uma escola, pois éramos da comunidade”. Novamente questiono, porque não? Como a comunidade estabelece a diferença que a pessoa serve para lutar, mas não serve para educar?

E o que é a “competência” tanto cobrada? Sei que vivi, vivenciei e estou vivenciando este processo. Hoje, no mestrado não é diferente. Para muitos olhares internos e externos ao ambiente “acadêmico”, uma pessoa do movimento popular não tem competência para estar no mestrado, pesquisando. Mas uma pessoa “competente” pode ir pesquisar e usar, o movimento popular para sua ascensão acadêmica, individual e pessoal, falando e escrevendo sobre a pobreza dos pobres.

Mas o que o dominador quer é manter a perspectiva de uma encarnação ideológica de que sou inferior. De que eu nada sou e porque nada sou estou predestinada a nada ser. De que se eu nada posso, também nada poderei. E se eu nada sei, também nada saberei.

A rejeição não é a mim, professora, diretora. A rejeição é ao estereotipo da competência e do belo que nos é imposta a cada segundo pela mídia, pelos sistemas públicos, pelas políticas públicas e pela nossa trajetória histórica de dominação, submissão e exclusão. Exclusão que não é só econômica. É afetiva, cognitiva, ecológica, cultural e humana. (REIS, 2000).

A idéia é ter professores sacerdotes, com dedicação, empenho e disponibilidade. Professores não críticos são os preferidos. Magistério é vocação, é dom. O único **P** que pode interessar ao professor, a professora é o **P** da **Pedagogia**. O único partido de um bom professor/professora é o **PP** – **Partido da Pedagogia**. Infinitas vezes ouço isto de muitos professores e professoras, infelizmente.

Confesso que há momentos em que questiono se sou uma boa professora. Porque as pressões são muitas e de todos os ângulos. São muitos os momentos em que, não só eu, mas partilho com outros da comunidade, duvidamos de nossa própria competência.

É preciso retomar a constituição histórica das conquistas na comunidade para colocarmo-nos firme na certeza de que, seguindo os moldes da sociedade, nunca seremos competentes. Pois sempre seguiremos o caminho de agentes questionadores e disposto a transformação da comunidade, da educação e da sociedade.

Tem outro aspecto, a luta de classe. Ser professora, ser consciente e participativa nos movimentos de classe e ser ativa no movimento popular. Onde começa uma e termina a outra função? Elas não se separam, não se misturam. Caminham juntas.

Ocupar e dirigir as escolas da rede pública do Paranoá não é tarefa fácil. Desde o sucateamento das escolas, até a formação das turmas estava tudo por organizar. Isabel, também companheira de guerra, assume como Diretora e eu como Vice-diretora à direção da Escola Classe 03 do Paranoá, que fica na Quadra 17. No ano seguinte, 1996, com a implantação da gestão democrática⁴⁸, continuamos no cargo, agora como direção eleita.

O enfrentamento inicial é muito difícil. Embora com o apoio daqueles mais defensores do processo democrático de gestão nas escolas públicas, pela qual brigamos por muitos anos, a resistência em ter pessoas do Paranoá dirigindo as escolas é parte importante.

Só depois da experiência de quase um ano na gestão da escola e percebendo as diferenças significativas e para melhor, na gestão, na administração e na relação com a

⁴⁸ A gestão democrática é conquistada na luta da categoria de professores e auxiliares da educação. O processo da gestão democrática previa a eleição direta, com participação de todos os segmentos da comunidade escolar, dos cargos de diretor e vice das escolas e ainda o conselho escolar que é o órgão com representação dos segmentos da comunidade escolar e que vai, juntamente com a direção dar o tom político-administrativo-pedagógico para a escola.

comunidade é que fomos quebrando as resistências e conquistando a confiança.

A escola Classe 03 era uma das escolas que abrigavam o projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos do CEDEP. Logo nos primeiros meses, abrimos mais salas para o projeto e implantamos o Supletivo fase 2 que correspondia da 3ª e 4ª séries do ensino fundamental e abrimos canal de discussão e participação dos alunos e educadores do CEDEP com os nossos alunos e professores.

É a primeira vez que o movimento popular tem um canal de diálogo contínuo aberto com a educação pública no Paranoá. Um ano depois ampliamos para a Fase 2, que corresponde da 5ª à 8ª séries e em 1999 para a Fase 3 que é o equivalente ao segundo grau.

Conflitos e embates não deixaram de acontecer de ambos os lados. Pensávamos que a direção poderia ser diferente e queríamos fazer diferente. Muitas vezes erramos feio, pois nos deixamos conduzir pelo burocratismo que toma conta da educação. Outras vezes o “bancário” dominava o “democrático”.

Por outro lado o movimento popular esperava que nós (apenas porque estávamos lá “na direção”, e éramos parte dele “movimento popular”) conseguiríamos resolver tudo a todo tempo e a toda hora por conta própria. Sozinhos.

Por outras vezes penso que em muitos movimentos abandonamos os ideais da educação popular na ansiedade em responder aos anseios de um sistema que, embora com um pretenso democrático e renovador, é viciado, autoritário e burocrático. Bancário.

E o movimento popular, vendo que estávamos lá, imagina que seremos capazes de sozinhos/as revolucionar e fazer acontecer do jeito que sempre lutamos.

Descobrimos que não é assim.

Não entendemos que era necessário fazer a junção, a articulação. É o movimento popular contribuindo com a articulação de uma transformação na educação. Não esperar que ela acontecesse pelas mãos de meia dúzia de pessoas isoladas no poder. Isto venho entender e aprender mais tarde quando percebo que, em quatro anos de uma possível gestão democrática nas escolas, fizemos menos do mínimo que poderia ser feito.

Mas o decorrer do ano de 1999 foi marcado por muitos enfrentamentos. Com um governo contrário à gestão democrática nas escolas e tendo, ao mesmo tempo, que respeitar as direções eleitas, sofremos vários tipos de perseguição e boicotes. Passei por momentos de profundo desânimo, depressão e estresse físico e emocional. Novamente o movimento popular se retrai. E os diretores eleitos estão sós.

Não basta elegermos cargos e determinarmos funções. Se não existir uma estratégia de atuação conjunta, participativa e, sobretudo, colaborativa e de suporte, em nada resolve termos dominado cargo e poder. Porque o poder corrompe e massacra. O poder aliena e cega. O poder sufoca e mata.

Parece existir um interesse próprio do governo em desmoralizar e provar incompetência nas direções eleitas o que reforça os seus argumentos para acabar com as eleições. Resistindo, enfrentando, provando e provocando fomos permanecendo e ficamos até o final do mandato. Dezembro de 1999. Com um novo governo eleito, que é contrário à gestão democrática, a comunidade escolar não pode mais participar da escolha dos seus diretores.

Retorno para a sala de aula e começo uma batalha com tratamentos de saúde. Boa parte dos problemas ligado ao resultado da sobrecarga de trabalho durante os

cinco anos na direção da Escola classe 03.

Hoje temos muitos professores que moram na comunidade do Paranoá e atuam nas escolas da rede pública. As relações mudaram e a aceitação é mais confortável que antes. A comunidade tem outras demandas para o movimento popular, mas ainda existem muitos jovens e adultos a serem alfabetizados.

É nesta trajetória de vida/trabalho/movimento, na perspectiva da necessidade de sobrevivência e existência que busco a pesquisa ora apresentada. Porque a minha/nossa trajetória gera este objeto de estudo.

Nós estamos investindo no movimento popular do Paranoá, em todos estes anos, em várias frentes e linhas de atuação, uma delas é a alfabetização de jovens e adultos. Agora, dentro da nossa estratégia de contribuição da melhoria da qualidade da educação pública e de fortalecimento da própria alfabetização popular de jovens e adultos, eu quero perceber a repercussão da atuação de educadores/as do movimento popular na rede pública de ensino do Paranoá.

Educadores/as que, como eu, passaram e passam pelo enfrentamento da situação-problema-desafio, pelo envolvimento com a superação e transformação da comunidade. Que passa pela transformação minha/nossa/do outro/da outra.

No capítulo seguinte narro mais detalhadamente sobre o CEDEP, sua estrutura, funcionamento e como de dá a práxis no GAJA – Grupo de Alfabetização de Jovens e Adultos do CEDEP, onde nossos/as sujeitos/as foram educadores/as. Trago para a conversa vozes da história, fruto da produção/contribuição acadêmica acumulada nos caminhos do projeto Paranoá de educação popular e UnB.

CAPÍTULO III

O CEDEP

Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá

*“Valorizar a riqueza cultural da comunidade
e facilitar a apropriação das culturas
historicamente construídas pela humanidade,
visando incentivar as pessoas a auto-organização
para suas lutas gerais e específicas,
como sujeitos históricos e transformadores
da sociedade que todos somos.”*

Estatuto do CEDEP

Capítulo II

Dos objetivos

Art.3º

Impossível adentrarmos diretamente em nossa pesquisa sem apresentar o perfil do CEDEP. Seu funcionamento e organização política. Até porque o principal critério de seleção de nossos sujeitos e nossas sujeitas é ter passado pelo CEDEP, especificamente no Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Outro motivo é que a atual dissertação poderá instigar em alguns leitores e leitoras o desejo de conhecer melhor o CEDEP e até mesmo poder participar de/com nossas atividades.

Posso afirmar que o CEDEP está aberto e acolhedor, como sempre, a todos aqueles e aquelas que desejam contribuir com a superação das desigualdades sociais desta comunidade e deste país. Porque a revolução começa e acontece com pequenas e diárias ações.

O CEDEP é uma entidade sem fins lucrativos, devidamente registrada e reconhecida como entidade de assistência social e agora de utilidade pública federal. Está sediada à Quadra 09 Conjunto D AE Lote 01, Paranoá/DF, onde funciona a maioria de seus

trabalhos.

A diretoria do CEDEP é eleita entre seus sócios efetivos para um mandato de três anos. A gestão atual, eleita em 30 de abril de 2006, é composta da seguinte forma: Presidente – Eu, Leila Maria de Jesus, Vice-presidente – Maria de Lourdes Pereira Oliveira, Primeira Tesoureira – Maria Creuza Evangelista de Aquino, Segunda Tesoureira – Maria Aparecida Martins, Primeira Secretária – Ivonete dos Santos, Segunda Secretária Maria Helena Lira, Conselho Fiscal e Representante de cada Grupo de trabalho, que é escolhido entre seus membros.

Os sócios são distribuídos em categorias de fundadores (participaram da fundação), beneméritos (participam das atividades direta ou indiretamente, podem ser os colaboradores ou os receptores das atividades) e efetivo (tem obrigações sociais e administrativas). Os participantes membros da UnB são sócios beneméritos.

O CEDEP é uma das primeiras entidades a ter o direito reconhecido e a receber terreno na área de remoção do Paranoá. Hoje é na comunidade a entidade de organismo social com melhor infra-estrutura, e a única a desenvolver trabalhos na comunidade de forma contínua e nas várias modalidades.

A trajetória de luta do CEDEP por meio de seus sócios fundadores e efetivos dá a entidade um merecido reconhecimento na comunidade. Embora os enfrentamentos dos problemas da comunidade tenham se dispersado entre as várias demandas do CEDEP, este não tem conseguido acompanhar os anseios de alguns segmentos do Paranoá.

O CEDEP mantém parcerias com entidades e movimentos da sociedade civil que trabalham com os mesmos anseios e objetivos de transformação da realidade com conseqüente superação das desigualdades sociais.

Atualmente o CEDEP está organizado nos seguintes grupos de trabalho com suas respectivas atividades:

A) Grupo de Educação – tem trabalho com Educação Infantil e GAJA – Grupo de Alfabetização de Jovens e Adultos. A Alfabetização de Jovens e Adultos vamos detalhar mais adiante, devido à necessidade de nossa pesquisa. A Educação Infantil atende a crianças de 03 a 05 anos em turno matutino e vespertino, funciona em sistema cooperado. Além do aprendizado, a educação infantil visa despertar nas crianças o senso crítico sobre questões de seu cotidiano e a superação dos desafios.

B) EIC – Escola de Informática e Cidadania – a EIC tem por objetivo desenvolver a inclusão digital e o despertar da cidadania. Não é apenas lidar com os mecanismos da informática, mas desenvolver um espírito crítico e criativo com esta linguagem. Utiliza temas da própria comunidade nas atividades de informática e busca envolver os demais grupos, principalmente a alfabetização de jovens e adultos, onde procura adequar a linguagem da informática ao trabalho de alfabetização. Atende de segunda à quinta –feira com turmas de 2 horas/aula nos turnos matutino vespertino e noturno. A EIC tem parceria com o CDI – Comitê de Democratização da Informática.

C) Grupo de Economia Solidária – tem o objetivo de organizar a comunidade em torno de atividades rentáveis alternativas. Tem tido grande receptividade e significando um passo importante na solução para o desemprego. Tem maior expressão com artesãos e culinária trivial e alternativa. Já organizou e participou de Feiras de Economia Solidária no DF e entorno.

D) Grupo de Cultura – o principal objetivo é resgatar a cultura da nossa comunidade. Tem lutado pela restauração da Capela São Geraldo, que é tombada como

patrimônio histórico do DF. Já realizou festivais de pipas e de música, oficinas de teatro e fantoches. Atualmente está com bastante expressividade no grupo de capoeira.

E) Sala de leitura – é um espaço que está em construção. Já temos doação de vários livros e atualmente está acontecendo o concurso para escolher o nome da sala de leitura. Incentivada com uma parceria com a AEC – Associação de Educadores Católicos, a sala de leitura já recebeu muitas doações desta entidade parceira. A sala de leitura objetiva ainda reservar um espaço para arquivos e documentação sobre a história do Paranoá, e é um espaço que mesmo em implantação já é utilizado por pessoas da comunidade.

F) Grupo de comunicação – tem ação na divulgação da entidade e de suas atividades. Sua principal meta tem sido resgatar a comunicação com a comunidade por meio do Jornal do Paranoá, que é uma antiga publicação do CEDEP.

G) GENPEX – Grupo Lattes de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico – Cultural. É um grupo da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e do CEDEP. A parceria com a Faculdade de Educação data de 1986, e desde então não se rompe o círculo de ensino-pesquisa-extensão. Neste sentido o GENPEX é uma célula do Movimento Popular na UNB e desta no Movimento Popular. Tem promovido o intercâmbio e troca de saberes entre o acadêmico e o popular e a divulgação do nosso trabalho dentro e fora da UNB. O GENPEX abriga alunos de outras faculdades e institutos da UNB e interessados em geral. É coordenado pelo professor doutor Renato Hilário dos Reis. O encontro dos alunos da UNB com o GENPEX tem gerado à academia e ao movimento popular uma gama de produção científica entre artigos, PIBIC, PIBEX, CAPS, mestrado e doutorado nas áreas de educação, direito, psicologia, letras e lingüística. Algumas destas produções eu trago ao diálogo nas linhas desta pesquisa, mas a relação destas produções apresento no final deste capítulo.

Com esta breve apresentação vamos passar adiante sobre a estrutura e funcionamento do GAJA, Grupo de Alfabetização de Jovens e Adultos por onde passaram os (as) sujeitos (as) da pesquisa.

3.1 – ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CEDEP

A Alfabetização de Jovens e Adultos do CEDEP busca oportunizar as pessoas que não tiveram acesso à aquisição dos mecanismos da leitura e da escrita e às que não tiveram oportunidade/condições de continuidade. A metodologia do trabalho está baseada na discussão, busca e superação das situações-problemas-desafios da/na comunidade.

Como já dito anteriormente, o Grupo de Alfabetização tem seu início em 1986, no encontro, provocado pela comunidade, com a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Com a criação do CEDEP, a alfabetização de jovens e adultos segue seus trabalhos, até porque esta foi uma das atividades determinantes para a fundação do CEDEP.

Desde então o processo e a aquisição dos mecanismos da leitura, escrita e cálculo estão associados e intrinsecamente ligados aos enfrentamentos da comunidade. Na busca e superação dos problemas vividos pela comunidade.

Letícia enfatiza que ensinar/aprender a ler, escrever e calcular passa a fazer sentido apenas se acontecer com base na discussão e no encaminhamento da solução dos problemas da comunidade, (TELES, 2003:61).

Realmente, Letícia, nossos problemas e enfrentamentos dão a direção de

nossas ações e respostas a estes enfrentamentos. E na história destes enfrentamentos a sedimentação da alfabetização de jovens e adultos tem sido uma resposta cotidiana nestes vinte e um anos de atividade no Paranoá.

Em especial, 2006 marca o reconhecimento desta trajetória com a conquista do Prêmio Nacional Medalha Paulo Freire, entregue ao CEDEP na abertura do 8º ENEJA, em Recife/PE. O prêmio, iniciativa do MEC, condecora experiências bem sucedidas na Educação de Jovens e Adultos por organismos do movimento popular, da sociedade civil ou do governo.

3.2 – A PRÁXIS PEDAGÓGICA DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CEDEP

A práxis pedagógica do CEDEP acontece em momentos de construção/desconstrução em sala, no planejamento e no fórum como parte da ação de superação das dificuldades vividas/enfrentadas pela comunidade. O planejamento e as aulas são pensados, elaborados e executados considerando a participação de todos os atores envolvidos no processo.

Os fóruns devem retirar a problemática que vai levantar a SPD (Situação-Problema-Desafio) que norteará o planejamento das aulas seguintes, sempre na perspectiva de enfrentamento, encaminhamento e superação da SPD. Está é a resposta do movimento popular aos enfrentamentos na/da comunidade na luta pela fixação e pela dignidade de vida. Alfabetizar com participação da superação dos problemas do Paranoá.

A própria história do Paranoá e do CEDEP é de enfrentamento e superação dos problemas e desafios encontrados na sua trajetória e constituição. A SPD trabalhada com alfabetizando, educadores e universidade. Retoma o processo de enfrentamento que cada um

e cada uma vive ao longo de sua trajetória, seja no âmbito pessoal ou coletivo.

3.2.1 – FÓRUM E SPD (SITUAÇÃO –PROBLEMA-DESAFIO)

Companheiros/as que passam pela experiência de inserção no CEDEP e o acompanham mais de perto me pedem espaço e tecem seus comentários sobre a Situação-Problema-Desafio que emerge a partir do encontro no Fórum:

RENATO - *“O Fórum é uma reunião geral, uma grande aula coletiva, com a participação de todos os alfabetizandos, alfabetizadores, dirigentes da organização popular, professores, alunos, técnicos da UnB.” (REIS, 2000:47)*

RICARDO - *“A clareza e distinção de papéis não impede, ao contrário, viabiliza o processo de participação.” (MARIZ, 2003:55)*

O Fórum é um encontro quinzenal ou mensal, de acordo com a demanda das turmas, onde a participação de todos os sujeitos/as atores do processo educativo na alfabetização de adultos é importante e estimulada. No Fórum é desencadeada a Situação Problema desafio que vai nortear o processo pedagógico da alfabetização nos próximos planejamentos, aulas e atividades.

CLÉSSIA - *“O Fórum é a instância deliberativa máxima de concepção, planejamento, excussão e avaliação da práxis educativa onde são delimitados as estratégias de ação coletiva de caráter político e pedagógico com a participação direta e poder de decisão de todos os sujeitos envolvidos no processo de alfabetização.” (SANTOS, 2005:114)*

RENATO - *“No Fórum, alfabetizandos identificam os problemas, as dificuldades que estão vivendo/enfrentando enquanto moradores e população do Paranoá. Selecionam, discutem e escolhem as Situações-Problemas-Desafios mais urgentes e prioritárias.”(REIS, 2000:47)*

RICARDO - *“...as mesmas condições que se apresentam como limite são “calços”, oportunidades na caminhada de transformações de cada pessoa, da organização e da sociedade em que se insere.”(MARIZ, 2003:66)*

Os comentários, frutos de suas pesquisas com base na inserção-participativa no meio pesquisado, apresentam uma dinâmica que rege todo processo educativo na alfabetização de jovens e adultos do CEDEP. A Situação-Problema-Desafio é posta no Fórum e articulada no planejamento como base para o desenvolvimento das áreas em estudo como Português, Matemática, História, etc.

RENATO – *“As Situações-Problemas-Desafios, referem-se às necessidades econômicas, financeiras, sociais e culturais que caracterizam o cotidiano vivido/enfrentado pelos moradores do Paranoá, como decorrência da lógica excludente inerente à distribuição da riqueza econômica e cultural produzida no país.”*(REIS, 2000:47)

ELENITA – *“...o processo de alfabetização acontece a partir de uma base empírica comum aos/as alfabetizadores/as e alfabetizados/as do Projeto, uma vez que eles/as enfrentam basicamente os mesmos problemas em seu cotidiano na comunidade.”*(RODRIGUES, 2002:62)

RENATO – *“Escolhidas (com discussão, defesa de posição, votação com e maioria simples ou absoluta), esta SPD torna-se o eixo dorsal de referência político-metodológico-pedagógico do processo alfabetizador....em seguida, se discute o melhor caminho para inter-relacionar língua portuguesa, ciências, estudos sociais, linguagem matemática e a SPD escolhida... Nessas inter-relações se fazem presentes discussões e encaminhamentos individuais e coletivos, visando à superação da SPD.”*(REIS, 2000:48)

Como o Fórum é uma aula coletiva, após sua realização acontecem os encaminhamentos nas semanas seguintes. Os encontros de planejamento e reuniões de cada turma se destinam a avaliar e reencaminhar a prática educadora da semana, preparar a apresentação dos resultados dos encaminhamentos da SPD e levantar a próxima SPD que será apresentada e defendida do próximo Fórum.

Antes da realização do Fórum cada turma discute entre si e retira a proposta da SPD a ser encaminhada ao Fórum. Cléssia sintetiza o Fórum como *“... um momento de partida e também de chegada do processo ensino-aprendizagem”*. (SANTOS, 2005,120)

O Fórum é um espaço democrático de participação onde cada ator tem voz, vez e decisão. O Fórum é também um espaço de dessilenciamento, de mim e do outro, dentro do projeto.

3.2.2 – PARTICIPAÇÃO E DESSILENCIAMENTO DOS ATORES

A participação e o poder de voz e decisão são marcas de nascença do CEDEP e da alfabetização de jovens e adulto. Desde as mobilizações iniciais, na saída do TUCA2 para o encontro com os barracos da Vila, instaura-se no grupo a necessidade de movimentar a comunidade na fala e no ato de falar juntos para decidir juntos.

Com o poder de fala e da escuta, a participação está mais legitimada e o outro, a outra, faz parte do processo. Sentindo-se parte do processo e nele tendo voz, vez e decisão, o compromisso com a condução deste processo vai instalando-se num movimento de dentro pra fora/de fora para dentro.

A todo/a participante dos encontros do Fórum, planejamento e reuniões, é dada voz. E sua fala é acolhida e inserida no processo. O espaço aberto que estabelece o diálogo surpreende os recém chegados e desarma a não participação. Sobre acolhida na participação da primeira reunião do Fórum em que participou no CEDEP, Letícia faz o seguinte comentário:

LETÍCIA – “Eu não acredito que isso pudesse acontecer...e que pudesse estar acontecendo em algum lugar... e que, sobretudo, eu pudesse estar fazendo parte desse acontecimento.”(TELES, 2003:42)

Renato explica a Letícia que o falar é poder naquele momento, e que a partir da fala, as transformações nela e no outro começam a acontecer.

RENATO – “*O poder falar que parece significar ter poder. Poder de expor-se, confrontar-se e confrontar, transformar e ser transformado. Influenciar e ser influenciado.*”(REIS, 2000:60)

Letícia concorda que ao oportunizar a sua fala, em ser ouvida o grupo a acolhe. E na medida em que é acolhida vai superando-se e compreendendo sua aprendizagem com ser inacabada.

LETÍCIA – “*Sou acolhida no falar, no pensar e no ouvir. E assim, aprendendo e reaprendendo. Reconhecendo minhas contradições e conflitos. Percebendo-me fragmentada, contraditória e inacabada.*”(TELES, 2003:42)

Elenita entra no conversa-produção⁴⁹ contribuindo com o que ela chama de *espaço de reflexividade*:

ELENITA – “*No CEDEP parece ser instaurado um espaço de reflexividade tal que possibilita que os/as alfabetizadores/as assumam verbalmente a fragmentação das suas identidades.*”(RODRIGUES, 2002:88)

Este espaço de reflexividade apresentado por Elenita, não é só na formação de educadores/as, mas no alfabetizando/a e nos/as alunos/as da Universidade que vêm ao CEDEP e no próprio interior da Universidade na medida em que estes alunos levam do CEDEP para a UNB.

Entrando agora no conversa, Ricardo conclui que “*A questão da participação é um dos elementos centrais da práxis do CEDEP*” (MARIZ, 2003:54).

3.2.3 – CHAMADA, MATRÍCULA, FORMAÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO.

As turmas são formadas no início de cada semestre e, ao longo deste,

⁴⁹ Chamo conversa-produção as falas, inseridas nesta pesquisa, resultantes da produção acadêmica nas pesquisas de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado realizadas no CEDEP dos sujeitos falantes.

aqueles que se sentirem motivados e interessados poderão efetuar sua matrícula e começar a estudar. O convite aos alunos é feito por meio de divulgação em rádio local, carro de som, boca-a-boca, divulgação em igrejas e principalmente visitas domiciliares.

As visitas domiciliares são o grande diferencial no chamamento para a alfabetização do CEDEP. Ao receber a visita de um/a educador/a, o/a futuro/a alfabetizando/a já se sente acolhido e importante no processo. As visitas são realizadas também quando da falta contínua ou desistência por parte de algum/a alfabetizando/a.

O/a alfabetizando/a pode passar por uma sondagem inicial que vai apenas localizar seu nível de aprendizagem em iniciante, intermediário e concluinte. Sondagem que não é obrigatória e nem pré-requisito para estudar. Se o alfabetizando/a apresentar resistência e esta for fator determinante para a sua não participação, é respeitado sua negação e este/a estimulado/a a ficar.

Também o horário é flexível conforme as necessidades dos alfabetizandos, respeitando seu ritmo, suas particularidades e disponibilidade. Cada turma tem no máximo 23 alunos com um educador (a) e, se possível, um auxiliar.

O processo de alfabetização com encaminhamento para a rede é de três semestres. As turmas são divididas nos níveis iniciantes, intermediários e concluintes. O aluno pode entrar em qualquer nível, dependendo da sondagem realizada com ele/a.

O/a alfabetizando/a pode saltar de um nível para o outro, sendo respeitado seu ritmo, a aprendizagem e o desenvolvimento que são acompanhados pelos/as educadores/as. A mudança de um nível para outro pode ser em qualquer etapa, indo de iniciante para o concluinte, por exemplo.

Concluído o processo de alfabetização, no concluinte, o/a alfabetizando/a é estimulado e encaminhado/a para a Rede Pública onde se insere nos níveis de 3ª ou 4ª série, dependendo de seu desempenho na sondagem realizada pela escola pública.

3.2.4 – AVALIAÇÃO

Na alfabetização do CEDEP não há um modelo próprio de avaliação, não há data nem notas. O processo avaliativo é contínuo, diário e inserido nas atividades e nos diversos momentos de encontros e desencontros. Como nos apresenta Letícia,

LETÍCIA - “não há um modelo a seguir no Projeto Paranoá de educação de jovens e adultos. As atividades são desenvolvidas conforme as necessidades do grupo de alfabetizadores/as e de alfabetizados/as. E são avaliadas e redimensionadas a cada semana.”(TELES, 2003:42)

Ainda sobre avaliação Cléssia considera:

CLÉSSIA - “... continuamente a avaliação acontece, ora coletivamente, ora individualmente, tanto nos espaços de encontro planejado com nos espaços de encontro espontâneo do GAJA.”(SANTOS, 2005:129)

E que,

CLÉSSIA - “O exercício da avaliação é um movimento, pelo qual todos nós passamos, que começa com a identificação daquilo que foi “bom” ou “ruim”....os encontros planejados de crítica e autocrítica na práxis educativa do GAJA é um momento em que todos sentam frente a frente e todos têm a oportunidade de criticar o outro e ser criticado pelo outro;...”(SANTOS, 2005:130)

Neste sentido, a avaliação é contínua e determinante para a construção/desconstrução/reconstrução das práticas educativas sejam em sala, no Fórum ou nos planejamentos. Ou como Cléssia mesmo diz, nos encontros espontâneos ocorrentes na/da convivência diária entre seus participantes.

3.2.5 – A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTORICAMENTE COMPARTILHADA E ACUMULADA

Nestas andanças entre o fazer/pesquisar/aprender, muitas produções são realizadas no CEDEP, de pesquisas para PIBIC a pesquisas de doutorado. Da educação infantil à alfabetização de jovens e adultos. Isto mostra um vasto campo de ensino/aprendizagem na prática cotidiana de mão dupla do conhecimento entre CEDEP e UnB. É a extensão da UnB no Paranoá e a extensão do Paranoá na UnB.

Destaco, nesta relação de produções, uma em especial: o livro **NUNCA É TARDE PARA APRENDER**, construído coletivamente entre alfabetizandos/as, educadores/as e alunos/as da UnB. O livro, com poucos exemplares e encadernação em espiral, apresenta a produção de textos, seja coletiva ou individual, do projeto de alfabetização de jovens e adultos enfocando as situações-problema discutidas e encaminhadas nas aulas e nos fóruns, ao longo do ano de 1997.

3.3 – A FORMAÇÃO DO/A EDUCADOR/A DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CEDEP

Desde a primeira turma, em 1986, juntamente com a Professora Marialice Pitaguary e alunos da Universidade, o processo de formação de educadores se dá na parceria entre comunidade e universidade.

Os (as) educadores (as) são, na sua maioria, da própria comunidade e geralmente possuem o Ensino Médio. Não existem pré-requisitos, mas é desejável demonstrar interesse em trabalhar com educação de jovens e adultos. O curso de formação inicial ou orientação preliminar, é anual com duração média 40 horas e geralmente acontece entre os meses de janeiro a março. O chamado é para trabalho voluntário com carga diária de duas horas.

Todos/as os/as educadores/as participam do curso de formação. A participação independe do tempo em que está no projeto e a depender da formação oferecida, o/a educador/a com mais tempo no projeto passa a ministrar o curso juntamente com os/as alunos/as da UnB.

O curso de formação é pensado, discutido e planejado no conjunto das relações vivenciadas no projeto. A característica de cada curso e seu conteúdo mais específico variam de acordo com as necessidades apresentadas durante o desenrolar das atividades. Contudo o curso de formação deve atender necessária e prioritariamente nesta ordem a historicidade de vida de cada um/a, do CEDEP e do Paranoá, o sentido de alfabetizar, a metodologia do CEDEP e os aspectos teóricos relativos ao processo de aquisição da linguagem, da escrita e da matemática.

A historicidade tem importância na medida em que se pretende formar educadores/as comprometidos com a continuidade das lutas no/do Paranoá. Elenita traz uma importante contribuição quando afirma que *“O objetivo básico do Projeto tem sido, então, o de alfabetizar e formar moradores alfabetizadores, fortalecendo a luta coletiva da população do Paranoá”* (RODRIGUES, 2002:60)

A perspectiva de fortalecer a luta não é só na alfabetização dos jovens e adultos que buscam/encontram o projeto do CEDEP, mas na formação de agentes, aqui considerados educadores/as populares, que, na medida em que se constitui, constitui o outro e constitui uma nova relação da/com a comunidade. Por isso a historicidade é parte integrante e fundamental desde o curso de formação. Cléssia assinala em nossa conversa-produção:

CLÉSSIA – *“É fundamental o conhecimento da historicidade do Paranoá, da luta histórica da comunidade e o CEDEP como fruto dessa luta. Isso permite que o recém alfabetizador se sinta parte dessa luta e se sinta herdeiro dela e a partir daí, compreende os objetivos*

do CEDEP e da alfabetização como instrumento de luta e mobilização e formação.” (SANTOS, 2005:133)

Por isto valorizamos muito nossa história de lutas e enfrentamentos, considerando a superação como conquista e valorizando estas conquistas que foram coletivas. Quando abordada a história de cada um e cada uma, cada superação é valorizada e considerada conquista. Deste modo o aluno vai enfrentando individual e coletivamente as situações-problemas-desafios e na medida que enfrenta, supera.

O curso de formação aborda toda a trajetória histórica do Paranoá e do CEDEP. Não concebemos um trabalho de superação e enfrentamento sem conhecer suas raízes, superações e conquistas. A história de vida de cada cursista é também resgatada e contextualizada dentro da história do Paranoá e do CEDEP.

Qual o percurso, a trajetória que cada um fez até chegar naquele curso de formação e quais seus objetivos para continuar a caminhada. Partindo desta abordagem, o cursista vai compreendendo a importância da história pessoal que cada um carrega e como esta história é valorizada e fundamental para se trabalhar com o jovem e o adulto.

Durante o curso de orientação preliminar os futuros educadores e educadoras passam também pelo resgate do conhecimento historicamente constituído pela/na/da relação CEDEP/UnB, com as pesquisas já realizadas. Conhecem e discutem autores, fazedores e movimentos em/de Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos.

Mas o curso de formação inicial não é fim, e não se finda em si. É o começo de uma formação que é contínua, diária e reflexiva. Nos Fóruns, nas orientações da práxis, nas aulas e nos encontros de crítica-autocrítica, a formação é considerada parte presente e totalmente conectada às discussões e encaminhamentos.

LETÍCIA – “A concepção de formação em processo presente na alfabetização de jovens e adultos do Projeto Paranoá possibilita e oportuniza, na contradição de todas/os os integrantes, colaboradoras/es e participantes do processo de alfabetização, a serem sujeitos de contribuição transformadora à sociedade, à comunidade, a eles mesmos, sua história e a história dos outros sujeitos simultaneamente.” (TELES, 2003:37)

A incompletude é respeitada e reconhecidamente necessária para a formação pessoal e coletiva. O espírito investigativo e instigante não se esgota com um encontro de formação. O caminho da formação é infinito, visto que nos constituímos e somos constituídos uns pelos outros, juntos e coletivamente. Letícia continua nossa conversa-produção:

LETÍCIA – “Encontro no Projeto Paranoá de educação de jovens e adultos a formação de professores que respeita minha condição de incompletude e que não tem a intenção de me completar, de me esgotar como professora... de me fazer um sujeito pronto após um curso de 'reciclagem'.” (TELES, 2003:43)

A formação de educadores/as do CEDEP caminha contrariamente à concepção dos cursos tradicionais, que em dar significado a uma pseudoformação, apresentam respostas e soluções como sendo definitivas e certas de gabarem sucesso. Elenita entra na conversa-produção e me trás sua percepção a cerca da formação do CEDEP em detrimento da formação tecnicista convencional:

ELENITA – “A proposta do CEDEP parece ir na direção contrária: instaurando a dúvida, problematizando o naturalizado, trabalhando na direção da construção de um espaço de diálogo, que não oprime a diferença, e em que a fragmentação e a crise são instauradas e trabalhadas constantemente.” (RODRIGUES, 2002:114-115)

Essa perspectiva de formação, desde a primeira realizada no Paranoá, também é construída ao longo da caminhada, com objetivos claros e definidos de fortalecer e transformar a luta da/na comunidade. A proposta pedagógica é transformadora/libertadora. O objetivo do CEDEP é alfabetizar jovens e adultos em/com/na transformação. A proposta então não pode ser diferente na formação do/a educador/a popular. E Cléssia contribui na conversa-

produção:

CLÉSSIA – *“Essa formação tem a função primordial de construir um determinado perfil de alfabetizador que o GAJA [Grupo de Alfabetização de Jovens e Adultos] precisa para por em prática sua proposta metodológica”.*(SANTOS, 2005:138)

Airan, esposo da Cléssia, entra na conversa lembrando-nos de qual é a proposta metodológica do CEDEP:

AIRAN – *“a educação popular formulou uma proposta metodológica que possibilitasse relacionar a aprendizagem de ler, escrever e calcular a situações problemas da realidade social no qual estão inseridos os sujeitos do processo educativo.. o compromisso da educação popular é alfabetizar jovens e adultos enquanto sujeitos de saber e poder como parte da luta contra a dominação e exploração ao capitalismo.”* (LIMA, 1999:96)

Complemento que estes sujeitos também somos nós. E foi nesta incompletude/completude/incompletude que me constituí dentro e fora do movimento popular. Educadora.

Mas a experiência com o curso de formação não é só para as educadoras/es. Os demais participantes do CEDEP também são convidados ao curso inicial, aos Fóruns e planejamentos.

Também o curso inicial não é suficiente para o/a educador/a entrar em sala. Antes de assumir a sua turma, o/a recém educador/a deve passar por um período (que pode ser de até seis meses), de experimentação da prática como auxiliar em sala de alfabetização. Este período também é considerado como parte da formação.

Entendendo que a formação é contínua e que o aprendizado de alfabetizandos e alfabetizandas, educadores e educadoras se faz em via de mão dupla, no sentido próprio freireano de quem ensina aprende e quem aprende ensina. Elenita fala

novamente sobre formação em processo, dou-lhe a voz:

ELENITA – “...e mesmo após iniciarem o processo de alfabetização em suas próprias turmas, todos/as os/as alfabetizadoras/os antigos e os novos continuam sua formação em processo com : (i) análise e reencaminhamento semanal da prática, em reuniões que acontecem periodicamente às sextas-feiras; (ii) acompanhamento, em sala de aula, de professores/as e alunos/as da UNB, (iii) cursos/encontros/oficinas sobre questões que aparecem no cotidiano da alfabetização.” (RODRIGUES, 2002:65)

É nesta trajetória de formação e alfabetização no CEDEP que me constitui e me constituo. Na clareza da minha incompletude e na certeza da aceitação desta incompletude. E da incompletude vem à inquietação que gera/gesta a busca.

Posso dizer que a constituição de educadores/as do/no CEDEP é de um sujeito político (PODER), epistemológico (SABER) e amoroso (AMOR).(REIS, 2000)

Mesmo no conflito entre o completo e o incompleto, a certeza da transformação do seu ser é a mesma da transformação da sua prática de ser. Passa a ser um agente instigador da transformação em si e no outro.

Muitas histórias de identificação e opção pelo magistério se deram neste movimento de construção/desconstrução do eu e do outro. Educadoras (es) que passaram pelo CEDEP encontram-se profissionalmente e optam pelo magistério. Buscam a formação e estão atuando em diversos segmentos da área de educação. Algumas educadoras egressas já concluíram curso de pedagogia ou outro ligado à educação. Seja em universidade pública ou privada.

3.3.1 – UM BREVE RELATO DO ENCONTRO DE ORIENTAÇÃO PRELIMINAR DE 2007

Permito-me trazer algumas considerações sobre o curso de formação inicial que passamos a chamar de Encontro de Orientação Preliminar, entendendo que neste encontro acontece o despertar para uma proposta de educação diferente. Ao tomar por encontro de orientação preliminar entendemos e reafirmamos que não nos propomos em formar, deixar pronto educadores e educadoras para o movimento popular ou não.

O CEDEP entende que o processo de formação é contínuo e infinito. Não se esgota com o cumprimento de uma carga horária e recebimento de um diploma. Não chegamos a completude com um curso de formação, com dois, três, dez ou trinta.

Na aceitação de minha incompletude vem a busca pelo completo e um contínuo processo de formação que não se dá apenas em um momento estático, mas também nos encontros, planejamentos, fóruns. Nas relações sociais dentro e fora deste grupo.

A mudança na denominação de *curso de formação inicial* para *encontro de orientação preliminar* se dá na construção e reflexão desta pesquisa dentro dos embates dialógicos no CEDEP, em orientação com Renato e na UnB (GENPEX, Projeto 3, etc). É portanto uma construção que se dá neste exato momento da pesquisa, não tendo aparecida nas páginas anteriores, mas que, deste ponto em diante, aparecerá.

Orientação preliminar para dar o entendimento de que, mais que formar, pretendemos ter o espaço do encontro para oportunizar novos sujeitos e possivelmente futuros educadores populares, do processo de alfabetização de jovens e adultos do CEDEP, das possibilidades de uma metodologia diferente/diferenciada de educação. Um olhar/fazer/acontecer do movimento popular para a educação.

O encontro de orientação preliminar de 2007 acontece com a contribuição das alunas de Pedagogia e participantes do Projeto 3⁵⁰, Stella Pimenta Viana, Thais Barbosa Oliveira e Jaqueline dos Santos Melo; de alfabetizadoras atuais e egressas; direção do CEDEP e alfabetizados como o Senhor Antônio Marcos e Maria Zélia, esta já na escola pública. O período foi de vinte e nove de janeiro a dezesseis de fevereiro, num total de trinta horas.

Este ano o encontro de orientação teve uma expressiva presença. Investimentos da Diretoria do CEDEP na divulgação do curso em meios de comunicação e avisos na comunidade atraíram uma representativa participação⁵¹.

Futuros educadores populares vieram do Paranoá, Itapuã, Del Lago, Guará, Cruzeiro, Sudoeste, Asa Norte, Sobradinho e de órgãos como MEC, Ministério Público e empresas privadas. Ao todo consagramos a participação de mais de setenta pessoas, certificando cinquenta delas com presença acima de 75%.

Segundo relatório elaborado e apresentado pelas alunas da pedagogia, Jaqueline, Stella e Thaís, uma das avaliações apresentadas por um dos grupos é de que “o CEDEP trás uma nova percepção da forma de educar/aprender”. (RELATÓRIO, 2007:05)⁵²

As coisas continuam acontecendo.

3.4 – DOS RESULTADOS DA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS DO CEDEP

Nossa pesquisa já encontrou registros no CEDEP de mais de 200

⁵⁰ Projeto 3 é parte do currículo do curso de Pedagogia da FE/UnB. O Projeto 3 destina-se à pesquisa em projetos de ação contínua na área de Educação de Jovens e Adultos. Especificamente o projeto que acompanho é orientado e coordenado pelo Professor Renato e está direcionado ao Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos do Paranoá. Geralmente os/as alunos/as do Projeto 3 estão entre o terceiro e quinto semestre do curso. O Projeto 3 recebe também alunos d outros departamentos da UnB, do mestrado e doutorado, de outros Projetos e pessoas não vinculadas diretamente ao meio acadêmica da UnB.

⁵¹ ANEXO 14 – Matéria publicada no Correio Brasiliense, 05/01/2007, caderno Cidades, p. 26

⁵² ANEXO 15 – Relatório Encontro de Orientação Preliminar 2007 – CEDEP/UNB.

educadores (as) que passaram pelo encontro de orientação inicial. Destes, cerca de 80 já atuaram nas turmas de alfabetização de jovens e adultos desde 1986, por períodos superiores há um semestre.

É bom dizer que no CEDEP não existe registro de todos estes cursos/encontros e que a pesquisa vem ajudar a reconstruir esta memória e a resgatar documentações e registros perdidos ou distribuídos entre nossos/as visitados/as educadores/as egressos/as.

Por estes motivos, a relação dos participantes no curso de formação está em processo de investigação e inconclusa. Não é minha intenção esgotar esta busca com o mestrado, mas sim estar em permanente processo de investigação, não só para resgate desta trajetória, mas para subsidiar estudos futuros.

Dos/as educadores/as egressos/as localizados para a pesquisa, vou me reportar apenas aos/às que estão atuando na educação e na Rede Pública do Paranoá. Em escolas localizadas na área urbana, visto o curto espaço de tempo para a realização desta pesquisa. Mas os dados estão sendo cuidadosamente relacionados, selecionados e arquivados. Afinal, o futuro é hoje.

Sobre os/as educadores populares egressos e os sujeitos/as da pesquisa apresento dados mais detalhados no Capítulo V. No próximo capítulo falo da gestação e nascimento do objeto de estudo. Como emerge a inquietação que desencadeia o encontro com o mestrado e a vida/pesquisa/vida em curso.

CAPÍTULO IV

A EMERGÊNCIA DO OBJETO DE ESTUDO

“É muito importante que todas as pessoas tenham um pouco de educação escolar, para melhor se relacionar com as outras pessoas, para tirar a capa escura dos olhos, para andar com seus próprios pés e, principalmente, para que pense com sua própria cabeça.”
Zinete Santana de Souza⁵³
 Alfabetizanda – turma concluinte, 1997

Assim como Zinete pensa e fala, começo a pensar com minha própria cabeça o objeto em estudo. A inquietação que emerge a formatação da pesquisa surge quando ainda estou na direção da Escola Classe 03 do Paranoá (EC03). Começo a refletir mais de perto e inquietantemente como deve ser a minha atuação na direção de uma escola, principalmente estando ela no Paranoá, símbolo de tanta resistência e luta. E mais ainda eu participando desta resistência e destas lutas.

As reflexões se externam aos professores e companheiros do movimento popular. Como me incomoda ter que responder ao sistema e ao mesmo tempo ter que responder ao movimento popular um mesmo problema com cobranças e visões diferentes. Governo e movimento são, de princípio, democráticos.

Mas o fato de estar num governo que a princípio é democrático, não significa que todo o sistema também tenha um princípio democrático. A mesma coisa no movimento popular que a princípio é democrático, mas que na sua essência não significa ser tão democrático quanto parece. Como posso contribuir para juntos, movimento popular e governo, podermos construir uma mudança dentro do sistema público de ensino?

⁵³ Nunca é tarde para aprender, coletânea de textos das turmas da Alfabetização do CEDEP. Publicação do CEDEP/UnB, 2000:39.

Descobri que pensar transformadoramente não significava agir e atuar tão transformadoramente quanto os pensamentos. Na rapidez que queremos e imaginamos. Será um processo longo, penoso e lento, sobretudo lento. E tem que começar por mim.

Coordenamos mais de perto as discussões com os (as) professores (as) da nossa escola, preparamos reuniões de avaliação e planejamento, organizamos mutirão com pais e alunos. Percebo nuances que se destacam nas relações dos professores que são da comunidade com os que chegam de fora.

Estas percepções estão relacionadas ao modo de ver e trabalhar o conteúdo, o nível de contribuição e de interesse sobre os problemas da escola e da comunidade, a leitura pessoal destes problemas, nossa história contada e discutida nos planejamentos e na sala de aula e a maneira diferente de ver e superar os desafios.

Esta postura parece mais evidenciada se os professores em questão passaram pela educação popular do CEDEP. Não necessariamente estes professores (poucos na época) estão lotados na EC 03. Mas nas conversas com demais diretores, quando precisamos endurecer numa posição que é mais alinhada com as concepções do movimento popular, de certa forma relacionamos com quem poderemos contar nas escolas para estar conosco. E eles (as) estão relacionados (as).

Será que ao longo destes anos estamos, aos poucos, construindo uma rede de contatos e ações no Paranoá? Uma rede interna, conquistando e ocupando espaço de poder e transformação? Ainda não temos uma coordenação central no sentido de saber onde está, quem é e o que estamos propondo como política de educação para o Paranoá. Que fazer?

Estes e outros embates somam-se aos meus próprios enfrentamentos e aos questionamentos que informalmente ocorrem nas reuniões e encontros do CEDEP. Sempre

comemoramos quando vem a notícia de mais um/uma educador/a que entra na rede pública. É mais gente nossa lá dentro, desvendando a realidade.

Quando deixo a direção da EC 03 e volto para a sala de aula, minhas memórias entram em ebulição. Começo a ordenar as idéias para dar uma linha ao que eu pretendo contribuir na/com educação no Paranoá a partir dali. Percebo que é hora de ir além. Que a experiência adquirida nesta trajetória me credencia a buscar contribuir ainda mais para a educação pública no Paranoá e no movimento popular.

Devido aos enfrentamentos sofridos durante a participação na gestão democrática e, principalmente aos do último ano, tive sérios e graves problemas de saúde que me ausentaram da sala de aula por vários meses e me submeteram a um tratamento médico longo, doloroso e desafiador.

A doença não é parte da luta no movimento popular, nem no sindicato, nem na rede pública, nem no governo. Mas é por/com ela. A luta não é a causa principal, pois existe o fator genético de cada ser humano, mas é determinantemente contribuinte. Como o sistema capitalista, que tirando o máximo do indivíduo, quando este não tem mais nada pra dar joga-o fora, também o movimento popular, partidos e entidades de classe e governo, quando o (a) companheiro (a) fica doente, fica só.

Retornando do processo de acompanhamento médico, tomo o rumo para o começo da pesquisa. Encontro-me no mestrado, em 2004, como aluna especial, incentivada por Ricardo Gonçalves Pacheco (Ricardo) e Ubirajara José Augusto (Bira), estes companheiros e amigos de muitas lutas. E acolhida por Renato Hilário e Erasto Fortes Mendonça, estes professores na FE/UNB, das disciplinas que cursei.

A reflexão da minha caminhada por vezes encontra diálogo com/no CEDEP

e com/na Universidade. Começa uma interação abraçando a pesquisa que se fez e se faz presente durante a trajetória do movimento popular no Paranoá e na minha própria trajetória neste movimento e na educação do Paranoá. Na constituição, concepção e construção da Educação Popular do CEDEP e na construção/troca do conhecimento na Universidade.

Em 2005, como aluna efetiva no mestrado, começo a dar corpo ao projeto que, mais que objetivos e percurso teórico, tem vida e está em movimento. Hoje, sendo mestranda da FE/UNB, diante de toda história do Paranoá, do CEDEP e minha; com impasses, com vitórias e derrotas eu quero que a minha contribuição venha ao encontro de identificar a participação das pessoas que passaram por nós como educadores/as populares e que estão na rede pública de ensino no Paranoá.

Será que, com a inserção destas pessoas, estamos contribuindo com uma mudança de rumo na educação no Paranoá? Com a transformação no/do Paranoá?

Com o projeto de educação popular do CEDEP nós temos, junto com a UnB, uma linha de articulação de ensino/pesquisa/extensão que vai da graduação, passando pelo mestrado e doutorado. Ainda dentro da perspectiva de ensino/pesquisa/extensão, vivida/vivenciada na relação CEDEP/UNB, cria-se o grupo de pesquisa – GENPEX⁵⁴ - de onde nascem vários trabalhos de produção acadêmica.

Levando em conta aquilo que já foi produzido neste grupo, em nível da educação popular e da rede pública de ensino no Paranoá, assim como (LIMA, 1999) que pela universidade trabalhou o efeito da repercussão do alfabetizando na rede e (TELES, 2003) que na sua dissertação trás o depoimento de uma educadora popular, os resultados sinalizam com a possibilidade de uma intervenção diferente na educação pública no Paranoá.

⁵⁴ Grupo Lattes de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular de Jovens e Adultos de Camadas Populares e Estudos Históricos, Filosóficos, Culturais.

Neste sentido ainda posso citar CASTRO, 2001; CONFESSOR, 2001; COSTA, 1999; MARIZ, 2004; PIERRO, 2001; REIS, 2000, 2001; RIOS, 1998; SANTOS, 2005; QUEIROZ, 1994; VERAS, 2001; RODRIGUES, 2002, e outros.

Quando o movimento popular do Paranoá demanda a Faculdade de Educação da UNB, por uma alfabetização de jovens e adultos foi no sentido de que não somente houvesse uma aprendizagem de leitura e cálculo, mas, sobretudo um aprendizado de leitura, escrita e cálculo intrínseco na luta coletiva dos moradores pela conquista de melhores condições de vida.

A proposta do CEDEP, para a educação, difere do sistema público na medida em que as pessoas estejam não só aprendendo leitura, escrita e cálculo, mas produzindo leitura, escrita e cálculo aprendendo a exercer o poder. O poder de voz, vez e decisão segundo REIS, 2000. E principalmente, aprendendo a participar dentro e fora da escola da melhoria das condições de vida da população. Então, em que ele/ela, como educador/a popular, desenvolveu, desenvolve ou vem desenvolvendo esta perspectiva de educação na rede pública de ensino do Paranoá?

O/a educador/a que, tendo passado pelo movimento popular, o que aconteceu com ela mesma? Com ela e sua família? Com ela na escola? Com ela em relação ao próprio movimento popular? Ao próprio Paranoá? O que aconteceu e o que está acontecendo de diferente na sua atuação na rede? Tendo participado no movimento popular como é que ela se vê dentro da sala de aula, sendo diretora, coordenadora pedagógica, orientadora educacional?

Estes questionamentos vão seguindo junto com as disciplinas cursadas no mestrado, junto com as discussões no CEDEP, com as conversas em orientação individual e

coletiva com Renato, com os cafezinhos e pães de queijo com as/os colegas do mestrado, nos encontros nas ruas do Paranoá, e nas madrugadas de escrita e reflexão.

Nestes momentos de tempestade de perguntas, um dia é uma coisa, no outro dia é outra, é inevitável o conflito, a angústia, o sofrimento e o questionamento principal: estou no caminho certo? O que parece tão bem definido na apresentação do projeto, entra em ebulição. Mas na medida em que vivo o mestrado, vivo o Paranoá, revivo minha trajetória e retomo nossa história a visão vai se clareando e tomando o rumo que finaliza no objeto central da pesquisa.

Os questionamentos mil se juntam e dão o norte que orienta a pesquisa. Toda trajetória apresentada no Capítulo I, II e III, se envolve na sustentação da pesquisa dando ainda mais força ao objeto e à pesquisadora. Eu não inicio uma pesquisa sozinha. Estou dentro de um grupo que está e me dá movimento.

As educadoras populares que passaram pelo processo de aprendizado conjunto com outros/as educadores/as, alfabetizando/as e alunos/as da UnB, aprenderam/incorporaram essa perspectiva e a levam/desenvolvem na rede pública de ensino? Se desenvolve, de que natureza e com que intensidade?

Tenho a pergunta, a resposta é decorrente da pesquisa que se apresenta a trabalhar a **repercussão da atuação de educadores/as egressos/as da educação popular de jovens e adultos do CEDEP, no contexto da rede pública do Paranoá.**

No capítulo seguinte apresento traços dos caminhos metodológicos da pesquisa, na busca de respostas a questões que instigam saudavelmente meus neurônios.

Continuemos a caminhada.

CAPÍTULO V

O PERCURSO CONCEITUAL METODOLÓGICO

*“A partir das relações do homem com a realidade,
resultantes de estar com ela e de estar nela,
pelos atos de criação, recriação e decisão,
vai ele dinamizando o seu mundo.
Vai dominando a realidade.
Vai humanizando-a
Vai acrescentando a ela algo
de que ele mesmo é o fazedor.”*
Paulo Freire⁵⁵

Como já relatei em páginas anteriores, pertenço historicamente ao grupo pesquisado, não sou observadora num processo de pesquisa, sou pesquisadora e pesquisada ao mesmo tempo. Minha trajetória pessoal na comunidade e na rede pública não difere da trajetória dos/as sujeitos/as colaboradores desta pesquisa.

É aprendendo e exercitando a participação na luta dos moradores e no enfrentamento dos problemas vividos no Paranoá, que são meus e nossos, que me encontro com a educação e me constituo professora. Nesses enfrentamentos venho construindo a pesquisa nestes anos, mesmo que inconscientemente. Esta história não é só minha, mas de todos que já viveram-na e vêm constituindo conhecimento no conjunto das relações sociais historicamente acumuladas, e que estão se acumulando e hão de se acumular.

Estar no mestrado nada mais é que sedimentar esta pesquisa e reconhecer a caminhada. Pesquisa e caminhada em constante construção. Faz parte de uma história de vida, de um projeto de vida que não começa no mestrado e nem se esgota nele.

Esta pesquisa tem vida. É uma pesquisa com vida própria. Os

⁵⁵ FREIRE, 2005: 51

enfrentamentos vividos por mim talvez sejam os mesmos ainda vividos pelos/as educadores/as egressos/as ao ingressarem na rede pública. Talvez sejam outros em maior ou menor grau. Mas são enfrentamentos.

A produção deste conhecimento é a expressão do meu poder de vez, voz e decisão. Meu, do outro, da outra. Da comunidade do Paranoá e do movimento popular do Paranoá, o CEDEP. É o resultado do meu/nosso dessilenciamento. (REIS, 2000).

Ao fazer parte do sistema público e estar inserida no movimento popular, trabalho e contribuo para o dessilenciamento social na medida em que proporciono a mim e aos sujeitos ao meu redor o poder de vez, voz e decisão.

O que pretendo investigar? A repercussão da atuação de educadores/as egressos/as da alfabetização popular de jovens e adultos do CEDEP, nas escolas de ensino fundamental da rede pública do Paranoá, seja com crianças, adolescentes, jovens e/ou adultos. Como é que, tendo passado pelo movimento popular, o/a professor/a está ou não está e em que medida está fazendo algo diferente na rede pública no/do Paranoá.

A pesquisa pode contribuir com encaminhamentos e inquietações no CEDEP, na Universidade e nos movimentos sociais e populares da sociedade brasileira? A contribuição desta pesquisa pode dar margem a uma estratégia de atuação do CEDEP e da UNB e dos movimentos sociais e populares? É o feedback de uma atuação acumulada de muitos anos que irá subsidiar e dar continuidade à pesquisa em outras esferas e circunstâncias.

Fato é que a pesquisa em questão espera contribuir com a orientação de educadores/educadoras levando a reflexão sobre a essencialidade da educação e do processo educativo seja no movimento popular ou na rede pública.

5.1 – O PERCURSO METODOLÓGICO

Busco na inserção contributiva-participativa (REIS, 2000: Capítulo 3), e nos princípios da pesquisa-ação as bases para sedimentar e dar rigor científico ao desenvolvimento da pesquisa e ao mesmo tempo apontar o movimento e a ritmo da reflexão-ação.

Sobre isso a contribuição de THIOLENT traz a afirmativa de que “a compreensão da situação, a seleção dos problemas, a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes, todas às características qualitativas da pesquisa-ação não fogem ao espírito científico”. (THIOLENT, 1986:23).

A opção pela pesquisa-ação vem também de encontro com as próprias características da história do Paranoá, do CEDEP e como sou parte desta história, minhas também. A pesquisa-ação requer uma disposição em contribuir com a transformação social que já é parte da constituição da história do movimento popular no Paranoá.

Neste sentido BARBIER define que “*a finalidade da pesquisa-ação é servir de instrumento de mudança social*”.(BARBIER, 2004:53). E THIOLENT complementa afirmando que a pesquisa-ação não é um momento estanque e laboratorial, “*não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados... Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados*”. (THIOLENT, 1986:16).

Ainda vem fortalecer a opção pela pesquisa-ação, o fato de pesquisadora/pesquisada já estar inserida no meio pesquisado e a relação com os colaboradores/entrevistados na pesquisa estar historicamente constituída. O que faz da relação pesquisadora/pesquisada x pesquisados/pesquisadores uma relação

participativa/transformativa/contributiva/mútua.

A cerca da relação entre pesquisadora e participantes, THIOLENT contribui dizendo que *“sem duvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo”*. (THIOLENT, 1986:15). Pra não deixar escapar BARBIER completa afirmando-me que *“os membros de um grupo estão em melhores condições de conhecer a sua realidade do que as pessoas que não pertencem ao grupo”*. (BARBIER, 2004:53).

Sobre a importância desta relação e a contribuição dela para a pesquisa GONZÁLEZ REY confirma que *“as relações com o pesquisador, a confiança e o interesse que ele desperta são essenciais para criar um conjunto de necessidades do sujeito em relação à sua participação na pesquisa, determinantes para sua capacidade de expressão no decorrer dela”*. (GONZÁLEZ REY, 2002:81).

Outro ponto considerado para a pesquisa-ação diz respeito ao saber. Saber este que na visão popular está historicamente acumulado, inacabado e, portanto em construção. A pesquisa –ação reconhece o saber acumulado de seus participantes e este como fator delineador da pesquisa. Reconhece que os/as participantes tem sempre algo a dizer e a fazer.

Neste sentido THIOLENT tem a nos dizer que *“a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a 'dizer' e a 'fazer'”*. (THIOLENT, 1986:16).

A postura unilateral do saber, característica nas pesquisas tradicionais, é apontada por THIOLENT, como incompatível com a pesquisa-ação visto que de acordo com

esta postura, que é tradicional, há a tendência de muitos pesquisadores considerarem o saber como exclusividade sua e que “*os membros das classes populares não sabem nada, não têm cultura, não têm educação, não dominam raciocínios abstratos*” e, sendo assim, “*só podem dar opiniões*”. (THIOLLENT, 1986:67)

Esta não é a concepção do movimento popular e não tem sido a concepção da alfabetização e formação de educadores do CEDEP. O saber é comum a todos e o exercício deste saber é estimulado nas aulas, orientação da práxis e fóruns e no encaminhamento da Situação-Problema-Desafio.

Como é a práxis pedagógica do CEDEP, a orientação metodológica da pesquisa-ação, como aponta THIOLLENT, dá aos pesquisadores em educação “*condições de produzir informação e conhecimento de uso mais efetivo*”. Ainda segundo suas considerações, a contribuição deste tipo de pesquisa, os resultados obtidos, podem contribuir “*para o esclarecimento das micro-situações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes*”. (THIOLLENT, 1986:75).

5.2 – A ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO DA PESQUISA

Ao optar por utilizar a entrevista como instrumento da pesquisa não desconsidero outras formas de coleta de dados, mas creio ser a entrevista semi-estruturada e não estruturada o caminho mais coerente para o diálogo ativo/afetivo/reflexivo necessário para a reflexão/intervenção que nossa ação exige.

Segundo ALVES-MAZZOTTI a entrevista qualitativa por ser pouco estruturada assemelha-se a uma conversa e assim permite tratar de temas complexos em profundidade e sem a rigidez e superficialidade dos questionários. (ALVES-MAZZOTTI, 2002:168).

Para LÜDKE, a entrevista é um instrumento importante para a coleta de dados e uma das principais técnicas de trabalho nas pesquisas em ciências sociais. Considerando-a como uma poderosa arma de comunicação, ela aponta como enorme utilidade para a pesquisa em educação. Para ela o mais importante é que o entrevistado pode falar sobre o tema proposto na entrevista baseando-se em suas próprias informações e estas informações é que dão razão à entrevista. (LÜDKE, 1986:33-34).

Ainda para LÜDKE, a relação que se cria na entrevista é de interação e de *“uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”*. (LÜDKE, 1986:33). GONZÁLEZ REY concorda que o processo de aplicação do instrumento, sendo interativo, acaba por envolver o sujeito na pesquisa. (GONZÁLEZ REY, 2002:81).

Com relação aos objetivos da entrevista, estes devem estar *“claros, assim como a informação que se pretende obter, a fim de se buscar uma compreensão do material que está sendo colhido e direcioná-la melhor”*. (SZYMANSKI, 2004:19).

O tipo de entrevista que melhor se identifica com a pesquisa-ação, é a não estruturada e/ou semi-estruturada. Vou optar pela junção dos dois modelos quando for o caso, por entender que um modelo não interfere no outro e até se complementam.

No modelo semi-estruturado o entrevistador *“faz perguntas específicas, mas também deixa que o entrevistado responda em seus próprios termos”*. No modelo não-estruturado, *“o entrevistador introduz o tema da pesquisa, pedindo que o sujeito fale um pouco sobre ele...”* (ALVES-MAZZOTTI, 2002:168).

Na oportunidade da entrevista será utilizada a questão desencadeadora que, após as questões iniciais (aquecedoras), *“deve ser o ponto de partida para o início da fala do participante, focalizando o ponto que se quer estudar e, ao mesmo tempo, amplia o suficiente*

para que ele escolha por onde quer começar". (SZYMANSKI, 2004:27).

Neste sentido a questão desencadeadora da entrevista será: **Você passou pela educação popular do CEDEP. Gostaria de saber em que essa experiência influenciou seu trabalho na rede pública do Paranoá, seja com crianças, adolescentes, jovens e/ou adultos?**

Esgotado o momento da entrevista, é hora de transcrever os dados e realizar o feedback com os entrevistados/as. Esse momento é importante porque dá aos envolvidos na entrevista a oportunidade de analisar suas reações, redefinir o problema e encontrar soluções.(BARBIER, 2004:55).

A esse feedback, SZYMANSKI chama de reflexividade dando o sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado:

“expressando a compreensão da mesma pelo entrevistados e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, que é uma forma de aprimorar a fidedignidade...” Ao deparar-se com sua fala, na fala do pesquisador, há a possibilidade de um outro movimento reflexivo: “o entrevistado pode voltar para a questão discutida e articulá-la de uma outra maneira em uma nova narrativa, a partir da narrativa do pesquisador”.(SZYMANSKI, 2004:15).

Essa devolução ao entrevistado SZYMANSKI ressalta que é uma forma de equilibrar as relações de poder na situação da pesquisa. *“É quando o entrevistado pode apresentar modificações eventualmente geradas pelo processo de reflexão -primeiro durante a pesquisa, entrevista, depois no período entre uma e outra e, em seguida, na comparação de sua interpretação com o do entrevistador”.* (SZYMANSKI, 2004:53).

Esta *“autoria do conhecimento é dividida com o entrevistado que deverá considerar a fidedignidade da produção do entrevistador”.* (SZYMANSKI, 2004:52).

Tanto no momento da entrevista como na análise a transformação não é só nos/as sujeitos/as, a transformação é também em mim. Pois passo a ter uma visão das coisas que mudam em mim internamente e neles/as (entrevistados/as) a medida em que conversam comigo, porque é uma conversa dialógica-dialética de transformação mútua de olhares distintos.

A entrevista leva em conta a história de vida de cada um dos sujeitos entrevistado e também a minha. Pois cada um tem uma história e em cada história tem um processo de superação. Desta maneira a análise reflete não só a historicidade dos/as entrevistados/as, mas também da minha historicidade e das contribuições dos nossos saberes historicamente acumulados.

A análise das entrevistas deve conduzir aos significados e, a partir daí, elaborar as categorias que serão agrupadas em temas e trazidos à discussão.

Considerando que há uma variedade de informações que acompanham a entrevista como gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, alterações de ritmo. Toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito, as formas de registro serão a gravação em cassete e a anotação, e se autorizado pelo entrevistando/a, a filmagem. Mas priorizando a gravação em cassete.

Por fim, trago as palavras de LÜDKE me chamando à responsabilidade por este instrumento de pesquisa, e já de imediato respondo que minha trajetória me prepara para este momento e que o tema em estudo é parte de minha caminhada/vida/viva:

“de qualquer maneira, é importante lembrar que ao nos decidirmos pela entrevista, estamos assumindo uma das técnicas de coleta de dados mais dispendiosas, especialmente pelo tempo e qualificação

exigidos do entrevistador. Quanto mais preparado estiver ele, quanto mais informado sobre o tema em estudo e tipo de informante que irá abordar, maior será, certamente, o proveito obtido com a entrevista (LÜDKE, 1986:38).

5.2.1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA

As questões elaboradas pretendem conhecer os sujeitos participantes da pesquisa e investigar as possíveis repercussões da sua atuação na rede pública de ensino do Paranoá, nas dimensões dos enfrentamentos, superações e desafios.

Perguntas:

- 1 – Fale-me de você: Nome? Onde nasceu? Desde quando no Paranoá?
- 2 - Diga-me como e em que o CEDEP transformou você?
- 3 – Que motivos levaram você à rede pública do Paranoá?
- 4 – Você passou pela educação popular do CEDEP. Gostaria de saber em que essa experiência influenciou seu trabalho na rede pública do Paranoá, seja com crianças, adolescentes, jovens e/ou adultos?

5.3 – DOS OBJETIVOS DA PESQUISA: GERAL E ESPECÍFICOS

Definir os objetivos da pesquisa é mais um dos momentos de um processo de vida que vem se constituindo ao longo do caminho que tenho percorrido no movimento popular do Paranoá e no quadro de professores da rede pública de ensino no Paranoá.

5.3.1 – OBJETIVO GERAL

Identificar as possíveis repercussões da atuação de educadores e educadoras egressos e egressas da Alfabetização Popular de Jovens e Adultos do CEDEP inseridos no contexto da Rede Pública de Ensino no Paranoá/DF, seja com crianças, jovens, adolescentes e/ou adultos.

5.3.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Identificar as principais problemáticas enfrentados pelos e pelas educadores e educadoras da educação popular ao ingressarem na rede pública de ensino do Paranoá;
2. Conhecer como se dá o enfrentamento entre a experiência como educador/a popular e a situação que passa a viver na escola pública do Paranoá;
3. Levantar algumas superações/transformações, significações/resignificações dos/das educadores/as egressos do CEDEP na rede pública do Paranoá, frente às problemáticas enfrentadas;
4. Identificar a natureza da relação social entre educadores populares e rede pública de ensino no Paranoá;

5.4 – DO UNIVERSO DO CAMPO À DELIMITAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

5.4.1 – DOS/AS EDUCADORES/AS EGRESSOS/AS:

Para localizar os educadores egressos e chegar aos sujeitos da pesquisa, realizei levantamento junto a DRE Paranoá⁵⁶ das escolas sob sua coordenação. Do total de escolas apresentadas selecionei as da área urbana. Nestas escolas realizei visitas e relacionei todos os professores atuantes na escola com residência no Paranoá. São doze escolas no total,

⁵⁶ Diretoria Regional de Ensino do Paranoá – órgão local responsável pela educação pública no Paranoá. Está diretamente ligada à Secretaria de Estado da Educação do Governo do Distrito Federal.

desconsiderando as escolas conveniadas e a própria DRE.

Sigo para visitas em cada escola (lembrando que o corte na pesquisa vai considerar apenas as da área urbana). Nas escolas não tenho maiores dificuldades em conseguir as informações, pois tenho muitos contatos, mas as visitas são demoradas pelos mesmos motivos, conheço muita gente. Conversa vai, conversa vem... Faço no máximo duas escolas por turno.

No caminho desta pesquisa percebo a riqueza das informações que estou coletando nas escolas, pois eu mesma me surpreendo com o número expressivo de professores/as que moram no Paranoá e estão na rede pública do Paranoá. Apresento na tabela a seguir o total destes professores/as lotados/as nas escolas urbanas do Paranoá, seja efetivos (concurados) ou temporários:

TOTAL DE PROFESSORES/AS LOTADOS NAS ESCOLAS URBANAS DA DRE PARANOÁ NO ANO DE 2006 QUE TEM RESIDÊNCIA FIXA NO PARANOÁ – TABELA 3

ESCOLA	Número de Professores que moram no Paranoá
ESCOLA CLASSE 01 DO PARANOÁ	14
ESCOLA CLASSE 02 DO PARANOÁ	03
ESCOLA CLASSE 03 DO PARANOÁ	05
ESCOLA CLASSE 04 DO PARANOÁ	06
ESCOLA CLASSE 05 DO PARANOÁ	09
CAIC SANTA PAULINA DO CORAÇÃO AGONIZANTE DE JESUS	12
CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL 01 DO PARANOÁ	02
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 01 DO PARANOÁ	07
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 02 DO PARANOÁ	02
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 03 DO PARANOÁ	02
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL DARCY RIBEIRO	03
CENTRO DE ENSINO MÉDIO 01 DO PARANOÁ	11
TOTAL	76

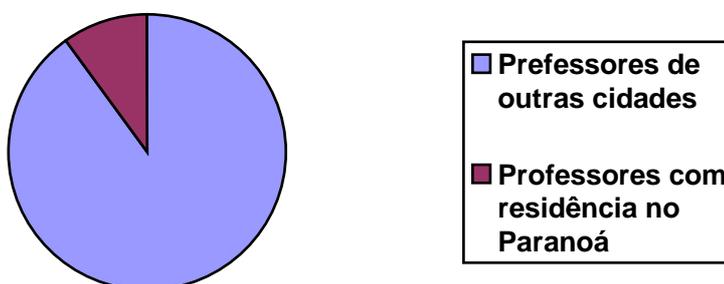
FONTE: DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DO PARANOÁ/2006

Espanto?

Sim, não esperava tanto.

Segundo dados do SIGRH/GDF, já apresentados no Capítulo I, ítem 1.1.5, o total de professores lotados na DRE do Paranoá é de 772. Considerando este dado, o número de professores residentes no Paranoá chega a 9,84%, como pode ser observado no gráfico abaixo:

LOTAÇÃO DE PROFESSORES DA DRE PARANOÁ NO ANO DE 2006



Existe uma maior concentração destes professores nas escolas do Ensino Fundamental, nas séries iniciais. Na maioria das escolas a exigência é uma jornada de 40 horas distribuída nos turnos matutino e vespertino. Para quem tem jornada de 20 horas a indicação principal é de atuação no turno noturno ou trabalho burocrático em secretaria, salas de leitura e direção da escola ou Diretoria de Ensino.

Como apresentado anteriormente, a Educação de Jovens e Adultos no primeiro seguimento está sendo ofertada em apenas uma escola, e no período noturno, o que diminui a possibilidade de haver professores/as egressos/as da alfabetização de jovens e adultos do CEDEP em turmas de EJA.

Destes 76 professores, 25 passaram pela alfabetização de jovens e adultos do CEDEP. São educadores/as populares egressos/as da Alfabetização Popular de Jovens e Adultos do CEDEP. Durante sua atuação no CEDEP experienciam, a princípio, uma

concepção de educação aliada ao enfrentamento de problemas vividos/vivenciados na comunidade buscando o fortalecimento e a transformação desta comunidade.

Vejamos na tabela a seguir a distribuição destes/as professores/as por escola:

TOTAL DE PROFESSORES/AS LOTADOS NAS ESCOLAS URBANAS DA DRE PARANOÁ – NO ANO DE 2006 - QUE RESIDEM NO PARANOÁ E SÃO EGRESSOS/AS DA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS DO CEDEP – TABELA 4

ESCOLA	Número de Professores /as egressos/as do CEDEP
ESCOLA CLASSE 01 DO PARANOÁ	04
ESCOLA CLASSE 02 DO PARANOÁ	01
ESCOLA CLASSE 03 DO PARANOÁ	01
ESCOLA CLASSE 04 DO PARANOÁ	02
ESCOLA CLASSE 05 DO PARANOÁ	06
CAIC SANTA PAULINA DO CORAÇÃO AGONIZANTE DE JESUS	05
CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL 01 DO PARANOÁ	0
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 01 DO PARANOÁ	03
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 02 DO PARANOÁ	0
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 03 DO PARANOÁ	0
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL DARCY RIBEIRO	01
CENTRO DE ENSINO MÉDIO 01 DO PARANOÁ	02
TOTAL	25

FONTE: REGISTRO DE CAMPO/2006

Considerando os professores residente no Paranoá, os educadores egressos lotados nas escolas do Paranoá representam uma fatia de 32,89%. Se considerado o total de professores lotados no Paranoá, os educadores populares representam 3,23% deste total. Representação bastante significativa.

REPRESENTAÇÃO DE EDUCADORES/AS POPULARES NA REDE PÚBLICA DO PARANOÁ NO ANO DE 2006



A concentração destes/as professores/as é também nas escolas de Ensino Fundamental com séries iniciais. A repercussão da atuação destes/as educadores/as populares da alfabetização do CEDEP, na escola pública do Paranoá seja com crianças, adolescentes, jovens e/ou adultos é a preocupação central desta pesquisa.

5.4.2 – CRITÉRIOS E SELEÇÃO DAS/OS EDUCADORAS/ES EGRESSAS/OS

Após este levantamento seleciono os sujeitos da pesquisa. Para a seleção foi considerado o tempo em que atuou no CEDEP como educadora, quanto tempo de atuação na rede pública, se está ou esteve na Educação de Jovens e Adultos na rede pública.

A idéia inicial é trabalhar com todos os que estivessem atuando na Educação de Jovens e Adultos - EJA justamente para estabelecer a continuidade do trabalho da educação popular do CEDEP. Mas atualmente apenas uma escola está em funcionamento com EJA 1º Segmento, que corresponde ao nível de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Com escolas fechadas, a falta de oferta é também para professores da EJA e não apenas para alunos.

Outro fator que contribui com a não permanência do professor por muito tempo no noturno é relativo à remuneração. O professor só pode trabalhar 40 horas na rede se for no diurno. No noturno apenas com 20 horas, sendo difícil a autorização de outras vinte horas em qualquer turno do período diurno.

Deste modo, como não há EJA diurno no Paranoá, e o salário de 20 horas é bem inferior ao de 40 horas, os professores acabam por optar por 40 horas em turmas do Ensino Fundamental diurno, com crianças. Salvo aqueles que tem outra fonte de renda, estes resistem e ficam no noturno com EJA. É o caso de dois de nossos entrevistados.

A princípio a seleção dos sujeitos entrevistados procurava também atender a períodos de atuação no CEDEP assim relacionados: 1 representante para o período de 1987 a 1990; 1 representante para o período de 1991 a 1994; 1 representante para o período de 1995 a 1998; 1 representante para o período de 1999 a 2002 e 1 representante para o período de 2003 a 2006.

Após análise, o período entre 2003 e 2006 é muito recente e, caso o educador estiver na rede, poderá ter um período muito curto de atuação para nossa análise, então desconsiderei este período. Como os períodos se misturam, contemplei a atuação destes no CEDEP dentro de cada período e considerei o tempo desta atuação na rede pública sendo superior a três anos.

Seguindo estes critérios selecionei as educadoras Maria de Fátima Oliveira Lisboa (FATINHA), Silvania Silveira de Oliveira (SILVANIA), Maria das Graças Gomes Martins (GRAÇA), Francilene Noronha de Sousa (FRANCILENE) e o educador Silvio Soares Filho (SILVIO).

Considero que os/as educadores/as populares inseridos na rede pública têm muito a contribuir, porém não havia como contemplar a participação de todos e todas nesta pesquisa. Creio que não faltarão momentos para que suas contribuições possam ser registradas por pesquisas futuras.

No quadro abaixo relaciono dados que auxiliaram na seleção destes para esta pesquisa.

Educador/a	Ano de atuação no CEDEP	Tempo de atuação contínua no CEDEP	Quando entrou na rede pública	Tempo de rede pública
Fatinha	1986-1998	12	1998	9
Graça	1992-1997	06	1998	9
Francilene	1993-1997	05	2003	4
Sílvia	2000-2002	03	2003	4
Silvania	2001-2003	03	2003	4

Os instrumentos utilizados para a pesquisa serão a entrevista semi-estruturada e a entrevista não-estruturada, além disso, as observações e anotações realizadas ao longo de minha vida. Sejam elas em memória, em documentos ou em diários servirão como auxiliares no complemento as informações e às análises.

5.5 - O MOMENTO DA ENTREVISTA: LEMBRANÇAS, SENTIMENTOS E COMPROMISSO

O momento das entrevistas foi extremamente prazeroso. O contato e a afetividade do acolhimento foi marca presente em todas as etapas da entrevista. Também foi um momento de reavaliar valores e propósitos não apenas com a pesquisa, mas também e principalmente com a minha trajetória tanto no movimento popular como na escola pública. No momento em que eu estou na dialogia eu tenho a visão do outro e do todo.

Em cada nova conversa, em cada novo encontro, novas idéias e propostas vão sendo interiorizadas para uma intervenção mais sistemática e enfática na educação no Paranoá, seja ela pública ou popular.

Percebo, e percebemos, que apesar do muito que já foi feito, mais ainda há por fazer. A oxigenação das entrevistas é em mim mesma é na construção da pesquisa. Todas as entrevistas estão em meu registro de campo. Foram noventa e oito páginas de entrevista que registram o encontro dialético entre eu, educadora-pesquisadora-pesquisada e as/o sujeitas/o educadoras-pesquisadas-pesquisadoras.

A primeira entrevista realizada é com a Sylvania. Saio desta conversa-prosa na certeza do caminho da pesquisa e que não erro em acreditar na força e nas possibilidades desta caminhada. Mais ainda, ouvir os relatos da Sylvania me traz a esperança do futuro e da continuidade da luta por uma educação libertadora no Paranoá e agora na rede pública do DF.

Lacrimo muitas vezes com a firmeza da voz e da presença de uma jovem professora que está contribuindo com a educação no Paranoá com olhar prático do Movimento Popular.

Seguida a Sylvania, conversei com a Francilene e a empolgação não é diferente. Francilene relata a sua trajetória pessoal e de como encontrou o caminho do ser professora no curso de formação do CEDEP⁵⁷.

Depois passo pelo encontro com Sílvia. É o mesmo envolvimento com o tema abordado. Prazeroso é ver o quanto Sílvia se encontrou no Paranoá e com a educação no Paranoá. Estar aqui para ele é uma opção de vida, de profissão e de coração. É um ato político.

Com a Graça nosso encontro é mais engraçado. Muitos são os atropelos (não mais que para encontrar com a Fatinha) para que finalmente nossa entrevista acontecesse. Conversamos sobre o Paranoá, sobre o CEDEP e sobre as escolas em uma longa e prazerosa tarde de lembranças e porta-memórias.

Com Fatinha então, foi um verdadeiro baú... Quantas histórias para contar, quantas coisas para rever... Quanto tempo já se passou... Há vinte anos nos conhecemos, estudamos juntas, e estamos caminhando pelas trilhas da educação no Paranoá... É muita

⁵⁷ Quando citar CEDEP deste momento em diante quero relacionar diretamente ao trabalho do grupo de alfabetização de jovens e adultos do CEDEP/UnB - GAJA

conversa... Três encontros gravados. Um com mais papo, outro com menos. Mas com um conteúdo precioso: nossas memórias.

Em todas estas conversas e bate-papos fica a certeza de que muito já foi feito. Muito está sendo feito. Muito mais temos há fazer.

A intimidade da entrevista nos permite sorrir, chorar, espantar-nos, criticar, falar bobagens e acolher. O relacionamento antigo entre entrevistadora e entrevistadas/o facilita o diálogo sem barreiras, sem receios.

Contudo, falar das educadoras populares significa, no nosso olhar, conhecer a sua história e, neste momento, as implicações do ser/estar/tendo sido, educadora popular pelo CEDEP. Como falar da inserção destes sujeitos nas escola públicas do Paranoá sem conhecer a formação e trajetória destes dentro do movimento popular?

Não há como perceber as repercussões da atuação das educadoras egressas sem saber como se dá o envolvimento destes com uma práxis própria de educação que faz o movimento popular, já explanada (mas não esgotada) em capítulos anteriores desta dissertação. Impossível. A ordem de apresentação obedece à ordem das entrevistas.

Eu posso fazer uma análise inicial desta apresentação, apontando indícios de que já há uma repercussão dela no CEDEP e do CEDEP na vida dela. Na apresentação de cada um deles tem elementos muito parecidos. Só aqui já tem material para uma farta análise. Mas não vou me deter aí, seguirei mais adiante no contexto de suas relações com a escola pública no Paranoá.

Como ele/elas mesmo/as me contaram, abro espaço para suas vozes nas próximas páginas.

5.6 - APRESENTANDO AS (O) EDUCADORAS (ES) DA PESQUISA E SUA TRAJETÓRIA

Adalberto Alves, Adriana dos Santos, Airan Almeida, Alcimar Antônio, Alcina Batista, Alcione Almeida, Aleandra Gonçalves, Alessandra Ferreira, Alessandra Gonçalves, Alessandro B., Alessandro Lopes, Alex Cleberson, Alexandre Ferreira, Amélia Maria, Ana Carla, Ana Carolinne, Ana Cláudia, Ana Cristina, Ana Margarida, Ana Maria, Ana Paula, Ana Paula, Ana Veras, André Pereira, Andréa Costa, Andréa Souza, Andréia Conceição, Andréia Silva, Antônio EufRASINO, Antônio Marcos, Aureci Pereira, Benedita Martins, Camila Pereira, Carmelita Ferreira, Cecília dos Santos, Cecília Nogueira, **Francilene Noronha**, Carolina Pacheco, Célia Silva, Celmar de Carvalho, Cezinon Pereira, Cilene Golveia, Cléssia Mara, Crislanquene Alves, Cristiana Sousa, Cristina de Sousa, Cristina Silva, Daciclé da Silva, Delza Cardoso, Diana Câmara, Dilma Barbosa, Domicia Gomes, Ecival Carvalho, Edinéia Borges, Edson dos Santos, Eduardo Custódio, Elaine Éster, Elaine Machado, Elcimara Augusto, Elenita, Eliana Costa, Eliane Cunha, Eliane dos Reis, Eliane Novaes, Elisângela Alves, Emilene Gonçalves, Érica Barbosa, Eriene D'arc, Erisvan Silva, Estefânia do Nascimento, Ester Oliveira, Eva Lopes, Evanilda Ferreira, Fabiana Pereira, Fernanda Ferreira, Fernando Reblero, Flávia Cordeiro, Flávio Inácio, Floracy Bispo, Francisca D'árck, Francisca Maria, Francisca Maria, Francisco Athila, Frank Jammes, Georgia Simty, Geovanea Cunha, Gersiane Pereira, Gilene Maria, Gleisson Paulo, Glícia Juliana, Graça da Natividade, Gutemberg Rodrigues, Helenita Pereira, Hernane, Isabel Cristina, **Maria das Graças**, Ivone de Sousa, Ivonete dos Santos, Jacilda da Silva, Jair Pereira, Jalbas Lúcio Vaz, Janaína Azevedo, Janaína de Oliveira, Janaina dos Santos, Jaqueline dos Santos, Jeniane Santos, Jéssica Fabrícia, Joanita Ramos, João Batista, João Gomes, João Rômulo, John Ferreira, Jonathas Alves, José Antônio, José Leitão, José Reis, José Vanderli, Joselice da Silva, Josiane Ferreira, Josiel Pereira, Juliana Leonardo, Juliane Santos, Kédina Martins, Kelly Henrique, Kesly Ferreira, Laudicéa Soares, Laurenice Alves, Leah Machado, Leila Maria, Lúcia de Fátima, Lúcia de Fátima, Luciana Coutinho, Luciana Fernandes, Luciana Gomes, Ludmila Cibele, Manoel Alves, Marcília Maria, Maria Angelina, Maria Aparecida, Maria Aureci, Maria Creuza Evangelista, Maria de Fátima Cardoso, Maria de Fátima Santana, **Maria de Fátima Oliveira**, Maria de Fátima Souza, Maria de Lourdes Mingote, Maria de Lourdes P, Maria Delsione, Maria do Carmo, Maria do Socorro, Maria Helena, Maria Helena Silva, Maria Helena Lira, Maria Ivonete, Maria Luisa Melo, Maria Luiza V. Maria Marcione, Maria Rosário, Maria Zélia, Maristela, Marta Regina, Maxwell de Castro, Meiriluce de Sousa, Michele da Conceição, Michele Pereira, Mírian Cleire, Mirian Oliveira, Mônica Alves, **Sílvio Soares**, Natalia Ferragini, Norma Lúcia, Neuza Moreira, Núbia Segunda, Okatiana de Matos, Olivete Soares, Patrícia Alves, Patrícia Fernanda, Patrícia Santos, Poliana Leonardo, Rafael Mingote, Rafael Noletto Garcia, Rafaela de Sousa, Raimunda Vilani, Raimundo José, Raimundo Nonato, Ricardo Mariz, Raquel Maria Ricardo Belchior, Rosana Maria, Rosângela Cunha, Rosângela Monteiro, Rosemary Santos, Rosilene Pereira, Rosimeire Teixeira, Rosineide Vieira, Sandra Maria, Severina Oliveira, Sheilla Pereira, Silvana Ferreira, Sirney, Sonia Cerqueira, Stella Pimenta, Suely Gonçalves, Teresinha Custódio, Thairine Barbosa, **Silvania Silveira**, Thais de Souza, Thais Barbosa, Thiago Luís Morais, Valdenice Bispo, Valéria Dias, Vanda Lúcia, Vanessa Melo, Vaníria da Costa, Vera de Jesus, Verônica Cássia, Vítor Alves, Viviane Gonçalves, Wesley Pereira, Wilnean Brito, Sebastina Silva⁵⁸

⁵⁸ Deixo aqui a homenagem a companheiros e companheiras que passaram pela educação popular do CEDEP e estão, neste momento, em algum lugar, mantendo a caminhada. Mesmo que solitária. Peço perdão pela ausência de algum nome, mas fica a certeza de que sua marca está registrada na história do CEDEP.

SILVANIA



Menina faladeira e de sorriso largo, Silvania (é assim mesmo que se escreve, sem acento) tem a energia de quem está sempre começando e uma disposição contagiante. Ela mesma se apresenta:

Meu nome é Silvania Silveira de Oliveira, nasci em 29 de setembro de 1982, 24 anos, natural do DF, nasci em Brasília. Sempre morei no Paranoá [...] conheci o Paranoá velho, conheço a história do Paranoá e desde pequenininha sempre gostei de estudar [...]

Silvania cresceu na Vila Paranoá e acompanhou de muito perto toda imposição do cotidiano sofrido da comunidade e também suas lutas e conquistas. A vida difícil despertava na família de Silvania a vontade de um futuro diferente, e isto era incentivado pela dedicação aos estudos. Silvania faz a opção pelo magistério, em 1998, quando terminava o segundo grau em escola do Paranoá. Ela sempre fora aluna de escola pública no Paranoá.

Mas Silvania termina o magistério, em 2000, como tantas outras normalistas, totalmente distanciada da realidade. Como é prática do CEDEP, sempre que começa o curso de formação, a mesma estratégia para convidar alfabetizandos é feita para convidar futuros alfabetizadores, a visita e o convite.

Se eu não me engano, no início de 2001, a Laurenice, que na época era alfabetizadora do CEDEP. Ela já era ligada ao CEDEP em 2001, ela veio aqui em casa:- Silvana você não pode perder o curso de formação do CEDEP, até porque você terminou o curso normal, e vai ser muito importante pra você. Você pode até ter uma primeira experiência com a educação de jovens e adultos ou na pré-escola, lá no CEDEP. Nossa, eu fiquei empolgadíssima.

A mesma empolgação que o alfabetizando fica ao receber a visita de alfabetizador em sua casa pôde ser percebida na Silvania. Ela experimentou a acolhida.

Silvania reflete sobre a ausência da prática. Mesmo já estando formada ela sente o vazio da vivência não acontecida e fica a vontade de fazer algo para mudar isto. Quando conhece o CEDEP e experimenta, pelo curso de formação, uma proposta diferente de fazer educação.

Silvania se encanta e se compromete:

Eu acho assim, quando você termina um curso de formação e não tem a prática, e eu tava nessa fase, eu acho assim que eu tinha muita teoria e então eu queria aplicar tudo aquilo. Com aquela sede, com aquela vontade. E então em 2001, em janeiro ou fevereiro, não sei, eu participei desse curso de formação. Nossa eu fiquei encantada [...] e depois que terminou o curso eu continuei no CEDEP, ajudei a Marcília com a turma de alfabetização, aqui na igreja⁵⁹ da Quadra 18.[...] e fui como auxiliar [...] Eu sempre ficava um pouquinho em cada turma, [...] fiquei um pouquinho com uma turma de concluintes, gostei muito, e fiquei em 2001 participando ativamente do CEDEP. Isso, gostando mesmo, participando sábados, domingos [...]

Silvania continua no CEDEP. Faz concurso para a Secretaria de Educação e em março de 2003 é convocada para assumir o cargo de professora na Regional de Ensino do Paranoá. Nesta ocasião vai trabalhar no CAIC. O tempo que Silvania fica no CAIC é de um ano e ela é então transferida para a Escola Classe 05 do Paranoá no início de 2004 onde está até hoje. Nesta escola ela encontra outras professoras/educadoras e deste encontro resulta o acolhimento e a imediata identificação dentro do grupo.

[...] mas quando eu chego lá tenho uma surpresa, a Sebastiana⁶⁰ trabalhava lá, a Graça⁶¹, conheci a Graça no CEDEP [...]

Ao longo da entrevista Silvania vai apontando nuances de como o CEDEP influencia tornar-se educadora e na sua caminhada.

Eu acho que se eu não tivesse passado pelo CEDEP eu seria uma professora bem diferente. Eu acho que mais rígida, com idéias mais fixas. Eu acho que eu me tornei uma pessoa mais flexível, uma pessoa mais amorosa, uma pessoa mais crítica, mais consciente do meu papel, e até mesmo com outra visão sobre educação. Uma educação assim que leva o outro a crescer, uma pessoa mais feliz, viver bem no seu ambiente. Então eu acho que ter passado no CEDEP eu me

⁵⁹ A igreja citada é um espaço cedido da Igreja Anglicana do Brasil em parceria com o CEDEP.

⁶⁰ Sebastiana A. Silva

⁶¹ Maria das Graças Gomes Martins

sinto assim, uma professora diferente, diferente sim. Conversando com outras pessoas que não passaram pela educação popular, que não tiveram essa visão, é diferente. A conversa é diferente. Agora quando eu converso com uma pessoa que compartilhou daqueles momentos no CEDDEP, até que passou pouco tempo, mas nossa, a conversa já é outra, a gente já tem ideais, cria interesses.

A preocupação com o outro, a relação com a comunidade e com a escola pública trás para o discurso/ação de Sylvania a marca da formação vivida e vivenciada na educação popular.

[...] você não trabalha por dinheiro. Você não trabalha pensando em bens. Você trabalha pensando no outro, em ver o melhor do outro, querendo a felicidade do outro. É diferencial sim. É importante você estar trabalhando com pessoas, com a sua comunidade, que passaram pelos mesmos problemas que você e você quer junto com aquelas pessoas ajudar a melhorar aquele local. Fazer com que aquelas pessoas compreendam que aqueles problemas que eles passam de emprego, violência, miséria, não pertence à gente. Aquilo ali é imposto. Aquilo ali tudo tem uma história que você não é obrigado a baixar a cabeça e se acomodar. Você é capaz de se unir, de buscar soluções. Você é um cidadão, você faz parte dessa comunidade, você é capaz de reivindicar seus direitos, você tem direitos constitucionais. E que você tem todo o direito de dizer não, e de lutar por uma transformação, então acho que isso é dez.

Por último, uma nova visão de mundo onde o compartilhar é a mestra de uma proposta de educação.

[...] e quem realmente participou do CEDDEP e se participa do CEDDEP, com essa visão de querer bem um ao outro, de querer compartilhar conhecimento, cultura. A pessoa que realmente se doou ao CEDDEP, eu acho que ele sai dali diferente. Sabe? Assim, com uma nova visão de mundo. Que uma pessoa que não passou talvez não tenha.

FRANCILENE



Acolhedora, sorridente e com voz macia.

Francilene, se apresente por favor!

Meu nome é Francilene Noronha de Sousa. Eu nasci em Água Branca – PI. Eu vim pra cá muito jovem eu acredito que com seis anos. Morei no Gama, e em 1979 eu vim para o Paranoá. Morei lá no Paranoá velho, na antiga invasão. Conclui meus estudos aqui no Paranoá. Estudei na escola de lata, [...] terminei meu ensino médio aqui[...] Sou casada, não tenho filhos. Adoro morar no Paranoá. Sou apaixonada pelo Paranoá. Cresci aqui e tenho um respeito muito grande pelas pessoas do Paranoá[...] Sempre gostei de trabalhar, comecei a trabalhar muito cedo, com 12 anos eu já trabalhava em casa de família. Fui trabalhar em comércio[...]

Francilene teve uma vida

difícil e sem perspectivas. Como muitos nordestinos, chegou ao Distrito Federal com sua família em busca do encontro com o eldorado. Mas Francilene persiste e, como muitos dos alunos de EJA, tem que ir trabalhar cedo, estuda com dificuldade, fazendo três jornadas diárias entre estudo e trabalho. A realidade do aluno de EJA que agora Francilene trabalha não está distante de sua outrora realidade. E como nasce o ser professora/ educadora em Francilene?

Eu nunca imaginei que eu fosse ser uma professora, que eu fosse trabalhar na área da educação. Eu descobri o CEDEP[...] O CEDEP sempre vai fazer parte da minha vida, minha história. Foi uma experiência muito rica. Comecei com aquele curso de alfabetizador[...] achei assim maravilhoso[...] Eu não tinha magistério, nada em relação à educação eu tinha me envolvido, então eu terminei meu segundo grau científico[...] Então comecei a minha caminhada[...]

O acolhimento que Francilene recebe no CEDEP é o mesmo que recebe o alfabetizando. Acreditar, apostar no outro e acreditar que vai progredir. Francilene achava que não sabia nada, pois não tinha o magistério, e tudo começa com o encontro de orientação preliminar (curso de formação).

E como se dá o envolvimento de Francilene com o CEDEP? Francilene não fez só o curso e foi embora, ela começa ali um novo caminhar. Ninguém ofereceu nada para ela, só cidadania.

Eu fui pra lá, ninguém me forneceu nada de dinheiro[...] Ninguém nunca me prometeu nada[...] Sempre nós tínhamos reuniões, nós debatíamos os problemas. Tinha também o fórum com os alunos na sexta-feira. Aquilo ali ajudava muito, eu fui construindo a minha história por cima daquilo ali e foi ali que eu conheci alguns pensadores como Paulo Freire. A gente foi saber a história dele, livros, toda a história. Assim então eu nasci daquilo ali[...] No CEDEP sempre pedia: você tem que estudar, tem que estudar, [...] Então foi ali que eu conheci muita coisa, aquilo ali influenciou muito pra que realmente brotasse essa vontade de fazer a educação[...]

Francilene vai “construindo a sua história” como ela mesma diz. Vai nascendo/renascendo. É o mesmo sentimento do alfabetizando quando se percebe sujeito capaz, aprendente. A natureza da relação social que Francilene encontra no CEDEP oferece estímulo ao aprendizado e à continuidade deste. “Você tem que estudar” precisa continuar, não pode parar.

Então o CEDEP me ensinou e me deixou isso. Essa coisa da gente estar interagindo entre as disciplinas pra que não ficasse aquela aula chata. Foi lá no CEDEP que surgiu assim o meu desejo de realmente seguir em frente e estudar magistério [...]

E do sentimento inicial de que não sabia nada, surge o desejo, a vontade de ser professora/educadora. Francilene não se abate com as dificuldades e volta a estudar, assim como seus educandos.

Francilene monta uma escolinha particular em sua casa, e começa a trabalhar também com crianças. O público, o privado e o popular se mistura no cotidiano dela quando começa também a trabalhar como contrato temporário na Secretaria de Educação. A contradição e o conflito não distanciam Francilene do espírito do movimento popular.

Eu aprendi a gostar daquilo, de respeitar o aluno, de estar ali junto com ele[...] Então assim eu percebi que eu saio dali uma pessoa forte que o CEDEP me

transformou numa pessoa forte[...] Porque cinco anos são muita coisa é uma história realmente e aquilo ali fez uma diferença tão grande na minha vida[...]

Hoje Francilene continua com sua escolinha e ampliada. Percebe-se a perspectiva de um trabalho diferente, mesmo com perfil privado. Francilene também está na EJA desde 2003, hoje na mesma escola que Silvio, a única com primeiro seguimento no Paranoá.

Eu estou na EJA[...] Faço um trabalho assim que eu gosto muito e agradeço muito ao CEDEP[...]Hoje é eu tô ali no CEF 01 a gente tem uma relação boa também, mas é diferente[...] Eu sinto pelas meninas lá do CEF 01 não ter passado o que eu passei. Então assim eu me sinto privilegiada[...]

E que marca o CEDEP deixa na Francilene?

Eu acho que o CEDEP me ajudou a desenvolver esse amor, esse carinho, esse respeito pelo aluno. Então isso faz do meu trabalho, um trabalho mais gostoso[...] E eu espero que isso aqui permaneça e vai permanecer. Se você vier aqui daqui a vinte anos procurar saber da minha história[...]Vou ter o mesmo prazer de contar[...]

SILVIO



Sílvio é graduado pela UnB em pedagogia. De olhar tranqüilo e pensamento poeta, Silvio sente-se muito à vontade no CEDEP. Local onde fizemos nossa conversa-entrevista.

Meu nome é Silvo Soares Filho, nasci em Santos, São Paulo em 1951, tenho 55 anos de idade[...] sou casado há trinta anos, a minha esposa chama-se Alice, é tenho três filhos um casou agora, ha pouco tempo. Uma outra filha que fez psicologia, quero trazer ela pra ajudar aqui com as crianças[...] e tenho outra filha que está fazendo estatística na UNB[...]três filhos bem criados, uma companheira firme e forte que me ajuda em tudo.

Assim como seus alunos da EJA, Sílvio teve uma vida difícil. Com muitos atropelos para estudar, ele chega à universidade meio que sem acreditar que conseguiu chegar até ali.

Tive uma vida assim muito, digamos, muito difícil, mas trabalhosa. Até chegar a idade adulta trabalhei muito, desde os dez anos de idade trabalho. Estudei muito pouco, meu estudo sempre foi assim em pedaços[...] comecei a fazer o ginásio à noite e dois anos parei. Voltei um pouco antes de casar, acabei o ginásio em 1975, casei em 1976. Não fiz o segundo grau, fiz madureza, exame prestado de seus em seis meses, mas sempre gostei de ler, lia muito e entrei no Banco do Brasil, minha vida começou a melhorar depois disso[...] Eu vim para Brasília em março de 1997. Ai eu fiz a inscrição, fiz o vestibular, meu primeiro vestibular, e a surpresa maior foi que eu passei no vestibular[...] comecei a fazer o curso cheio de medo. Cheio de receio. Com muita dificuldade de entender as coisas, comecei a fazer o curso em 1997[...]

Ele faz opção pela pedagogia, de início não sabendo meio o porque, depois se identificando com o seu próprio passado opta por estar com educação de jovens e adultos. Conhece Renato de ouvir falar depois, de ver e de conviver com UnB/CEDEP/UnB. Sílvio chega ao Paranoá pelas mãos/convite de Renato Hilário.

O curso que eu estava fazendo era magistério para início de escolarização[...]eu queria fazer educação de jovens e adultos, a minha vontade seria essa. E comecei

a ouvir falar do Renato⁶² e eu já sentia simpatia por ele sem o conhecer. O Renato voltou, eu acho que em 2000, foi quando eu conheci o Renato pessoalmente⁶³[...] E vim parar aqui no CEDEP[...]

Sílvio conhece o CEDEP e uma proposta diferente de fazer/ser/acontecer educação. O acolhimento inicial já é um diferencial que Sílvio observa na educação popular. Ele passa a conviver com uma mistura UnB/CEDEP, como o projeto propõe.

A minha chegada aqui no CEDEP foi um negócio também surpreendente[...] Cheguei aqui nem conhecia, mas fui recebido muito bem[...] e a gente já começou a trocar uma idéia dizendo como que era essa escola, depois veio a Gilene sentar comigo pra conversar. Uma chegada assim que também não dá pra esquecer do acolhimento que eu tive[...] só nessa chegada tudo que aconteceu no primeiro dia é a gente já tem uma visão[...] um outro olhar pra educação. Ai depois foi à convivência, vinha duas vezes por semana, três vezes por semana tinha vez que vinha até mais, durante 2000 até 2002 por ai, né. Fiz curso aqui[...]

Como e porquê Sílvio vem parar na rede pública de ensino? Ele já tinha instabilidade no Banco do Brasil, não precisa de dois empregos. Mas Sílvio quer estar contribuindo mais com o Paranoá. Ele não faz concurso para trabalhar, faz para atuar, contribuir. Quer estar na EJA.

A minha intenção quando eu fiz pedagogia não era trabalhar na rede pública,[...] ali não dá pra fazer muita coisa, a gente não consegue fazer muita coisa[...]eu passei cinco anos lá na faculdade, ai abriu concurso em janeiro de 2003[...] Fiz a inscrição no Paranoá escolhi mesmo onde eu queria ficar, e noturno. O Paranoá eu escolhi é conscientemente. Aqui que eu tinha também meu locus, meu locus de educação. Foi aqui no CEDEP. Então eu escolhi porque eu queria estar perto do CEDEP, estar próximo do Paranoá. Aliás, eu já convivo na escola com várias pessoas que saíram aqui do CEDEP[...] Alfabetizando e também professoras[...]

Estar perto do CEDEP pode significar não perder a raiz, a essência. O CEDEP sustenta a opção da/na rede pública. Enfrentar a rede pública para Sílvio não é fácil. Mas ele enfrenta o desafio amparado na perspectiva de superação que ele aprendeu no CEDEP. Ele quer contribuir com a melhoria da educação no/do Paranoá.

⁶² Renato Hilário dos Reis

⁶³ Renato estava concluindo do Doutorado na UNICAMP e retornara para suas atividades na UnB.

Se não fosse o CEDEP, [...] essa convivência que eu tive aqui dois anos, [...] Eu não sei se eu estaria na rede pública hoje eu não sei se estaria lá [...] o que pesou mesmo foi eu enfrentar o desafio, coisa que eu aprendi aqui [...] Que os desafios têm que ser enfrentados, [...] um desafio pra mim é enfrentar escola pública [...]

E o que muda ao passar pelo movimento popular, pela educação popular.

Pelo CEDEP/UNB?

Tudo isso modifica a gente, hoje eu sou uma pessoa bem modificada. Aliás, minha vida modificou bastante. A vida e de toda a família, a vida mudou bastante depois que eu vim pra Brasília. E mudou mais ainda depois que eu comecei a fazer faculdade. E mudou mais a minha vida e influencia lá em casa, quando eu vim pro CEDEP. Mudou mais ainda quando eu entrei na escola pública. Mudou mais ainda quando eu me descobri um revolucionário, socialista.

Nesta caminhada Sílvio vai se constituindo e resignificando sua percepção de mundo e de educação. A completude na incompletude. O bancário dentro da busca do revolucionário. A construção dentro da desconstrução do ser/fazer educador/educação. É difícil, mas tem que tentar.

A gente vê o que a gente faz de errado na vida. A gente começa a perceber as pequenas coisas que a gente fazia, que na maioria das vezes a gente não percebe [...] é difícil vê, mas você vai tentando corrigir [...] A gente vai modificando, a gente vai tentando mudar. É difícil pra caramba, mas a gente vai tentando mudar. [...] O movimento popular me ajudou muito a enxergar certas coisas que eu antes não enxergava. A enfrentar os desafios, sem medo de ser feliz né?

GRAÇA



Conheço Graça há muito tempo. Mesmo antes de ela estar no CEDEP. Graça sempre foi assim, calma, tranqüila, doce. Comprometida.

Meu nome é Maria das Graças Gomes Martins. Nasci em Tocantins, tenho 43 anos de idade, três filhos, um neto. Estou aqui no Paranoá vinte e quatro anos. Eu conheci, eu já conhecia o CEDEP assim de vista assim lá do Paranoá Velho que era do

Projeto Rondon[...] E passava e via aqueles meninos brincando lá e tal, e lá era o CEDEP.

Graça conheceu o CEDEP como muitos moradores do Paranoá, apenas de ver, ouvir falar e participar de alguma reunião ou movimento sobre os problemas da comunidade sem, contudo, participar do cotidiano da entidade. Mas depois que participa da formação de alfabetizadores do CEDEP, toma conhecimento da dimensão da entidade, conhece o trabalho da alfabetização, experiência e começa também a atuar.

E depois quando eu terminei o magistério eu fiquei sabendo de alfabetização que o CEDEP dava todo início de ano. E aí eu fui fazer esse curso, e aí eu fiquei conhecendo mesmo quem era o CEDEP [...] E aí eu fui fazendo, eu fiz o curso de alfabetização e quando terminou o curso a gente fez seis meses de estágio. É como auxiliar nas turmas de alfabetização e a gente passou por todas as turmas iniciando, intermediário e concluinte. E eu passei por todas elas e depois do estágio eu continuei como monitora[...]

Graça se envolve também nas outras atividades do CEDEP. Passa a atuar na educação infantil durante o dia. À noite está na alfabetização de jovens e adultos.

E como eu tinha feito também o curso de magistério, eu tinha vontade de trabalhar com crianças também. Aí um dia eu procurei a Lurdes, e me ofereci. Pra trabalhar no CEDEP com a pré-escola [...] E aí uma professora saiu e ela veio me convidar e eu fiquei na pré-escola três anos. Três anos na pré-escola e cinco anos na alfabetização de jovens e adultos. Como alfabetizadora.

Na práxis pedagógica dos cursos, encontros, fóruns, planejamentos e momentos de convivência em sala de aula na educação popular, Graça vai resignificando aquilo que era só teoria no curso de magistério. Vai se constituindo como educadora.

Na alfabetização de jovens e adultos foi assim, muito bom porque eu não sabia. Eu tinha feito o curso de magistério, mas não sabia nada né? Então lá que eu fui tendo esse contato maior com o aluno com a prática. Fui desenvolver mesmo essa prática pedagógica. E eu fui aprendendo. O CEDEP ofereceu cursos e eu fui me formando e me constituindo como educadora que eu sou hoje.

Uma constituição baseada na natureza da relação social que aqui, no movimento popular é também de compromisso e seriedade. Isto vira marca na práxis humana pedagógica da Graça.

E cada vez mais assim, essa questão do comprometimento, da seriedade do prazer mesmo de acreditar na educação eu aprendi lá no CEDEP. O CEDEP que me constituiu, foi a raiz[...]

Graça não pára, fez concurso para a Secretaria de Educação e assume o cargo de professora em 1998. Fez pedagogia na UnB, o PIE⁶⁴. Mas lá ela vai encontrar mais a teoria, porque a raiz, como ela mesma o diz, já trazia do CEDEP.

Mas assim os estudos que eu tive na faculdade veio mais à teoria né? Mas assim a raiz assim eu já tinha. Sempre trabalhei aqui (no Paranoá) e assim a influência desse trabalho do CEDEP, no meu trabalho, foi tudo. É uma forma mais sei lá de comprometimento, de mais crítica [...]

Graça, por força do trabalho interno que ela e o grupo articulam na escola (falarei disto mais adiante), ocupa funções na direção. Esta ocupação se dá por força da mobilização, organização e reivindicação do coletivo de educadores/educadoras da escola.

Foi de 1998 até 2003, em sala de aula. Em 2004 eu fiquei na coordenação e 2005 e 2006 eu fui para a assistência pedagógica da escola.

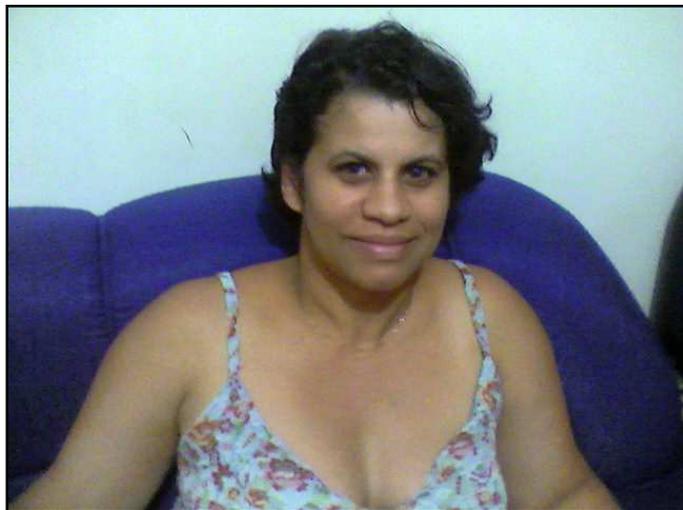
⁶⁴ PIE – Programa para Início de Escolarização é um programa da Secretaria de Educação em convênio com a Universidade de Brasília para oferecer formação superior em pedagogia para os professores da rede pública.

Como o CEDEP poderia continuar contribuindo com a educação no

Paranoá?

O CEDEP poderia contribuir com a educação juntando novamente essas pessoas para abrir uma discussão sobre a educação. Tanto popular como pública no Paranoá. Eu acho que isso iria ajudar bastante.

FATINHA



Fatinha me permite chamá-la assim desde quando nos conhecemos em 1982, quando eu começo a estudar no Paranoá. Éramos da mesma turma e Fatinha a mais caladinha da sala. Estudamos juntas na Escola Normal de Brasília e passamos por muitos apertos. Na época não tínhamos

dinheiro para todas as passagens e caminhávamos todos os dias, indo e vindo, da 607 Sul (L2 Sul) até a 907 Sul (SGAS). Mas valeu! Estamos aqui hoje rindo das nossas dificuldades passadas. Fatinha se apresente!

Todos os meus amigos, inclusive aqui na escola me chamam de Fatinha. Meu nome é Maria de Fátima Oliveira Lisboa. Nasci em Minas Gerais, em Januária, mas moro no Paranoá desde os três anos. [...] Estou muito feliz em estar sendo entrevistada pela Leila e espero contribuir com este trabalho.

Fatinha não estava tão engajada no movimento popular mas tinha consciência das condições e possibilidades de nossas lutas. Ela acolhe o convite para integrar o curso de formação que vai começar o trabalho de alfabetização de jovens e adultos na Vila Paranoá. A partir daí o CEDEP passa a fazer parte da vida de Fatinha também.

O CEDEP ele fez parte da minha vida. A contribuição que o CEDEP teve em relação até a minha profissionalização foi muito boa. Eu tive uma experiência muito marcante, foi logo que eu terminei o magistério e fui chamada para participar, para ser uma das pioneiras do projeto Paranoá de educação de jovens e adultos. Naquela época as coisas eram muito difíceis, no Paranoá o analfabetismo era muito grande[...] Tinha o movimento Pró-Moradia, o movimento em prol da comunidade[...] Eu fui umas das pioneiras juntamente com a Leila.

A experiência do/no CEDEP contribui para que Fatinha assuma sua posição como educadora. A proposta de uma educação crítica, considerando a realidade do alfabetizando leva também à formação de uma educadora crítica, já que a realidade é também dela.

É o trabalho foi assim de transformação mesmo. Para a comunidade e para minha vida [...] Contribuiu e muito em relação a minha profissão, a minha escolha mesmo de ser professora, que é o que eu sou até hoje [...] É a visão que eu tive no CEDEP me ajudou a perceber a importância das necessidades que tinha na época. É era o que a gente fazia nos planejamentos de aula, nas nossas discussões em fórum. Era sempre essa preocupação[...] Era uma necessidade que a comunidade tinha levando isso pra leitura e pra escrita.

Do CEDEP para a escola pública foi uma decisão de contribuir com a educação no Paranoá. Não só pelo trabalho, mas pela possibilidade de mudança, de intervir na realidade. E a experiência, práxis do CEDEP influencia no seu trabalho.

Bem, como eu cheguei na rede pública? Pelo interesse que eu tive realmente ser educadora, em preocupar com o outro[...] Achava que o trabalho não era só ali no CEDEP eu tinha que expandir[...] A experiência que eu adquiri[...] É o CEDEP influenciou muito no meu trabalho, meu trabalho hoje. Porque foi uma das minhas primeiras experiências que eu tive na área da educação. É é como se fosse uma sementinha que ele plantou no meu saber porque daí que eu pude perceber a importância do outro[...]

A práxis na rede pública reflete o experienciando no CEDEP. Não só na educação de jovens e adultos, mas no cotidiano de sua atuação na escola.

É é o que eu faço hoje. Até hoje eu sei da importância do outro e procuro entender das necessidades que o outro precisa. É ouvindo. É trocando idéias. É eu faço isso não só com o trabalho que eu tive no projeto de educação de jovens e adultos, como com meus alunos da classe especial que é uma classe muito discriminada [...]

Uma marca forte da vivência do CEDEP em Fatinha:

A marca do CEDEP em mim é da história de vida. Eu acho que a partir da minha história de vida dá para fazer tanta coisa. Minha marca registrada: eu não consigo, eu não consigo trabalhar no método tradicional. Eu me recuso, é incrível um negócio desses! Eu não consigo não! Vamos trabalhar o nome, vamos

trabalhar o nome da escola, nome do seu pai, o nome da sua mãe, trabalhar seu endereço, número de telefone, onde você mora. Eu trabalho assim.

Para encerrar, Fatinha deixa um recado para todos nós.

É pra encerrar eu estou muito feliz com esse seu trabalho, por estar resgatando a história do CEDEP [...] E espero que com essa pesquisa a gente possa estar levando outras pessoas a estar envolvida nesse trabalho. E tentar mudar isso aí, que assim não dá pra continuar. Tem que resgatar essa história! Tem que fazer alguma coisa! Ficar parado, não dá não.

CAPÍTULO VI

NO ENCONTRO DIALÉTICO AS IMPRESSÕES DA REPERCUSSÃO

*“(...) Então cabe àqueles
cujo sonho político
é reinventar a sociedade
ocupar o espaço das escolas,
o espaço institucional,
para desvendar a realidade
que está sendo ocultada
pela ideologia dominante,
pelo currículo dominante.”
Paulo Freire⁶⁵*

Deste ponto em diante por vezes vou chamar **educador popular egresso** ou **educador/a egresso** ou somente **educador popular** nossos sujeitos e sujeitas da pesquisa, contemplando assim os dois gêneros origem.

No espaço-conversa da entrevista, são levantadas situações que o educador egresso coloca como sendo dificuldades/problemas encontrados na escola pública em que atua. Algumas são específicas de cada realidade outras, no entanto, são de caráter comum.

Ao abordar a problemática enfrentada pelos educadores e educadoras na escola pública, recorro a situações que o educador egresso encontra que atinge o seu trabalho. O que ele percebe que dificulta a sua atuação na escola pública de acordo com o seu olhar sobre a educação. Esta situação pode estar intrínseca a ele ou não depender dele. De fator interno ou externo.

Uma problemática que vem com ele de fora para dentro da escola pública ou que, ao adentrar no sistema, na escola pública, ele já a encontra e então se dá ao embate

⁶⁵ SHOR, 1986:49.

segundo seu pensar/fazer educação. É difícil separar o que é externo ou interno a ele, visto ser um ser social e em constante aprendizagem. O externo influencia o interno e o interno influencia o externo.

Não quero aqui exaltar o educador oriundo do movimento popular como sendo o salvador da educação no Brasil, de forma alguma. Nele há um mundo de contradições, e por isso, um constante processo de construção/desconstrução/reconstrução.

Os embates com a escola pública podem ocorrer com qualquer um, não necessariamente só com os educadores egressos da educação popular. Porém, cada um com sua leitura dos fatos, de acordo com a sua história/trajetória.

Mas neste momento cabe-me a análise, para efeito desta pesquisa, dos educadores e educadoras populares, egressos do movimento popular e aqui, mais especificamente, da educação popular do CEDEP/UnB. Educadores populares que estão inseridos na escola pública no Paranoá, em escolas de ensino fundamental de séries iniciais, seja com crianças, adolescentes, jovens e/ou adultos.

6.1. A PERCEPÇÃO DA DIFERENÇA MOVIMENTO POPULAR E ESCOLA PÚBLICA NO OLHAR DO EDUCADOR EGRESSO

O educador/a egresso/a chega ao CEDEP, seja vindo da comunidade ou da universidade, carregado/internalizado de percepções (visão e prática) bancária/capitalista sobre educação. Sua história pessoal o constitui assim. Porque a sociedade assim o é.

Ao chegar no movimento popular eles/elas estranham a perspectiva diferente do fazer educação porque chegam com uma visão tradicional, individualista e reprodutora do conhecimento. Mesmo já tendo lido e estudado Paulo Freire, isto não faz dele/dela um educador não/menos bancário.

E o que é ser bancário na educação? Tem algo parecido com banco sim, seja o banco pra gente sentar e ficar quieto de castigo, ou aquele banco que a gente vai mais para pagar que para receber.

Lembro-me de meu avô, Seu José Raimundo, que era carpinteiro nato. Ele fazia os bancos de casa e tinha banco de todo jeito. Comprido que cabia mais gente e dava até para deitar; pequeno, que era o tamborete, este era para uma pessoa só. Tinha até bancos com encosto e apoio para os braços. Mas estes bancos tem poesia, história, transformação.

A educação bancária não tem poesia, não tem história, nem transformação. Ela serve como reprodutora e legitimadora da ideologia da sociedade dominante. Vê o aluno sentado “corretamente comportado” nos bancos da escola, sem direito a nenhum movimento de aproximação com o outro, com o meio e com o mundo.

Percebe o aluno como uma caixa deformada que deve ser concertada e transbordada de conhecimento e estes todos externos e alheios aos seus interesses (dos alunos). Afinal, para a educação bancária, na história de vida e no cotidiano do aluno não há nada que se aproveite. O aluno só serve como depósito do conhecimento que a escola possui e que é imposto pela sociedade.

Lembro de Paulo Freire (1987). Ele faz referência à pedagogia bancária àquela implantada pela classe dominante, que tem por finalidade a reprodução de sua

ideologia de dominação. A pedagogia do oprimido, defendida por Freire, busca romper com a dominação e a reprodução.

Mas educador/a e educando/a, na medida em que vão vivenciando o trabalho com a educação popular do CEDEP/UnB; a partir do momento em que eles vão experimentando uma proposta diferente de educação; que aprende a valorizar a sua própria história e a história de vida do outro; que valoriza o espaço do diálogo onde o ouvir é tão ou mais importante do que falar, vão experimentando uma mudança que vai ocorrendo internamente. Fatinha concorda comigo:

[...] Essa é a diferença que eu via no CEDEP a gente ouvia a história de vida do aluno, do educando [...] ouvia a história, aproveitava o que eles tinham, os interesses deles. Qual era a expectativa dele o que ele queria aprender. A gente usava isso nas nossas aulas, [...] (FATINHA, 2007)

É mesmo. E à medida que se constituem nos embates dos fóruns, planejamentos e formações (seja preliminar ou continuada), vai sendo trabalhado em si e no outro a superação do eu bancário e capitalista para a construção de um eu menos bancário e menos capitalista. É assim com o/a alfabetizando/a, com o/a alfabetizador/a, com o/a graduando/a, com o/a mestrando/a, com o/a doutorando/a, com o/a professor/a, com o/a convidado/a e com o/a visitante. Foi e é assim comigo também. E com você, Sílvio?

Acho que minha postura como professor, é diferente, [...] quando você sai de um movimento popular você tem uma textura bastante diferente. O que eu vejo inclusive não é em mim, eu vejo também em outra pessoa [...], mas eu acho que a vivência disso aqui seria uma experiência muito mais concreta. Por isso que modifica a gente. A gente aprende até se portar numa sala de aula. Essa vivência mais direta com as pessoas, mas próximas, mais perto... (SÍLVIO, 2007)

Esta vivência podemos chamar de relação social, Sílvio. A natureza desta relação/vivência que acontece na educação popular do CEDEP/UnB desencadeia o processo de mudança interna que vai se externando nas ações, nas palavras, no pensamento, na fala, nos atos e atitudes. Vai refletindo com a família, com os amigos, na escola, na faculdade, no

trabalho, na rua, com o vizinho, com a vizinha. Esse processo de busca pela transformação vai ocorrendo de forma lenta e contínua, mas dentro de um coletivo que está presente no movimento popular.

O processo de transformação do eu depende do outro. Porque a constituição do sujeito depende das suas relações sociais, como bem diz Vygotsky (1989:33), “*o homem é uma pessoa social. Um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo*”. Daqui posso dizer que é no coletivo. Portanto, essa transformação é um processo de constituição deste sujeito. Talvez por isso o movimento popular valoriza o coletivo e o individual.

A história do Paranoá, já narrada no capítulo inicial, se constitui na medida em que vamos nos constituindo mutuamente dentro da nossa realidade, naquele momento. Dentro destas relações vai se constituindo uma maneira própria de luta. Esta luta resulta em vitórias e conquistas que são coletivas. Tanto para os que estão na luta como para quem está fora dela. Todos ganham.

E ao sair do CEDEP o educador popular traz esta perspectiva de constante constituição/transformação tanto em si como no outro. E todos ganham. Uma proposta internalizada da possibilidade do diálogo, do respeito às diferenças, do conflito que faz avançar e da construção de uma educação libertadora.

Fatinha pede a fala:

[...] o CEDEP [...] ele acolhe não só os educandos, mas os educadores também. É uma maneira de aprender junto porque a gente leva em consideração a experiência do outro. [...] Qual é a bagagem que o outro traz e é uma troca. [...] O professor da rede pública acha que é o que sabe tudo que o aluno só vai aprender, só adquirir informações. Não leva em conta o que o aluno sabe, a bagagem que o aluno traz, a experiência que ele traz, a história de vida que ele tem. E no CEDEP não, a gente aproveita a história de vida do aluno, aproveita a história de vida da comunidade. Os problemas de vida que ele enfrenta na comunidade e o que pode ser feito pra solucionar e fazer uma transformação. Fazer com que o

sujeito seja transformado para a vida. Que ele tenha visão do que é a sua cidade, do que é o seu país e o que é que ele esta fazendo ali, [...] (FATINHA, 2007)

Pois é Fatinha, talvez por isso que, ao chegar na escola pública com essa perspectiva novamente há o conflito. Na escola pública o educador encontra predominantemente uma educação individualista, reprodutora, fria. Uma educação em que o professor é o detentor da fala, que o conteúdo pré-determinado vale mais que a história de vida. Uma escola que é reprodutora da dominação e do silenciamento. Do não-diálogo.

Esta tendência ao não-diálogo, característica de uma educação bancária, é fator determinante para o individualismo. Romper com o não-diálogo é dessilenciar e isto implica em responsabilidade social e política, segundo FREIRE:

“A distância social existente e característica das relações humanas no grande domínio não permite a dialogação. O clima desta, pelo contrário, é o das áreas abertas. Aquele em que o homem desenvolve o sentido de sua participação na vida comum. A dialogação implica na responsabilidade social e política do homem. Implica num mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas condições oferecidas pelo grande domínio”. FREIRE (2005:78)

Silvânia chega e apimenta ainda mais o nosso diálogo:

No CEDDEP, a formação, frisa uma formação política, uma formação crítica, uma formação pra vida. E no sistema de ensino ainda é, ainda prioriza a educação bancária, conhecimentos que não vão ser úteis pra vida, ainda há uma cobrança com conteúdos. (SILVÂNIA, 2007)

Eu diria, Silvânia, que há um estranhamento do educador popular com a educação bancária, encontrada na escola pública, sem nunca ter se separado definitivamente dela. Porque é necessária uma luta constante na tentativa de exterminá-la de dentro de si. E já há, dentro do educador egresso, a sementinha do poder ser diferente, do poder saber diferente, do poder fazer diferente. Ninguém será totalmente e definitivamente não bancário.

Em recente artigo no Correio Braziliense⁶⁶ Frei Betto esclarece, muito didaticamente, o pensamento freireano sobre duas maneiras de ser/fazer escola. A educação escolar e a educação popular. Suas observações podem ajudar a entender melhor o que estamos fazendo e falando enquanto educação popular e escola pública. Vejamos o que ele diz:

“a educação escolar tem como pressuposto o patrimônio cultural adquirido e transmitido pelo professor [...] Já a educação popular tem como ponto de partida e chegada a prática social dos educandos. Ela não prioriza a transmissão de conhecimento, e sim o exercício pedagógico da reflexão crítica; da análise de conjuntura; da descoberta das relações de causa e efeito nos fenômenos sociais; das conexões entre o local, o nacional e o mundial; da percepção da vida, não como mera realidade biológica, mas, sobretudo como processo biográfico, histórico.” FREI BETTO (2007)

Talvez por isso o conteúdo que a escola impõe incomoda ao educador popular. Frei Betto ainda não conhece nossa pesquisa, mas escreve exatamente o que estamos apresentando aqui.

Graça chega pedindo acento para falar desta diferença na visão do conteúdo e no todo do educando . Fala, Graça:

[...] é que a escola trabalha muito em cima do conteúdo. Ela vê, o professor vê, só as cabecinhas dos alunos. Trabalha muito só o cognitivo.[...] No projeto o aluno é trabalhado como um todo. [...] A gente trabalhava muito com a questão afetiva. A história do aluno, a história de vida dele. Na rede pública a gente tá o tempo todo só falando né? [...] Mas que é uma coisa relevante isso, que o educador que era da educação popular que está na secretaria hoje, defende esse trabalho da história de vida. Da questão da afetividade, da emoção. De valorizar o aluno como gente. Como ser. Completo. Que sente. (GRAÇA, 2007)

Compreendo, Graça.

Só que na escola pública o educador popular não encontra os espaços de discussão e busca pela superação do bancário pelo não bancário. A escola não está discutindo,

⁶⁶ Correio Braziliense, Cuba e Paulo Freire, artigo, 04/05/2007. Opinião, p 17.

pensando e construindo estes espaços de valorização, libertação e problematização. Talvez a escola não esteja preparada para isso.

Então vem o conflito que vira problema. É a problemática encontrada na rede pública.

6.2. A PROBLEMÁTICA ENCONTRADA/VIVIDA/VIVENCIADA NA ESCOLA PÚBLICA DO PARANOÁ

Independente da escola em que estes educadores egressos estão inseridos, os enfrentamentos estão sujeitos a acontecer. E não é diferente das demais escolas públicas do Paranoá, que não é diferente das escolas públicas do DF e que não é diferente das escolas públicas do Brasil. Está instalado dentro deste educador um processo superativo/transformativo/participativo. Uma batalha da superação do bancário pelo não bancário.

Isto já acontece com os alfabetizados egressos.

LIMA (1999), em sua pesquisa com os alfabetizados egressos da educação popular do CEDEP, mostra que os alfabetizados encontram na escola pública uma perspectiva de educação que é diferente da perspectiva que estes educandos egressos haviam encontrado e vivenciado no movimento popular.

Ainda segundo LIMA, o enfrentamento é inevitável e com isso a superação das problemáticas enfrentadas. Os alfabetizados encontram na rede problemas e dificuldades que poderiam fazê-los desistir, mas a maioria permanece na escola dando continuidade à sua

escolarização. Questionado o alfabetizado responde que, assim como ele aprendeu no CEDEP, dificuldade não é para desanimar. É para superar. Enfrentaram as dificuldades buscando o coletivo e superaram os problemas vividos na escola pública.

Estes problemas não deixaram de existir, continuam lá. Mas foi o enfrentamento o fator determinante para a não evasão destes alfabetizados e para a influência de outros alunos que, não tendo passado pelo movimento popular, não tinham a mesma concepção de enfrentamento e superação.

E com o educador popular? O que eles encontram como problema ou dificuldade?

Uma questão recorrente nos cinco educadores egressos entrevistados e que, a meu ver, percorre a ordem de todas os demais problemas levantados por eles diz sobre o espaço de coordenação pedagógica coletiva. Os cinco educadores egressos mostram, por suas falas, que a destinação do coletivo dentro da escola pública é algo que muito lhes incomoda.

Usam termos como projeto pedagógico e coordenação coletiva, mas que no fim tem o mesmo sentido: o espaço do coletivo no fazer pedagógico da escola. O outro no meu aprendizado e eu no aprendizado do outro.

O educador popular em estudo, passa pela experiência no movimento popular onde há uma possibilidade de vivência do coletivo presente nos fóruns, nas coordenações, nos momentos de formação e em suas relações sociais como já foi apresentado anteriormente.

A experiência que cada um trás do CEDEP é de um trabalho coletivo na perspectiva de construção do ser/fazer pedagógico e, ao ingressarem na escola pública,

sentem como uma primeira e grande dificuldade o fato de não encontrar no grupo da escola, sejam professores, servidores e direção, um caminho que conduza ao coletivo. Mesmo estando em escolas diferentes, relatam o mesmo problema. Talvez este seja um desafio, uma situação-problema-desafio. (REIS, 2000)

Passo a fala para Fatinha que já está na espera:

[...] a grande dificuldade que eu encontrei assim na rede foi na parte da coordenação. Porque no CEDEP era muito diferente tava todo mundo, na minha impressão, parecia que tava todo mundo mais assim, num objetivo só. As coisas fluíam [...] (na escola pública) havia muito individualismo, não tinha aquela sensação assim de querer fazer as coisas em grupo, de discutir, de estudar. (FATINHA, 2007)

Pois é, Fatinha, o individualismo que você percebe ratifica/confirma minha posição anterior de que a escola que o educador popular encontra está voltada para uma educação solitária, individualista e reprodutora. O aluno aprende sozinho e o professor ensina sozinho. Planeja sozinho. Pensa sozinho.

No movimento popular, estar fazendo as coisas de forma coletiva dá mais força aos sujeitos envolvidos e os objetivos parecem mais claros e definidos. As coisas acontecem. A sensação de cumplicidade fortalece o grupo e ajuda a definir as metas.

O individualismo é tamanho na escola pública que acontece de professores sequer conseguirem se ver, olhar um para o outro, simplesmente se encontrar. Cada um deve tomar conta de si e da sua turma. Fazer o seu trabalho, a sua parte. A escola sempre argumenta que falta espaço, tempo e disponibilidade dos professores e da direção para os encontros de coordenação.

Sílvio se aproxima e pede a fala, como que concordando:

Isso aí é outra coisa que também me angustia. A gente nem consegue se reunir. Dentro da minha escola é assim. A gente nem se vê! Depois de muito tempo que a gente conseguiu fazer a coordenação com as quartas séries no mesmo dia [...] Então não existe uma coordenação coletiva. Eu sinto falta disso, da coordenação coletiva, da troca de conhecimento, da troca de idéias. Pelo menos uma vez por mês eu acho que deveria que ter. [...] tem uma barreira terrível. É muito difícil porque não tem tempo, porque não tem espaço. (SÍLVIO, 2007)

Então Sílvia, que ao chegar no CEDEP é calorosamente recebido, encontra na escola pública a barreira do fazer coletivo. Esta barreira não está só na estrutura da escola, mas também no interior de cada um, visto que para estar no coletivo é necessária a exposição interna e externa. O contrário, no entanto, parece acontecer na educação popular onde o espaço do encontro é parte do fazer pedagógico, é aula também. Isto é acolhimento.

É exatamente esta relação com o coletivo que incomoda nossos educadores egressos. O coletivo apresentado na conversa-entrevista, não é apenas estar junto, estar sentando junto, um ao lado do outro. O coletivo que estes educadores apresentam é de um espaço onde haja não apenas a integração, mas a conjunção de idéias e objetivos comuns. Um projeto de educação que envolva todos da escola.

Graça fala da sua experiência, ao chegar na escola.

[...] não tinha um projeto de educação. A escola era totalmente individualizada, não tinha um trabalho coletivo. Não tinha um objetivo. Então foi muito difícil, muito frustrante. (GRAÇA, 2007)

Mas não é só com você Graça. A mesma dificuldade do encontro, da troca e da partilha é sentida por Francilene que está na EJA, hoje, na mesma escola que Sílvia.

Francilene contribui:

A coordenação é uma coisa tão assim tão corrida e eu tenho uma dificuldade muito grande de coordenar na escola. [...] Assim a gente sente um distanciamento dos professores, cada um no seu lugar. Lá o grupo não se une assim pra discutir os problemas. [...] A gente senta uma vez ao ano, na semana pedagógica. Aí a gente discute. Mas a gente não tem muito esse momento de estar sentando e discutindo. Um coletivo [...] (FRANCILENE, 2007)

A semana pedagógica citada por Francilene acontece geralmente no início do ano letivo. É onde as escolas, a princípio, elaboram seu projeto político pedagógico. É comum que as escolas contem com apenas este encontro durante o ano letivo e os demais se dão nas coordenações semanais, que são individuais ou divididas em séries ou por matérias. Deste modo, fica inviável o encontro entre professores de séries ou disciplinas diferentes.

Neste ou em outros momentos de coordenação o espaço não é de fala e escuta. A coordenação ou planejamento é feito entre/com os professores. Não leva em conta a história de vida, os interesse e desejos dos estudantes, dos pais e das mães, da comunidade local e dos próprios professores/educadores. Ela só reflete o interesse do sistema. Com isso toma uma dimensão verticalizada.

Mesmo com a perspectiva de elaborar o projeto político-pedagógico da escola neste encontro de início de ano, como aponta Francilene, a impressão que dá às nossas educadoras populares é de que a escola não tem um projeto pedagógico. A falta desta proposta dá a sensação de que as coisas não têm sentido, ficam soltas.

É assim que Silvânia percebe e mesmo diz sobre seu primeiro contato com escola pública:

O que eu percebi lá na escola foi a falta de um projeto, um projeto único compartilhado entre todos, [...] Eu sentia tudo muito diferente, porque a escola não possuía um projeto que levasse todas as séries a trabalhar esse tema. Esse problema. Esse projeto. Não existia isso, eu percebi assim cada série trabalhava conteúdos soltos. (SILVÂNIA, 2007)

Ao contrário do que Silvânia encontra quase sempre no CEDEP, onde as aulas são planejadas dentro do coletivo dos fóruns e planejamentos, a situação problema desafio é o norteador para estes planejamentos. Na escola pública a falta destes espaços dá

sensação de vazio, de estar solta no espaço pedagógico da escola. Então é a natureza deste coletivo que está questionada.

A coordenação coletiva que o educador popular egresso almeja é um espaço de participação na relação com a escola e com o todo dela. Um espaço de troca, de vivências e por isso de aprendizado mútuo e de cumplicidade. De constituição do ser/fazer educador/a. De compartilhar como fala Silvânia.

Falando em compartilhar lembrei-me de encontro promovido pelo SECAD/MEC, em Brasília-DF, titulado Diferentes Diferenças⁶⁷, onde o ministro da educação, Fernando Haddad, em sua fala, disse que a diferença do partilhar com o compartilhar está no fato de que no partilhar a gente tira de si e divide com o outro, e no compartilhar a gente senta junto e troca com o outro.

Na escola pública nossos educadores egressos querem compartilhar, tal qual acontece no movimento popular. Não é só o sentar ao lado do outro. É a natureza deste coletivo na escola pública que é questionado. A maneira como se dá a relação social entre os professores e demais membros da escola a pretexto de algo chamado coordenação coletiva ou coordenação pedagógica.

Coordenação esta que a rigor parece não contemplar o diálogo. Não escuta o outro. Que não elabora propositivamente o enfrentamento e a superação do que é vivido por todos.

⁶⁷ Diferentes Diferenças: caminhos de uma Educação de Qualidade para todos. Brasília-DF, 04 a 08 de dezembro 2007. O evento teve como proposta “disseminar uma agenda de políticas educacionais inclusivas desenvolvida por meio do diálogo e da troca de experiências com diversos atores governamentais e não governamentais”. Na ocasião foi entregue ao CEDEP o Prêmio Medalha Nacional Paulo Freire.

É a natureza do ser/ouvir/falar do sujeito seja ele aluno, professor, educador, servidor, pais e direção que não entra no jogo do coletivo do fazer acontecer educação naquele espaço que, a princípio, é destinado ao aprendizado mútuo.

A coordenação pedagógica é verticalizada e fechada. O que o professor vai desenvolver já está pré-estabelecido, já está determinado antes por um currículo elaborado sem a participação da comunidade escolar. Tanto os educadores egressos quanto os demais atores da escola são coadjuvantes, passam a ser meros assistentes. O professor aplica o conteúdo e o aluno recebe o conteúdo.

Para Freire esta maneira de como a escola trabalha e distribui o conteúdo pode ser comparado a um mercado onde o produto principal é o conhecimento.

A escola, não importa o seu nível, se transforma em “mercado de saber”; onde o professor, num especialista sofisticado, que vende e distribui um “conhecimento empacotado”; o aluno, no cliente que compra e “come” este conhecimento. FREIRE (1978:18)

A coordenação, como é desenvolvida na escola, é percebida como um espaço de reprodução da relação dominante, que é bancária capitalista. Uma relação vertical onde a hierarquia do saber e do poder impera nas relações. Uma coordenação centralizadora e muitas vezes centralizada na figura do coordenador e/ou assistente pedagógico da escola, que é quem vai dizer como e o quê deve ser trabalhado em cada série e naquela sala. Mesmo nunca tendo entrado naquela turma para conhecer os alunos e suas histórias de vida.

Os educadores normalmente saem do CEDEP com a concepção de uma coordenação onde o coletivo é um espaço de relação social e por isso um espaço de constituição/reconstituição, significação/resignificação, elaboração/reelaboração, de troca de saberes. Principalmente do saber ouvir e poder falar. O dessilenciamento começa com o outro

me ouvindo, dando espaço e importância para minha fala. Ouvinte e locutor estabelecem uma relação dialógica-dialética. REIS (2000) diz o seguinte:

O fato de ser ouvido, escutado, acolhido pelo outro, por si só estabelece uma dialogia. O ser falante quer ser ouvido, escutado, compreendido, respondido, e por sua vez, responder à resposta do outro. [...] o ouvinte é tão ativo quanto o locutor, porque sua escuta é elaborante/elaborativa, acolhe o outro, deixa-se penetrar por ele, aprender com ele, elabora, reelabora o que ouve e sente, e dá sua resposta. E nessa alternância de sujeitos que falam e ouvem elaboradamente, estes se desenvolvem e se constituem. Se sentem acolhidos pelo outro e acolhem o outro. (REIS, 2000:136)

Ao estar na escola pública, estes educadores egressos colocam a coordenação como possibilidade de um espaço coletivo de fala e escuta. A ausência deste coletivo é diagnosticada como um problema. Isto representa uma repercussão da experiência vivida na educação popular em sua atuação na rede pública.

O que os educadores egressos encontram no CEDEP, eles levam para a vida porque é uma marca forte. Não é o lido que eles levam é o vivido. A experiência que ele traz do movimento popular insere-se na história de vida dele e se mantém quando ele enxerga **um** problema como sendo **o** problema.

Porque, não ocorresse nestes educadores populares uma resignificação interna, com a sensibilidade ao coletivo, o olhar dele do coletivo não identificaria a natureza deste coletivo, tido como coordenação pedagógica, como um problema. Só se é capaz de sentir a ausência do coletivo como problema se já há dentro de si a percepção de que somos seres de/em comunhão e como tal, nossas relações sociais são as bases de nossa constituição/resignificação/transformação. Para muita gente, não ter coordenação não é problema. Porque?

Graça tem uma hipótese:

[...], porque quando você senta pra planejar coletivo o trabalho fica muito mais enriquecedor, [...] o coletivo, quando ele não funciona na escola fica muito difícil. Eu acredito que se não houver esse coletivo na escola, as coisas não funcionam, [...] E nem todo mundo pensa assim, quer essa organização. Porque é muito melhor você pegar um livro e ir pra sala de aula e trabalhar um conteúdo segmentado que tá no livro do que você ter que pensar. (GRÇA, 2007)

Como tantos outros professores, nossos educadores, ao serem indagados sobre os problemas encontrados na escola, poderiam ter levantado o giz de péssima qualidade, a falta de material pedagógico, falta de mobília adequada, indisciplina dos alunos, o horário da coordenação, segurança, limpeza da sala, ambiente escolar, violência escolar, reforma do espaço físico e até mesmo a questão salarial. Enfim, inúmeros problemas que afetam as escolas públicas do país e que não são segredos a ninguém.

Mas não. Nossos educadores egressos têm um olhar que vai além das condições materiais de ensino na escola pública. Tem um olhar para as condições subjetivas em que se dá a construção do fazer pedagógico dentro da escola pública. Não estão alheios às dificuldades materiais apontadas acima, mas parecem entender que estas podem ser superadas na medida em que se instala o espírito coletivo no conjunto da escola.

No movimento popular também há carência de recursos materiais, as condições físicas nem sempre são as mais adequadas, recursos tecnológicos então...Nem é necessário comentar. Mas o trabalho coletivo tem caráter libertador/transformador. A partilha das conquistas e dos erros é parte do processo de aprendizagem que é mútuo e contínuo. A relação se dá de forma horizontal, proporcionando igualdade nos atos e nos fatos. Estamos todos jogando no mesmo time. Ninguém fica na arquibancada assistindo o jogo.

Sílvio pede a fala para apresentar a sua percepção do que posso dizer que é o jogo aberto na educação popular e a cobrança do resultado na escola pública.

Mas o movimento social [...], você convive com um jeito diferente do que você convive na escola pública e na universidade. Aqui a convivência é direta, você tem assim uma convivência direta, [...]. E na escola pública, não só pública como também na particular, a postura do professor tem que ser mais autoritária, a escola cobra isso. Tá sempre te lembrando disso, você tem que dar disciplina (SÍLVIO, 2007)

Nas relações sociais na educação popular, e na contribuição pessoal dentro destas relações, o educador egresso vai resignificando-se e assim resignificando sua práxis e influenciando na resignificação do outro. E o que o outro traz e tão importante quanto o que eu trago para o coletivo. Por isso não é apenas estar junto. O significado e a significância desta relação perspassa entre as diferenças que cada um traz e tem dentro e fora de si.

Segundo o que aponta REIS (2000:135), “*o homem é produtor social da vida*” citando Marx e que as relações sociais, portanto “*estão marcadas por relações entre sujeitos e com sujeitos, que dentro destas relações se transformam e transformam uns aos outros*”.

Então este sujeito se constitui na totalidade da relação social como pressupões o trabalho coletivo. Para nós da perspectiva histórico-cultural significa que o sujeito se constitui na relação social que é de classe e como tal de contradição. De diálogo-dialético das diferenças e do diferente.

Porque no CEDEP o coletivo é o todo do trabalho, reunindo educadores e educandos, alunos e professores, convidados e visitantes. Na escola pública é segmentado e os professores ficam em um canto. Os alunos em outro. Servidores, pais e direção em outros cantos. A tendência é: não espaço à interação, ao diálogo, às diferenças. Não há espaço para o coletivo da forma como é entendido pelo educador popular egresso.

Silvânia chega a falar em dependência do coletivo. Sua fala é tão decidida quanto ao coletivo que, tenho certeza, contamina quem está por perto. Pergunto: Silvânia, como surgiu este olhar sobre o coletivo?

*Surgiu no CEDEP, [...], a gente tinha que sentar, criar idéias, debater, a gente até chamava muitos alfabetizando para participarem, [...] os três níveis juntos (iniciantes, intermediários e concluintes), nos planejávamos juntos, um dava idéia para o outro, acredito que essa **dependência** surgiu ai, com essa **dependência do coletivo**. [...] não consigo mais fazer um trabalho individual, acho que isso marcou também, não consigo, acho péssimo, eu preciso do outro, eu preciso ouvir um colega, eu preciso estar dialogando, sempre buscando ajuda [...], eu não consigo mais ficar na minha sala de aula com meus alunos, não consigo fazer um trabalho só, sabe, eu preciso muito do meu colega. (SILVÂNIA, 2007) (grifo nosso)*

Silvânia você precisa do outro e com certeza vai provocar o encontro com o outro dentro da escola pública. Você, Silvânia, está convencida do coletivo.

E porque essa ausência do coletivo é um problema? Porque o padrão de coletivo que ela construiu/reconstruiu não é esse. Porque ela quer maior envolvimento do grupo com o grupo. Quer sentar junto, compartilhar. Quer construir uma proposta de trabalho com objetivos claros e definidos **entre** e **no** coletivo. E não é assim que acontece.

Como o educador popular tem lidado com a problemática que ele levantou e vem enfrentando estas questões, é o que trago a seguir.

Não vou levantar as discussões já apresentadas sobre coordenação pedagógica. Há vários conceitos, seja participativa, coletiva,... O que tentarei trazer é uma discussão mais voltada sobre como, a pretexto de um trabalho coletivo, os educadores egressos vêm efetivamente atuando em suas escolas no sentido de enfrentar e superar este problema. O que apresento nos próximos parágrafos é que, normalmente, os educadores populares recorrem às experiências do movimento popular, ou seja, do CEDEP/UnB.

6.3. ENFRENTAMENTOS E SUPERAÇÕES

Os educadores egressos, diante da realidade encontrada na escola pública, poderiam concordar e continuar como tal. Poderiam ficar vinte, trinta, quarenta anos na rede lamentando e criticando como tantos outros, sem, contudo sair do lugar. Com certeza dá menos trabalho e me parece muito cômodo.

Graça, atenta intervém:

[...] levar o aluno a pensar, a construir em sala de aula o conhecimento exige que o professor tenha muito trabalho. E às vezes não é todo professor que quer ter esse trabalho, né? Então muitos vão pelo caminho mais fácil que é usar o livro didático e dar aquela aula expositiva. (GRAÇA, 2007)

É, realmente Graça, você tem razão. E Fatinha concorda que dá mais trabalho e que, portanto, é realmente mais cômodo pegar o que está pronto e servir ao aluno.

Ela enfrenta a resistência.

[...] os enfrentamentos que eu tenho é a resistência das pessoas por acharem que [...] Que esse tipo de trabalho vai dar trabalho. Porque você vai ter que pesquisar, você vai ter que manter uma relação como o outro de debate, de discussão, de ver os interesses. Então é muito mais cômodo você chegar com alguma coisa pronta e repassar do que você ouvir o outro e a partir dali você criar atividades, criar jogos, criar situações que possam beneficiar o outro, né? (FATINHA, 2007)

Sílvia ainda apresenta uma outra situação. O envolver-se e o não se envolver e não se deixar envolver. Do compromisso e do descompromisso.

[...] quem não passou pelo movimento popular ou uma experiência de vida assim, é uma relação mais fria, uma relação mais distanciada, [...] É um negócio mais distante, sai dali acabou. Ali é veio, fez seu trabalho, vai embora, esquece. É diferente das pessoas do movimento popular. Você tá ali... Num tá ali... Tá ali... Tá sempre ali... Sai dali, mas tá preocupado com as coisas dali, daquele pedaço. [...] E a relação dos outros professores não é desse jeito. É, mais ou menos, é como eles dizem no profissional, tá lá fazem o trabalho e vai embora e volta. Pode até ser um bom trabalho, mas é diferente, é diferente. (SÍLVIA, 2007)

Então, ao passar pelo CEDEP, dentro de cada pessoa parece instalar um processo de inquietude. Da busca pela superação do eu nada sou, nada sei, nada posso (REIS, 2000). E quando isso vai se externando alastra-se de um para o outro e no coletivo aparece predominantemente o não bancário e o não capitalista. Com certeza dá mais trabalho.

Lembro-me agora de Rubem Alves e o convido a chegar-se. Abro mais um lugar à mesa-prosa.

Ele me fala das pipocas. Rubem Alves faz uma analogia do milho de pipoca. Revela que o milho de pipoca é mirrado (talvez o mais de sua classe) e subdesenvolvido (algo muito parecido com excluído).

Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista do tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. [...] houve alguém que teve a idéia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo [...] Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu ninguém jamais poderia ter imaginado. (ALVES, 1999:61)

Qualquer semelhança não é coincidência, é providência. E ele continua:

É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa [...] (ALVES, 1999:62)

Fico pensando que virar pipoca dá trabalho. Tem que passar pelo fogo. Mas dá alegria. E quem não gosta de pipoca e de alegria? Seu cheiro vai longe. Nem precisa de muito tempero.

Mas ainda tem o piruá! Rubem Alves explica que o piruá é aquele milho de pipoca que se recusa a estourar e metaforicamente revela:

[...] Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar [...] o destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca e macia. Não vão dar alegria para ninguém [...] (ALVES, 1999:64)

É, ruim mesmo é ser piruá. Não resignifica o seu ser e não se deixa aflorar.

Ninguém quer o piruá. Não sejamos piruás!

Mas encontro Rita Hidelbrando (nossa livreira), em conversa sobre Rubens Alves e piruás, sobre minha tristeza com os piruás da vida, Rita me apresenta uma solução para os piruás. Sabe o que ela disse?: *“Lá em Minas a gente pega o piruá, põe no pilão e faz uma gostosa paçoca”*.

Pronto! Piruás também podem passar pela transformação. Pode ser resignificado. Uma vez sendo piruá, não estamos determinados a sermos piruás para sempre. Vamos virar paçoca, minha gente!

Para tudo há uma superação. Uma resignificação.

Então, estando os educadores populares numa escola pública de predominância bancária capitalista, onde o CEDEP não dá palpite, a UnB não dá palpite e a comunidade não dá palpite, eles identificam o problema. Dentro de um espaço próprio deles, há o enfrentamento e a superação. O enfrentamento pode ser a ação, que desencadeia nele a manutenção de uma busca pelo não bancário. Para não voltar a ser, predominantemente, um educador bancário capitalista como era antes.

E com isto o que ele está conseguindo fazer para que a escola tome um novo rumo? Ele, como educador, já desencadeou o pontinho, já faz a diferença. Tá mais para pipoca que para piruá!

A repercussão já está dentro dele porque ele passa pelo CEDEP, passa pela UnB, passa pela escola pública. Não apenas de discurso, mas de vivência. Então o milho está estourando.

Mas pode ser que se encontre que o educador egresso não avança. Não estoura. Que não há uma dialogia entre aquilo que se fez e se faz enquanto educação popular na escola pública. Pode ser que, ao chegar na escola pública ele encontre o problema e não tem como reencaminhá-lo. Estará ele piruá com possibilidade de virar paçoca?

Mas o ideal do/a educador/a popular faz com que ele/ela identifique a ausência do coletivo como um problema se não ele/ela nem identificaria como um problema. Ele tem capacidade de identificar o problema e a maneira como ele vai lidar com esse problema. Porque o tempo todo ele fala que faz como ele fez no CEDEP.

Ao perceber o problema, os educadores egressos articulam estratégias, mesmo que aparentemente inconscientes, que os levem a estar próximos daquilo vivenciado no CEDEP. A marca presente em suas falas é de tentar superar, de buscar um trabalho que valorize a participação do outro, e não só a presença física. Silvânia contribui, traduzindo um sentimento comum a todos os entrevistados:

Apesar das dificuldades eu acho que a gente tem que tentar superar os obstáculos e fazer uma escola mesmo, pública, mas de qualidade. Que trabalhe. Que respeite a criança. Que respeite a história de vida dela. Ir resgatando assim a escola.
(SILVÂNIA, 2007)

Silvânia acha que tem que lutar para superar as dificuldades, os obstáculos. Mas como se dá essa luta?

Acreditar na força e na possibilidade de fazer mudanças é o passo inicial para contagiar os demais e assim pode ser uma estratégia para romper com a frieza e o individualismo já diagnosticado por nossos educadores popular na escola pública.

Sílvio acha que a própria postura do educador egresso já é diferença e que isto já é um passo para a mudança do outro. Como é difícil atingir a todos, o começo é na sala de aula. Sílvio mostra como fez e ainda faz:

Eu acho que a postura do professor. Que tem essa postura que veio do movimento social, ele consegue fazer mudanças em termo de relacionamento com os alunos. A minha aula, por exemplo, é uma alegria. Eu brinco o tempo todo. As pessoas vivem dando risadas, não é que eu seja palhaço, eu não sou palhaço. Mas é assim, é discutindo, brincando, falando, trocando idéia com os alunos. Eu acho que isso acaba me modificando e modificando também as pessoas, não só os alunos, mas os professores percebem que é uma postura. (SÍLVIO, 2007)

O professor não pode se ver como o único sujeito capaz de transmitir conhecimento. A relação social que se estabelece na sala de Sílvio é de aprendizagem mútua, como também é com os demais entrevistados. Freire entra na conversa dizendo que “*ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção*”. (FREIRE, 1996:25)

Fortalecendo o trabalho com a turma, com os alunos. Fazendo diferente dentro de sua sala de aula, tende mudar as relações sociais com o espaço do diálogo. A turma fortalecida, também o educador fortalece. E este mostra que não só discurso, mas a práxis também é diferente e isto faz o diferencial nas relações e por consequência, no resultado da aprendizagem.

Mas de que práxis estamos falando? Convido Mariz (2003) para nós ajudar a entender.

Ao agregar o conceito da práxis na reflexão que está sendo construída, é preciso sinalizar para o risco de uma simplificação que por vezes encontramos na formulação desse conceito que sinaliza a práxis com a união entre a teoria e prática. Tal identificação parece ser insuficiente. Parece-me que **práxis é em última instância, elaboração da realidade.**[...] A práxis é mais do que a prática porque é atividade livre que pensa a si mesma e, apesar de se pensar, não encontra sustentação fora da ação concreta. A prática pertence à práxis, mas não a define totalmente. (MARIZ, 2003:49) grifo do autor

É como se eu for fazer um bolo. Aprendi a fazer bolo (conhecimento próprio adquirido- prática). Tenho uma receita nova, (conhecimento teórico). Se eu for só repetir a receita a tendência é de que o bolo fique igual a tantos outros feitos com a mesma receita e com os mesmos ingredientes.

Contudo, a maneira como vou lidar com os ingredientes da receita, preparar o forno, trabalhar a massa e experimentar novas possibilidades de sabor e textura do bolo, aliados a um conhecimento prévio de algo que já experienciei antes (conhecimento historicamente acumulado), é que vai dar o sabor diferente e especial ao bolo. Será a receita associada à elaboração/reelaboração do fazer. Crio uma receita própria.

Então não é só relacionar teoria e prática. É prática + teoria + significação da teoria +significação da prática. Penso que pode ser isto.

Conforme Freire apud⁶⁸ Mariz “*Separada da prática, a teoria é puro verbalismo inoperante; desvinculada da teoria, a prática é ativismo cego. Por isso mesmo é que não há práxis autêntica fora da unidade dialética ação-reflexão, prática-teoria*”. (MARIZ, 2003:49)

⁶⁸ Sempre que encontrava este termo nos livros e nas coisas escritas queria saber o que significava, mas nunca os textos explicavam. Vim aprender no mestrado, por mais incrível que possa parecer. Então, pensando no leitor, explico o que é esse tal de *apud*: é quando eu quero fazer citação de um determinado autor e que está escrito na obra de outro. Ou seja, pego a fala/idéia de um autor que está escrita, citada no trabalho de outro autor.

Então, quando Silvio fortalece o trabalho da/com a turma por meio do diálogo, o discutir, falar, trocar idéias com os alunos resulta de uma aprendizagem que vai além do trivial servido nas bandejas de conteúdos.

Ou seja, fala ↔ escuta ↔ elaboração↔fala. Eu, falo algo que o outro simultaneamente escuta e elabora e, quando este outro fala é o que eu disse e o que ele elaborou a partir da escuta do que eu disse e da elaboração interna que ele fez. Para Bakhtin (1995) isto é dialogia.

Neste sentido “*a dialogia implica sempre polifonia (multiplicidade de vozes) e polissemia (multiplicidade de sentidos), que se encontram, confrontam-se e orquestram-se em cada um de nós*”. (FONTANA, 2000:64)

Dando o sentido dialógico à práxis do fazer pedagógico o aprendizado tem via de mão dupla e a aula ganha sentido. Dou direito ao meu aluno de falar, sorrir, brincar, opinar, dessilenciar-se.

Que REIS, 2000 aponta como escuta elaborante. A escuta como princípio democrático é a democracia da fala, a liberdade de expressão. Falar ou escrever sobre alguma coisa, se ficar só nisso é cognitivo verbal. É isso também. Mas, além disso, é o diálogo de seres humanos. Dialogia que é freireana, baktiniana, maxiniana e engelsmiana. Ainda REIS:

Não é a palavra que escuto. É um ser humano que traz o conjunto de sua vida e que me permeando com seu saber, poder, sentir, me faz desenvolver, e ao atuar responsivamente, também o permeio com o meu saber, poder, sentir e ele também se desenvolve.[...] Movimento práxico dialético de um desenvolvimento em espiral. REIS (2000:136)

Mas não é só isso que faz diferença. Acolher o aluno como um todo. Com fraquezas e deficiências. Assim como no CEDEP, quando o aluno se sente acolhido sente que é peça importante naquele meio, então ele tende a ter mais dificuldade para desistir.

Francilene concorda e, ao trabalhar com EJA mostra-se ainda mais preocupada com o acolhimento.

[...], a alfabetização de adultos tem que ser dedicação. Ele diz há eu não sei, eu não consigo, eu não dou conta. Então eles vinham com um lado negativo muito grande, qualquer coisa que você faça, aquilo ali pode fazer com que ele desista [...] Ali eu apoio ele vai se adaptando. Ele tem que ter uma adaptação, essa questão do acolhimento. (FRANCILENE, 2007)

Francilene ainda completa:

Eu quero que o aluno se envolva, que ele cresça. Então lá na escola eu tenho um número de aprovados bem alto. Eu vou na casa do aluno, ligo, perturbo. Como a gente fazia no CEDEP [...] Então se o aluno está doente a gente junta um grupo e vai na casa dele visitar. Então fazer ele perceber que ele é importante. A gente tem que envolver o aluno. Você chega nas salas, você vai olhando, quando você chega na minha sala você vê aquele monte de aluno. A minha turma sempre tem mais alunos. (FRANCILENE, 2007)

Pelo CEDEP o educador egresso aprendeu a ser respeitado e valorizado. Foi assim com Francilene. Ele também aprendeu a respeitar e valorizar o aluno. O movimento popular não deu dinheiro. Não deu nada. Mas deu a liberdade de pensar, falar e ser ouvido. Então o CEDEP mostrou a importância da história de vida, do conhecimento e isto influencia a práxis do educador egresso na escola pública.

Vivendo a experiência o educador popular tem mais facilidade para entender o aluno. Aprende a acolher porque foi acolhido. Aprende a ouvir porque foi ouvido. Aprende a falar porque foi silenciado. O CEDEP não fez ninguém rico, mas ensinou a caminhar com suas próprias pernas. Deu conta de fazer concurso. Fez faculdade, se aperfeiçoou. Então sabe que se incentivar o aluno, tal como ele (educador) o foi, ele vai pra frente. Isto é repercussão.

Em busca de um coletivo que contemple o fazer pedagógico experienciado no movimento popular, os educadores egressos vão buscando forças internas na escola pública. Em uma tentativa de sobrevivência do não bancário já instalado dentro de si, e

da não cooptação pelo “*estilo supostamente coletivo*” , imposto por esta mesma escola pública.

Estas forças internas podem estar escondidas em outras pessoas que compõem o grupo. A Graça relata como se deu o início do enfrentamento na escola em que atua.

A experiência que eu tive lá no CEDEP era de trabalhar em grupo, coletivamente. E essa forma de trabalhar não existia na escola. E eu sempre quis fazer esse trabalho que eu já havia feito na alfabetização de jovens e adultos, fazer na escola que eu estava. Mas antes eu era sozinha [...] assim eu era sozinha, aí vieram outras pessoas, a Tiana⁶⁹, a Ester⁷⁰ e a Cilene⁷¹. E quando a gente se reuniu as quatro, com o mesmo objetivo, com a mesma visão de educação, então nos começamos a brigar. A discutir. A abrir uma discussão. (GRAÇA, 2007)

Graça sentia-se sozinha. Na medida em que encontra pares para fortalecer o enfrentamento, começa a abrir o caminho da discussão dentro do grupo. Fico curiosa e pergunto à Graça, quem eram mesmo as pessoas desse grupo pequeno? Quem comungava tão bem contigo?

Esse grupo pequeno é, uma delas teve a mesma formação que eu, que foi a Tiana que veio do CEDEP, ela era monitora, ela formou na UNB [...] A Ester que foi uma professora que veio de São Paulo, ela também teve uma formação, como é que fala... Na mesma linha de trabalho. Ela foi aluna da professora Roseli Fontana. E a professora Cilene que não tinha a formação, assim nessa linha, mas depois ela fez o PIE⁷² na UNB, ela passou a ter essa mesma visão que a gente. (GRAÇA, 2007)

Obrigada Graça. Já levanto uma hipótese de onde vem a força de vocês.

Das pessoas que a Graça cita, uma era educadora egressa do CEDEP. As outras não tinham, até então, relação mais próxima com o Paranoá, nem com suas lutas. Mas

⁶⁹ Sebastiana A Silva

⁷⁰ Éster Gomes Shiraishi

⁷¹ Cilene de Almeida Araújo Sanches

⁷² PIE – Programa para Início de Escolarização, oferecido pelo GDF por meio da UnB para professores da rede pública que não tinham curso superior.

há nelas a sensibilidade ao social, às lutas de classe, à mudança, a resignificação. O que a Graça traz também dentro de si. Mas a provocação vem de quem é da comunidade, o primeiro passo é da casa.

Os espaços vão sendo cavados dentro do grupão na tentativa de minar resistências. Conversando, abrindo discussões e conquistando adesões. Graça continua:

*Fui procurando nos espaços das coordenações, fazer um trabalho com o grupo da importância desse trabalho. E a gente foi procurando esses espaços de discussão. É conversando [...] Tinha um grupo pequeno, mas forte que foi fazendo com que os outros também fossem aderindo [...] Eu a Tiana, a Cilene e a Éster. Então a gente abriu essa discussão no grupo. E a gente começou a discutir **com o grupo**... E a gente começou a discutir isso **no grupo**. E a gente começou a buscar espaços. Tempo na escola pra gente estar trabalhando essas questões. E a gente foi construindo isso juntas e a gente conseguiu uma vez por mês. [...] Não foi fácil porque a direção não queria abrir esses espaços, [...] E aí a gente foi conseguindo organizar o trabalho, fazer o planejamento. Fazer uma organização da escola melhor. E as coisas foram acontecendo e foi cada vez melhorando mais. E a direção da escola também não acreditava muito no trabalho, mas também não se opôs porque talvez até sentia vergonha de dizer não. [...] (GRAÇA, 2007) (grifo nosso)*

Graça, só a tentativa de abrir espaço para um coletivo diferente já é uma grande repercussão. Mesmo com o grupo pequeno, ele se torna forte e começa a romper com a resistência da maioria. Quando o grupo começa a discutir junto os problemas que são coletivos, começa a buscar tempo para discutir estas questões a força do grupo vai aumentando. Na medida em que há a participação e cumplicidade saudável.

Para Paulo Freire, romper com a educação bancária deve começar com os próprios oprimidos, onde a práxis pedagógica será forjada **com ele** e não **para ele**.

A pedagogia tem de ser forjada com ele (o oprimido) e não para ele, enquanto homem ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objetos da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. FREIRE (1987)

E as coisas vão melhorando, como Graça mesma se refere. Melhorando porque o grupo vê que está acontecendo algo diferente na escola. Vão tendo voz, vez e poder de decisão. Tanto é que mesmo a direção se impondo e criando resistências, não consegue argumentar contrariamente ao grupo e acaba cedendo.

Mas a conquista destes espaços não é algo assim rápido, da noite para o dia ou de um dia para o outro. Também não vai encontrar todos favoráveis como Graça mesma já colocou. Alguém tem que estar disposto a ir para frente do embate, e o preço pode ser alto. Sílvia conta uma história assim.

[...] a minha chegada na Escola Classe 03, eu acho que mudou muita coisa. Tivemos muitas dificuldades ali, muitas dificuldades, [...]. A partir de uma reunião que nós fizemos com a diretora e que foi um negócio assim bastante tumultuado mesmo. Conflituoso. Principalmente porque eu fui escolhido como porta voz do grupo. Foi muito conflito [...] a partir dali as minhas avaliações foram todas ruins, a primeira eu recorri, a segunda e a terceira. (SÍLVIO, 2007)

Sílvia vira porta-voz do grupo em uma das raras reuniões que acontecem na escola e vai para o enfrentamento. O preço alto do enfrentamento chega com as notas da avaliação de estágio probatório⁷³. Notas baixas que custam ao Sílvia ter que recorrer da avaliação. Mas não o intimida e ele continua na escola até que a EJA é fechada e transferida para onde está hoje.

Com a Fatinha também não é fácil romper com o individualismo em favor de um trabalho em grupo. Fatinha explica:

[...] Ano passado eu estava mais na coordenação pedagógica, tipo assim é muito difícil, é muito complicado, porque você não percebe assim um acolhimento das pessoas, [...]. Tem muita gente que acha, muitos professores que acham que é só chega ali planejar sua aula individualmente, entendeu. Separar seu material. (FATINHA, 2007)

⁷³ Estágio Probatório é o período que todo servidor público deve passar para ser consolidado no cargo. Durante o estágio probatório o servidor passa por avaliações de desempenho. Esta avaliação afere nota a cada período de 6 meses e com notas baixas existe a grande possibilidade de, ao final de dois anos não ser efetivado no cargo.

E eu pergunto a Fatinha, o que você faz para tentar mudar isso?

Como que eu tento mudar? Há eu tento passar a experiência que eu tive. Tentando ouvir as pessoas, as opiniões das pessoas e procurando passar pra elas outras maneiras de estar realizando, o seu planejamento.[...] eu procurei ficar mais junto, estar propondo atividades, estar sugerindo algumas soluções a alguns problemas que foram surgindo. Só que é complicado, porque é como se fosse uma maioria com a minoria, (FATINHA, 2007)

Fatinha não encontra, dentro do grupo a mesma cumplicidade que a Graça encontrou na Sebastiana, na Cilene e na Éster quando começaram o trabalho. Por isso é mais difícil. Ainda sente-se só.

Mas não é por isso que ela desiste. Aborda os professores procurando mostrar, por meio de suas vivências, uma outra maneira de trabalhar dentro do coletivo. E qual é esta experiência? Ouvir, estar, propor e sugerir são verbos que Fatinha leva para o planejamento/ação. Vale lembrar que são verbos que precisam do outro para acontecer.

Como pode *ouvir* o outro sem o outro? Como pode *estar junto* sem ter o outro? Como pode *propor* sem ter alguém para receber a proposta? Como pode *sugerir* se não tiver o outro para receber a sugestão? Tudo isso para conduzir a *solução de alguns problemas* que foram surgindo, como Fatinha mesmo já disse.

Dar uma nova dimensão ao trabalho na escola é uma tarefa nada fácil. Para não desistir tem que ter a persistência de quem aprendeu que problema não é para a gente desistir, é para ser superado. é um embate constante. Sílvia concorda, “[...] é um embate que você trava. De um jeito diferente, mas tem que trabalhar tem que discutir [...]” (SÍLVIA, 2007)

E como convencer os outros de que esta experiência diferente de educação é melhor do que o tradicional: senta, escuta, decora e faz a prova. Como levar o outro a entrar na batalha?

Silvânia me interrompe com uma hipótese:

Eu acho que é o poder. Eu acho que pela argumentação, que isso conta muito. Eu acho que o poder da argumentação. O poder de falar. De levar o outro a refletir. Eu acho que isso que faz a gente conseguir uma maioria, porque aquela pessoa que se omite, [...], porque não tem uma outra idéia pra contrapor, [...], acaba cedendo e até acreditando. Porque eu acho que vai dando certo, vão vendo que por detrás daquela argumentação realmente tem um fundo de verdade. Algo real. Então acabam também acreditando e levantando a bandeira. (SILVÂNIA, 2007)

Vários estudos mostram que é inútil achar que vai mudar ou manter impondo a vontade de alguém sobre alguma coisa. Porque à medida que fica só impondo e usando o poder para forçar a pessoa a ficar enquadrada em um mesmo modelo, é estar sendo ditador. E embora as pessoas tenham conhecimento disto, é meio assim que ocorre nas coordenações dentro de uma escola predominantemente bancária.

Mas quando converso com o outro estou utilizando o convencimento do argumento e o argumento do convencimento. Ele tem o direito de continuar daquele jeito e eu tenho o direito de continuar conversando com ele. Então Silvânia está nos mostrando que é a força do argumento que trouxe a adesão ao grupo que, inicialmente, era minoria.

E qual é a força deste argumento? A realidade daquilo que foi verdadeiramente vivenciado. Não está escrito em livros, está escrito na história de vida dos educadores populares. Dos educandos. É real, aconteceu. Deu certo lá, pode dar certo aqui.

6.4. OS RESULTADOS/CONQUISTAS DO/NO ENFRENTAMENTO

E em que resultou este trabalho todo, Graça ?

[...] a gente conseguiu primeiro fortalecer o grupo. Na escola as relações interpessoais foram fortalecidas. Fazer uma sensibilização do grupo para desenvolver os trabalhos coletivos. Isso foi feito e a organização do trabalho pedagógico. E a escola ficou bem organizada. E melhorou, teve uma qualidade de ensino muito melhor na escola, o nível de aprovação foi muito maior, passou a ser muito maior. E a gente conseguiu também melhorar aqueles alunos que tinham dificuldade também na aprendizagem. Muitos alunos conseguiram avançar. Quando a gente começou a avaliar e planejar estratégias e formas de trabalhar com esses alunos. (GRAÇA, 2007)

A conquista é coletiva, todos ganham. Como no CEDEP, o grupo se uniu a um único objetivo, a as coisas fluíram, aconteceram. As soluções surgem dentro do próprio grupo. Com isso, a impressão de que a escola está mais organizada. A qualidade do ensino melhorou. Os alunos estão com melhor rendimento. A repetência diminuiu.

Utopia?

Não, fé e trabalho. Muito trabalho.

A lembrar da fala da Graça no início desta prosa ela nos mostra uma escola que está individualizada. Não tem um projeto pedagógico. Não tem um trabalho coletivo. Enfim, não tem objetivos.

A conquista não é só dela, tão pouco exclusiva daquele grupo ou daquele momento. Repercute e perpetua. Assim como no CEDEP, os que chegam pegam o que já foi feito e se juntam para continuar a construção. Quando a Silvânia chega na Escola Classe 05, onde Graça já era coordenadora pedagógica escolhida/acolhida pelo grupo, ela conhece a história dos que estão tentando fazer diferente. Tentam romper com uma escola predominantemente bancária por uma predominantemente não bancária.

E o que Silvânia escuta das outras professoras da escola?

[...] conversando com as professoras, aquelas mais antigas, elas me disseram: se hoje a escola é o que é e se tem essa proposta, foi porque um grupo de professoras lutou, nos lutamos, [...] nós lutamos pra que fosse assim, [...]. A gente foi criando um conjunto de conhecimentos que levava a gente a querer uma escola assim. E sobre a gente querer uma escola assim não é porque a direção quis, muito pelo contrário, [...] que foi uma luta de anos, que a direção sempre via aquela proposta delas como algo difícil de fazer, não acreditava que aquilo poderia dar certo. (SILVÂNIA, 2007)

Silvânia ainda completa:

Eu já não consigo mais planejar de uma forma individual. Não consigo. Não consigo. Acho péssimo. Então, as reuniões, que a gente faz coletivamente, o planejamento que nos fazemos coletivamente, tudo isso eu acho que faz a diferença. Eu vou pra escola assim com um prazer, sabe! Então acho que tudo isso vem dessa formação do CEDEP (SILVÂNIA, 2007)

O que faz a diferença para Silvânia é estar no coletivo. O coletivo dá mais força e então fica mais prazeroso estar na escola.

Mas Fatinha, que não está na mesma natureza de coletivo que está Silvania, mesmo com as dificuldades, consegue fazer diferente. Ao chegar na rede pública ela vai trabalhar com Ensino Especial, na mesma escola que está até hoje. Fatinha vai trabalhar em uma área que é tão excluída quanto à educação de jovens e adultos, ainda mais se for do movimento popular que era de onde ela vinha. Pois bem, como Fatinha trabalha?

Ela mesma diz:

O meu trabalho ele teve assim muita repercussão. O trabalho que eu realizei com as crianças especiais da minha escola. Eu entrei em 98, e quando foi no ano de 2000 eu consegui integrar toda a minha turma [...] então isso pra mim já é uma realização, porque eram crianças excluídas, crianças que passaram muitos anos em classes especiais. E as pessoas acreditavam que elas não podiam aprender. Eu trabalhei igual eu trabalhava no CEDEP. Com textos, com palavras do cotidiano deles. Com a história deles, como os nomes, [...] As crianças não tiveram dificuldade de acompanhar o mesmo ritmo de trabalho que a gente fazia no CEDEP. Aproveitando as expectativas deles, os interesses. Eu sempre parti do que eles queriam, do que eles queriam aprender, [...] (FATINHA, 2007)

Com esta vivência na rede e a que ela viveu no CEDEP, a tática de Fatinha na segue um caminho propício à superação. Mas é importante que Fatinha encontre cumplicidade dentro da escola, pois a caminhada é longa e difícil. Sozinha fica ainda mais difícil.

Mas e aí, o que mais pode ser percebido na atuação dos educadores egressos que a gente pode dizer que é repercussão do trabalho da educação popular, aqui CEDEP/UNB? Pessoas queridas, muito mais coisas. Passo a fala para Silvânia:

O que influencia no meu trabalho, [...], dar liberdade aos meus alunos. De enxergar ele além daquela pessoa, de enxergar a história. De lembrar que ele tem uma vida, de lembrar que ele tem uma família, que ele tem toda uma história. Que ele está ali, e que ele traz uma bagagem e que eu estou ali pra ajudá-lo. Que eu não estou ali para impor nada, que eu estou ali para contribuir pra educação daquela pessoa. Que eu sozinha não consigo. Eu preciso do apoio da sociedade, do apoio da família. Eu sempre me questiono isso, sempre eu tento fazer o melhor, mas sabendo que sozinha não consigo. [...] e em sala de aula eu procuro muito trabalhar o diálogo, trabalhos coletivos, trabalhos em grupos. Porque como eu sinto essa necessidade de trabalhar coletivamente eu percebo que os meninos também crescem muito trabalhando coletivamente dialogando entre eles, trocando idéias. Então aquela coisa de silêncio, eu estou certa, isso não existe. Não vou dizer que não existe na minha prática, mas em alguns momentos a gente se torna autoritária mesmo. Mas assim isso não faz parte dos meus ideais de hoje em dia de querer impor, de pedir silêncio, de querer uma sala de meninos paradinhos, quietinhos, que ouvem tudo. Muito pelo contrário, eu fico inquieta quando a gente esta conversando sobre alguma coisa, e eu pergunto e eles ficam calados. (SILVÂNIA, 2007)

Silvânia fala da sua turma na escola pública, embora pareça que ela esteja falando do CEDEP. A forma como Silvânia encara a sala de aula e o seu trabalho como educadora é um exemplo que podemos considerar como repercussão da educação popular na escola pública. Dar vez, voz e decisão ao aluno, ouvir a história de vida, dar espaço ao diálogo tudo isso é uma perspectiva de uma educação libertadora. Ela também tem espaço para falar de si, de sua história de vida, dos problemas da comunidade que também são os dela.

Esse movimento de aprendizagem mútua constitui educando e educadora nas vozes que se complementam e se completam. Por isso, para Paulo Freire, ensinar não é transmitir conhecimento, é aprendizagem mútua:

É nesse sentido que ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. FREIRE (1996:25)

Ao mesmo tempo, Silvânia expressa, por sua fala, a sua incompletude, porque quer fazer melhor, reconhece que sozinha não consegue. E a contradição do bancário com o não bancário quando revela que na sua prática há momentos de autoritarismo, mas que “isto não faz parte” dos seus ideais de hoje.

O perceber-se inacabado de Silvânia a possibilita num constante movimento em busca da completude, como diz Paulo Freire “*a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca*”. FREIRE (1986:64)

E sobre o conteúdo, Silvânia, o que você diz?

[...] o trabalho do CEDDEP me influenciou de trabalhar com os alunos, da gente estudar realmente o que faz parte da vida deles. [...] De trabalhar com os alunos conteúdos realmente úteis e descartar muitos conhecimentos que tem no currículo, mas que a gente percebe que é inútil. E você fala para os meninos, entra por um ouvido e sai pelo outro, no mesmo instante. (SILVÂNIA, 2007)

Isto é uma repercussão dentro da sua sala de aula, Silvânia. Atuação que independe da escola. Dá significado à sua aula. Agora você tem um projeto de vida, uma exercitação em que pegar o que está pronto e passar, não dá. Você vai além e aí está a diferença do que você aprendeu em algum momento de sua vida.

Graça quer falar mais sobre como, agora, estão trabalhando o conteúdo na escola pública.

Porque assim tem uma forma de você trabalhar os conteúdos sem que seja aquela forma do conteúdo pelo conteúdo. Você pode partir da história dele, da vida dele com um texto que tem um significado pro aluno. Um texto mais contextualizado com a vida dele. Você trabalha o conteúdo dando mais significado pro aluno... [...] Era sempre assim, colocando pros professores a importância de estar fazendo mais esse trabalho contextualizado, levando mais em conta a vida deles. De não fazer um trabalho fragmentado. Esse trabalho contextualizado com sentido, dando sentido nesse conteúdo na vida do aluno. Que não fosse uma forma também mecânica. A gente sempre procurava trabalhar esse conteúdo de forma diferente, que não fosse uma forma mecânica de o aluno estar repetindo, repetindo. (GRAÇA, 2007)

Graça enfatiza a importância de trabalhar a história de vida e como contextualizar ao invés de mecanizar. Os outros professores da escola foram percebendo esta diferença. Estes enfrentamentos tem repercutido e os resultados conquistados, encontrados e esperados também. Silvânia toma palavra e fala dos resultados com sua turma:

Eu acho que a capacidade deles dialogarem. De entrar em acordo. De entre eles resolverem conflitos. Acho que eu dei essa abertura pra eles. De valorizar esse conhecimento que eles têm. Então, estarem sempre mais seguros, porque quando alguém fazer uma pergunta eles se sentem mais seguros para responder, em falar, em citar exemplos, dar a opinião deles. Até porque eu estou incentivando isso. Até aqueles mais tímidos, caladinhos, eu acho que eles tiveram uma transformação maior, criaram aquela vontade de falar, de contribuir. (SILVÂNIA, 2007)

O que Silvânia coloca não é algo que atinge apenas a turma dela. Ao estar fazendo um trabalho diferente na sua sala, e trocando as experiências nos momentos de coordenação, que agora tem o espírito verdadeiramente coletivo, o ganho é de todos e a constituição dentro daquela relação social que se estabeleceu na escola pública caminha para uma educação menos bancária e mais libertária.

As problemáticas e dificuldades de início continuam a existir, mas o que muda é a relação de forças com estas dificuldades. Um grupo cada vez mais consistente e trazendo, pelo poder do convencimento, a partir de suas histórias de vida, suas experiências e

suas relações sociais, uma nova natureza de coordenação e coletivo. Ganhando mais adesões a um projeto que é de vida e tem vida.

Sílvio toma a fala afirmando:

As pessoas que passaram (pelo movimento popular) tentam superar. Tentam passar pelas dificuldades. Tentam passar pelas barreiras. Conseguem ver o aluno como igual, que é muito difícil ver. As pessoas que passaram pelo movimento popular conseguem ver isso, conseguem tratar o aluno, não como objeto. A gente tem uma textura diferente. (SÍLVIO, 2007)

Silvânia concorda:

Eu, Graça, a gente senta pra conversar e aí a gente vê o tanto que é diferente uma pessoa que passa pelo CEDDEP. Um professor que passa pelo CEDDEP e que chega à Secretaria de Educação. E também como é diferente um professor que além de passar pelo CEDDEP e ainda more aqui. Como é diferente a maneira como a gente vê os meninos. A gente vê o aluno de outra maneira, acho que a gente se vê nele. (SILVÂNIA, 2007)

Realmente, me parece que o olhar do educador popular na escola pública é diferente. Um olhar que vê além do corpo físico presente na sala de aula e no pontinho da frequência do diário de classe. Ver o aluno como igual. Mais ainda: ver-se nele.

E ainda tem a incompletude que completa o inacabamento. Também é uma repercussão, a certeza de estar sempre começando. Porque somos seres em constituição e por isso não estamos prontos. Silvânia fala abertamente sobre isso, e eu posso dizer que nas entrefalas, é também a voz dos demais educadores egressos entrevistados.

Então em sala de aula eu ainda me queixo muito, eu ainda acho que eu erro muito, ainda acho que tenho muito para aprender. [...], você nunca vai estar pronta, eu ainda me queixo muito. (SILVÂNIA, 2007)

E por estar buscando a completude vem à certeza de que a caminhada precisa continuar. Silvânia fala ecoando as demais educadoras. A superação/resignificação dentro de si estoura como a pipoca na panela: com força, firmeza e alegria.

[...] eu acho que o meu trabalho tem muito que melhorar. Mas eu acredito que o meu trabalho venha contribuir e assim levar aos alunos, levar até os colegas essa coisa que nos todos somos capazes. Que não é porque eu sou pobre, porque eu sou de um ambiente carente, eu sou menos inteligente, sou menos capaz. Não é porque eu sou negro, porque eu sou baixo, porque eu sou gordo, porque eu sou pobre, que eu sou menos importante que uma outra pessoa, que uma outra criança da mesma idade, que outra classe social, de outro país. [...] Porque eu sou igual eu tenho os mesmos direitos. Que eu posso contribuir na minha formação, na minha casa, na minha sociedade. Que eu posso contribuir com as habilidades que eu tenho. Nós temos habilidades diferentes, nós temos personalidades diferentes, mas da maneira que eu sou, eu posso contribuir de alguma forma. No lugar onde eu estou eu posso contribuir eu posso contribuir pro outro, pro próximo o próximo também me ajuda. E juntos a gente forma uma sociedade mais harmônica. (SILVÂNIA, 2007)

Em meio à entrevista, tantas lembranças e tanta coisa para contar. Graça se emociona e chora. Eu silencie, não menos emocionada. É uma caminhada. É o registro de uma longa caminhada. Retornado o fôlego pergunto à Graça: Por que te emociona falar sobre isso?

Graça responde sem muita demora.

Porque me lembra muitas lutas, né? Muitas brigas. Mas principalmente pelo resultado. Valeu a pena. Eu acho né? Eu tenho certeza que valeu a pena! [...] mais forte assim é de não desistir. De acreditar. De ter esperança. (GRAÇA, 2007)

Acreditar. Esperança. Superação.

Então, repercussão.

CONSIDERAÇÕES PARA MANTER A CAMINHADA

*"a boniteza de ser gente se acha,
entre outras coisas,
nessa possibilidade
e nesse dever de brigar."
Paulo Freire⁷⁴*

Confesso que fiquei muitos dias dando voltas com estas páginas finais em branco, sem saber como começar. Como é difícil começar o “final”. Como é difícil terminar, finalizar com o que se gosta. Depois de muita reflexão, em uma das tantas madrugadas adentro, compreendo que estas *considerações finais não podem ser para finalizar*, mas para dar impulso a um novo começo. Um novo jeito de caminhar sem sair do caminho, da direção.

Também compreendo que eu não esgotei todas as possibilidades de análise desta/nesta pesquisa porque é inacabada, e como está inacabada, busco o acabamento. E na consciência do inacabamento surgem possibilidades de construção e busca.

Assim como eu, esta pesquisa está em construção. E estando em construção ela não tem ponto final. Ela deve continuar aqui no Paranoá, no CEDEP, na UnB, na escola pública, nos movimentos populares, no DF e/ou em algum cantinho deste Brasil.

Sendo assim, não são considerações finais. São **CONSIDERAÇÕES PARA MANTER A CAMINHADA!**

Porque no final tudo termina, mas aqui não terminou. Porque aqui não tem final, é sempre começo e recomeço. È um movimento que é humano. Então sigamos.

Começo a pesquisa com a inquietação em identificar as possíveis **repercussões da atuação de educadores/as egressos/as da alfabetização popular de jovens**

⁷⁴ FREIRE, 2001:67

e adultos do CEDEP inseridos no contexto da rede pública de ensino do Paranoá/DF, seja com crianças, jovens e/ou adultos.

Eu afirmo: há repercussão.

Esta pesquisa, só o fato dela existir, já é uma repercussão. Porque dentro da hipótese inicial já há uma indicação de que existem educadores populares do CEDEP inseridos na rede pública de ensino do Paranoá. Caso contrário, não existiria a possibilidade da pesquisa. Sem contar que a própria pesquisadora é educadora popular na rede pública há 18 anos. Isto é repercussão.

O número de educadores populares, no total de vinte e cinco, encontrados nas escolas públicas do Paranoá é também outra repercussão. Mesmo que nada esteja mudando na escola pública com a presença destes educadores, só o fato dela (presença) existir, já é repercussão.

Há a repercussão. Há a transformação dentro da escola, dos seres humanos que estão naquela escola, nas relações sociais daquela escola. Não é a transformação da água para o vinho, porque não estamos aqui nos propondo fazer milagres na rede pública ou fora dela. Mas na medida em que adoçamos, com a práxis experimentada no movimento popular, podemos transformar o azedo. E o limão vai virando limonada.

Pelos dados analisados na pesquisa é possível afirmar que as educadoras populares que passam pelo processo de aprendizado conjunto com outros/as educadores/as, alfabetizando/as graduandos/graduandas, graduados/graduadas, mestrando/as, doutorando/doutorandas e professores/professoras apreendem/incorporam a possibilidade de uma perspectiva diferente de ser/fazer/produzir educação e a levam/desenvolvem na rede pública de ensino. Em uma natureza de relação social de predominância libertadora, crítica,

histórica, cultural, amorosa e, sobretudo, humana.

Mas como se dá a repercussão da atuação, é o que quero saber. Como, no contexto da escola pública, a práxis do educador popular influencia o trabalho escolar. A pesquisa mostra o que avançou e avança. Mas dá espaço para possibilidades do que ainda pode avançar. Porque o enfrentamento é eterno.

E neste contexto não é a universidade que chega e diz à educadora popular o que tem que fazer, tão pouco a comunidade que chega e diz o que tem que fazer. As análises da pesquisa mostram que não é o lido que o educador egresso repete, é o vivido.

Da percepção da Diferença e do Diferente:

Ao chegar na escola pública, a educadora/o educador egresso encontra uma escola de predominância bancária. A percepção da diferença entre escola pública e movimento popular é evidente na fala de todos os entrevistados. Há implícito e explícito a decepção com o que encontram na escola pública e o desejo de que seja diferente. Que ocorra na escola pública a mesma possibilidade do fazer pedagógico libertador/problematizador que acontece no CEDEP.

Na fala dos educadores entrevistados percebo o desejo de ser um educador que dê lugar ao educando/a, que não o exclua como um dia ele mesmo (educador) o foi. Que tenha a oportunidade de fazer diferente, como ele teve no CEDEP. Que o/a educando/a não desista como um dia, encontrando o movimento popular, ele mesmo, educador, foi incentivado a seguir em frente. São estes ideais que fazem o movimento popular e que agora estão nas falas e entre-falas dos educadores populares egressos.

Para o educador popular a educação tem um papel social muito forte. Uma possibilidade de mudança, transformação e libertação. Educação e mudança estão interligadas. É a possibilidade de romper com a dominação e a reprodução de uma sociedade individualista, autoritária, fria e desumana.

No movimento popular a educação é revestida por um compromisso com a sociedade. Ouvir e permitir que o/a outro/a fale é parte do processo de descoberta e aprendizagem. Dessilenciar e dessilenciar-se está intrinsecamente ligado ao processo de aprendizagem na educação popular.

Valorizar a história de vida e o trabalho coletivo; resgatar valores de vida e participação comunitária; o diálogo dialético; respeito às diferenças e ao diferente; o conflito que faz avançar e o desafio que é para superar. Tudo isso são marcas encontradas e vividas na educação popular e *não encontradas e não vividas* na escola pública.

O conflito entre uma educação predominantemente bancária com uma educação predominantemente não bancária. Isso se reflete inicialmente como um problema no trabalho coletivo na escola pública, tido como coordenação pedagógica. É a problemática encontrada na escola pública.

Da problemática encontrada na escola pública

Uma questão que transpassa os cinco educadores egressos entrevistados está relacionada ao espaço de coordenação pedagógica coletiva. Os educadores populares mostram, por suas falas, que a destinação do coletivo dentro da escola pública é algo que os leva ao estranhamento.

Ele encontra na escola pública uma coordenação pedagógica tida como coletiva, mas que é verticalizada e fechada. Onde o professor é mero reproduzidor dos conteúdos e conceitos pré-determinados e o aluno apenas o consumidor destes produtos.

A experiência de cada um no CEDEP é de um trabalho coletivo na perspectiva de desconstrução/construção do ser/fazer pedagógico, presente nos fóruns, planejamentos, encontros e vivências. Ao ingressarem na escola pública, sentem a dificuldade de não encontrar no grupo da escola, sejam professores, servidores e direção, um caminho que conduza a este coletivo.

O coletivo que os educadores/as populares almejam na escola pública não é apenas estar junto, estar sentando junto, um ao lado do outro. É isso também. Mas não é só isso. É um espaço onde haja não apenas a integração, mas a conjunção de idéias e objetivos comuns. Um projeto de educação que envolva todos da escola. É um espaço de participação na relação com/na escola e com/no todo dela. Um espaço de troca, de vivências e por isso de aprendizado mútuo e de cumplicidade. De constituição do ser/fazer educador/a.

O ideal que o educador popular traz da educação, a partir da sua vivência na educação popular, faz com que ele identifique o coletivo na escola pública como um problema, se não ele nem identificaria como problema. É a maneira como ele lida com esse problema e o enfrentamento dele a partir do seu olhar que traz as marcas da educação popular.

É a natureza da relação social do ser/ouvir/falar dos sujeitos envolvidos na escola, sejam eles alunos, professores, educadores, servidores, pais e direção. Esta natureza de relação reflete em outros aspectos como conteúdo, história de vida, compromisso, responsabilidade social, rendimento escolar.

Do enfrentamento da problemática levantada

Como é que, tendo passado pelo movimento popular, pela educação popular, pela UnB os educadores egressos enfrentam esta problemática? Em favor de um trabalho verdadeiramente coletivo o grupo vai buscando minar as forças internas na escola.

O enfrentamento não acabou e não acaba. No movimento popular a gente aprende que a luta nunca acaba porque você vence uma batalha e já tem soldado combatendo em outra frente. Então na escola pública o enfrentamento se dá neste exato momento. Ele não acabou. Pode estar acontecendo com outros, ou os mesmos, atores (jogadores). Mas sempre haverá.

Nossos educadores populares apresentam, entre suas falas, como enfrentam a problemática levantada por eles e conseguem mudar a relação do coletivo dentro da escola pública.

Primeiro. A resistência começa na sala de aula. Todos os nossos entrevistados apontam que o trabalho em sua sala de aula é diferente e, a partir daí, começa a diferenciar também a sala de outros professores. Muda a relação social dentro da sala, fortalece a turma, fortalece o professor/educador.

Segundo. Aos poucos, pelo poder da argumentação, vão contagiando outros da escola e ganhando “terreno pedagógico”. Estes outros podem ser alunos, professores, servidores, pais. O movimento de conquista dos espaços para a causa encontra barreiras e resistências, mas vai sendo enfrentado pelo grupo que, antes pequeno, já está fortalecido.

Não é o lido que ele repete, é o vivido. Não é só falar do que faz ou já foi feito. É fazer também. Só falar vira discurso. É mostrar o vivido.

O enfrentamento é para o educador popular a manutenção de uma busca pelo não bancário. A repercussão já está dentro dele, estourando. E a natureza das relações sociais dentro da escola vai mudando de uma perspectiva predominantemente bancária para uma perspectiva predominantemente não bancária.

Da superação e da repercussão do enfrentamento: uma nova natureza de relação social na escola pública

A tentativa de abrir espaço para um coletivo diferente já é uma grande repercussão. Rompe com a resistência da maioria. Os educadores populares, ao discutir junto os problemas que são do coletivo, estão, pelo poder do argumento, criando espaços de diálogo, interação e execução. A força do grupo, inicialmente pequeno, aumenta na medida em que há a participação e cumplicidade saudável.

A conquista é coletiva. As soluções surgem dentro do próprio grupo. Com isso, a escola está mais organizada, a qualidade do ensino melhora. Os alunos têm melhor rendimento. A repetência diminui. Oportunizar vez, voz e decisão ao aluno; ouvir a história de vida; abrir espaço ao diálogo, tudo isso é a perspectiva de uma educação libertadora que repercute da práxis do movimento popular. Práxis que está internalizada no educador egresso e repercute, por ele, dentro da escola pública.

Outros professores da escola, percebendo esta diferença vão se agregando ao diferente ou mesmo baixando as resistências iniciais. A constituição dos sujeitos envolvidos, dentro desta nova natureza de relação social que se estabelece na escola pública, caminha para superação de uma educação de tendência bancária e instalação de uma educação predominantemente menos bancária e mais libertária.

O que quero dizer é que desta iniciativa-superativa, o que os educadores encontram que diz respeito ao coletivo era de tendência predominantemente bancária e passa a ser de tendência predominantemente não bancária. Isso porque ninguém é cem por cento bancário como também não é cem por cento não bancário.

Não é que tenham mudado no todo a coordenação e o caráter coletivo da escola. O que ocorre, pela contribuição dos educadores populares ali inseridos, mesmo sendo um pontinho, já é alguma ação. Já existe a repercussão.

Com isso, as problemáticas e dificuldades não deixam de existir. Mas a correlação de forças para enfrentar os problemas aumenta a possibilidade de superação destes problemas. Um grupo cada vez mais determinado trazendo, pelo poder do convencimento, a partir de suas histórias de vida, suas experiências e suas relações sociais, uma nova natureza de coordenação e coletivo. Isto é superação, repercussão e nova natureza de relação.

O poder não está mais nas mãos (fala) de um/a única pessoa. O poder está no coletivo que tem fala e escuta. Na relação dialética que se empreende a partir da inserção-participativa-contributiva-suprativa-mútua de nossos educadores e educadoras populares no contexto da escola pública no Paranoá.

Com esta pesquisa pude constatar que se a escola é predominantemente bancária eu posso, no processo, contribuir para o não bancário. De conservadora para libertadora. E então, transformadora.

Por aí eu vejo que a passagem das pessoas pelo movimento popular, mostra ou indica que do ponto de vista da relação social a pessoa tende a resignificar sua subjetividade de bancário capitalista. Mesmo sem deixar de ter esta dentro de si.

Esta resignificação atinge, pela visão dos cinco educadores egressos entrevistados nesta pesquisa, uma intensidade que eu não tenho parâmetro para medir agora, mas que me parece ser extremamente significativa.

A atuação destes cinco mostra que elas/ele estão tentando encaminhar diferente. Já estão encaminhando diferente. Já tendo conseguido isso nas escolas em que atuam. Isto é educação popular na escola pública. Isto é repercussão.

Mas nesta dialética da pesquisa/pesquisadora/pesquisados o que fica de reflexão para nossa caminhada enquanto CEDEP, Movimento Popular, UnB e para eu própria?

Para o CEDEP é poder mostrar que é possível fazer uma educação diferente. Pode-se fazer uma educação diferente não só no movimento popular, pode-se fazer uma educação diferente na escola pública na medida em que eu tenho uma pessoa que passou pelo movimento popular e ela pode estar fazendo 0,001%, mas está fazendo diferente.

O CEDEP pode perceber, por meio desta pesquisa, quão grande é o seu potencial de influência e de turbulência dentro das escolas públicas do Paranoá. Mas é necessário, para um futuro bem próximo, se agarrar às possibilidades dos novos caminhos a percorrer pelo movimento popular no Paranoá. Não mais é possível, ao CEDEP, ausentar-se das discussões acerca da educação pública no Paranoá como vem fazendo nos últimos anos. **Não é mais possível o CEDEP não assumir a sua posição de agente formador sobre educação no Paranoá.**

O CEDEP tem se escondido entre suas cercas e não vai ao encontro/busca/resgate do educador popular egresso para, junto com ele manter a caminhada. Porque os enfrentamentos apontados pelos educadores não tem acontecido com a

participação/acolhida do movimento popular, mas pela influência da experiência que um dia tiveram no movimento popular.

Porque se o educador egresso, estando sozinho na escola pública, tem conseguido lutar/resistir para não ser “corrompido” pelo sistema educacional bancário capitalista, que diríamos se esta luta/resistência tivesse o apoio do movimento popular, do CEDEP! Se ele, educador popular, se manter em contato, **MANTER A CAMINHADA** no/com o CEDEP, é possível que esteja ainda mais fortalecido para o enfrentamento e superação na escola pública.

Estas ações, do CEDEP/UnB, podem vir por meio de encontros, fóruns, momentos de formação, seminários, planejamentos. Até festas, porque não! Importante será que o educador popular egresso não se sinta mais *largado à própria sorte* na escola pública. E isto vale também para outras entidades ligadas à educação popular.

Para o MOVIMENTO POPULAR, as conclusões desta pesquisa vêm mostrar às outras organizações sociais, como sindicatos, associações, ONGs, agremiações e demais, a importância da participação destes no movimento popular/na educação popular.

O movimento popular, no trabalho com a educação popular, no formato da que aqui relato, é também um campo de pesquisa e formação de professores para atuação na rede pública. Os sindicatos e as organizações, quando se fecham à educação popular podem, agora, repensar que a formação dada pelo movimento popular é um espaço de construção do fazer educação de uma forma diferente. Uma educação libertadora que os sindicatos tanto/também defendem.

Que maior que a preocupação com assembleias cheias e representativas, será o fortalecimento do coletivo no interior das escolas que poderão mobilizar e dar maior qualidade às discussões da categoria e das possibilidades de encaminhamentos e mobilização.

Para a UNB, a dissertação e o estar na UnB não acabam com a defesa. CEDEP e UnB continuam o processo formativo tanto na comunidade como na academia. Por meio do Projeto 3 muitos futuros pedagogos/as estão conhecendo a educação popular e, por meio dela, uma perspectiva diferente de fazer educação.

A academia segundo Backtim, é polifônica, pois há nela múltiplas vozes e polissêmica, com vários sentidos. Então a ciência, dependendo de sua natureza e segundo a posição de classe do pesquisador, ela serve a um determinado seguimento. Aqui há uma pesquisa que está focada no interesse de uma educação que seja libertadora e de melhoria de condição de vida das camadas populares, das classes trabalhadoras.

A produção do conhecimento e a constituição dos sujeitos que passam pelo CEDEP/UnB estão intimamente ligadas aos princípios básicos de criação do Projeto Paranoá de Alfabetização, em 1986. Princípio este que o **“aprender... esteja intrinsecamente ligado à superação do processo de exclusão social que sofremos e de enfrentamento dos problemas e desafios”** e ainda **“provocar a mudança/superação no sujeito com a mudança/superação na/da comunidade”**.

Parece-me que as páginas desta pesquisa mostram que isto tem ocorrido com bastante significação tanto no que já foi epistemologicamente construído e constituído, como na práxis daqueles que estão e que já estiveram.

Então, é preciso que a Universidade reconheça seu importante papel neste processo. O movimento popular não constituiu isto sozinho, tão pouco a universidade assim

conseguiria. Foram as junções academia/popular, ciência/sapiência que assim fez, faz e continuará fazendo na dialogia universidade/comunidade. Porque aqui, no movimento popular, a universidade é comunidade e a comunidade é universidade.

Estas considerações contemplam a visão da extensão articulada com ensino e pesquisa. Tenho certeza de que igualmente pensam nossos companheiros e companheiras de São João D'aliança, Riacho Fundo, Ceilândia, Gama e outros que convivem com a experiência de estarmos em constante aprendizagem em uma via de mão dupla entre comunidade e universidade.⁷⁵

Por fim, **para LEILA**, a dissertação não se finda com os rituais acadêmicos de conclusão de curso, ela dá continuidade na medida em que estou, neste momento, resignificando minha prática educativa, abandonando mais o meu lado bancário e acrescentando um ser/fazer/tentar mais libertador e problematizador.

A pesquisa me resignifica a práxis, pois na medida e ao mesmo tempo em que trabalho com os educadores populares egressos, identifico avanços, dificuldades, recuos, superações também em mim. Na medida em que conversamos vou me transformando, superando, construindo/destruindo/reconstruindo o meu ser/poder/fazer pedagógico.

A transformação deles e minha também porque sou do movimento popular e sou da rede pública. Eu também, ao ouvir o problema e conversando sobre ele, descubro possibilidades de superação dentro de mim e da escola em que atuo. Como as relações sociais constituem o sujeito também eu estou em constante constituição/resignificação.

⁷⁵ Projetos de Extensão da Universidade de Brasília. Estes projetos, pela experiência acumulada, fundamentou e fortaleceu a implantação dos Projetos 1,2,3 e 4 no currículo da Pedagogia da FE/UnB. A participação e integração destes projetos de extensão culminaram na participação da comunidade nas eleições da direção da FE. Comunidade vota como votam alunos e professores.

Estou falando de projeto de vida. Na minha vida; no meu coração que bate; no sangue que circula em mim; na oração. Isto está no meu projeto de vida. É uma trajetória que não tem um ponto final com esta defesa. Eu estou sendo Paranoá, e aqui estou dando continuidade ao movimento que é o Paranoá. Com a defesa, estou criando um elo concreto entre eu a história do Paranoá.

A pesquisa muda em mim a maneira de enfrentar os desafios do movimento popular e da escola pública. De contribuir com a construção, neste mesmo movimento, de novas possibilidades de ação/atuação. A pesquisa mostra para mim a urgente necessidade do encontro com educadores populares da rede pública de ensino do Paranoá para manter a caminhada.

Neste período do mestrado, muitas problemáticas internas foram sendo resignificadas e muitas questões foram levantadas. A produção final deste texto é resultado deste processo de resignificação dentro de mim que foi externado nestas páginas e muito mais que aqui não foi escrito.

Eu senti que mesmo estando liberada⁷⁶ foi difícil fazer esta natureza de produção do conhecimento. Espero que a minha contribuição faça avançar ainda mais esse propósito de produção do conhecimento que é simultaneamente transformação da realidade, porque transforma o sujeito da UnB e da comunidade, ao mesmo tempo em que transforma a UnB e a comunidade. Quem ganha é a educação seja popular ou pública no Paranoá, no DF e no Brasil.

No mais fica a certeza de que para se manter numa perspectiva humanista, transformadora, emancipadora e libertadora, é fundamental que eu tenha uma dimensão de

⁷⁶ Durante o mestrado consegui afastamento remunerado para estudos por 3 semestres e ainda utilizei 3 meses de minha licença-prêmio para concluir a pesquisa.

religiosidade. De reconhecer-me limitada diante da natureza humana e de um poder maior que emana de mim e do outro. Uma força que independe do meu eu. A força que move a vida.

Eu não quero ser piruá mesmo que depois vire paçoca. Nascemos para estourar, para nos transformarmos na flor branca, macia e cheirosa que é a pipoca depois de estourada. Para isto manter a caminhada é preciso e possível. Porque viver é preciso e precioso.

Penso que um dos objetivos do movimento popular é abrir a possibilidade ao novo, ao diferente, ao libertador.

Fica aqui um recado.

Vale a pena investir (de todas as formas), na educação popular. Vale a pena investir no movimento popular. Porque aqui se faz diferente, aqui acontece diferente. Não é mais fácil não é mais difícil. Mas não é impossível.

No movimento popular a educação é mais prazerosa, mais amorosa, mais humana, mais libertária. É revestida de compromisso social. Compromisso com uma sociedade mais justa e igualitária. Compromisso com a vida.

Estar hoje em constante movimento e aprendizado. Estar na caminhada e acreditar nela. É responsabilidade e resposta da constituição história que me sustentou e me sustenta.

Porque no final tudo termina, mas aqui não terminou. Deixo com a luta e a caminhada, a Bandeira do Divino⁷⁷. Então até breve.

⁷⁷ BANDEIRA DO DIVINO – música, Ivan Lins e Vitor Martins

*Os devotos do Divino
Vão abrir sua morada
Pra bandeira do menino
Ser bem-vinda,
Ser louvada,*

Também nós,
Abramos nossa morada
Ao Divino, ao novo, ao libertador!

*Deus nos salve esse devoto
Pela esmola em nosso nome
Dando água a quem tem sede,
Dando pão a quem tem fome*

E Contribuamos para saciar
A sede e a fome daqueles que buscam
Liberdade de pensar, falar e agir.

*A bandeira acredita
Que a semente seja tanta
Que essa mesa seja farta
Que essa casa seja santa*

Acreditemos na farta colheita
Da semente que plantamos
Todos os dias

*Que o perdão seja sagrado
Que a fé seja infinita
Que o homem seja livre
Que a justiça sobreviva*

E acreditemos que liberdade
E justiça social um dia
Serão de todos e para todos

*Assim como os três reis magos
Que seguiram a estrela guia
A bandeira segue em frente
Atrás de melhores dias*

E sigamos o caminho em caminhada,
Juntos carregando a bandeira
Na esperança de melhores dias

*No estandarte vai escrito
Que ele voltará de novo
Que o rei será bendito
Ele nascerá do povo*

E escrevamos no estandarte
Que não voltaremos
Porque nunca fomos
Estamos sendo e continuamos
Nascendo e renascendo a cada dia
Porque a luta do povo é a nossa luta

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda (Org.); LINHARES, Célia;...[et al.]. **Formação de Professores: pensar e fazer**. 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 2000.

_____, Rubem. **O amor que acende a lua**. 12ª ed. Campinas – SP: Papyrus, 2006.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ANTUNES, Ricardo (Org.). **A Dialética do trabalho** – escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

ASSIS, Joaquim. **Ô Xente, pois não**. Documentário. 25min. Rio de Janeiro: Zodíaco Fase, 1983.

AZEVEDO, Joanir Gomes de e ALVES, Neila Guimarães (Orgs.). **Formação de professores: possibilidades do imprevisível**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. 160. ed. Editora Ave-Maria, 2004.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição social da memória: uma perspectiva histórico cultural**. Ijuí – RS: UNIJUÍ, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis – Rj: Vozes, 2002.

BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Bárbara; SOUSA Cynthia Pereira de. **A vida e ofício de professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. 4. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

CASTRO, Hernany Gomes de. **Crítica e Autocrítica no Projeto Paranoá. Avaliação de práxis educativa na alfabetização de jovens e adultos, em busca de alternativas para a superação de situação- problema- desafio**. Pesquisa, PIBIC. 2001.

CHAVEIROS, Janaina A (Org.). **Nunca é Tarde para Aprender**. Projeto de alfabetização de Jovens e Adultos do Paranoá-DF. Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá. Brasília: Ed. Roquete. 2000.

CONFESSOR, Michelle Ribeiro. **O processo de alfabetização e a participação social como atuação coletiva dos egressos do projeto Paranoá na rede de ensino pública na modalidade supletivo**. 2001. Pesquisa de Iniciação Científica, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília – DF.

COSTA, Alexandre Ferreira. **Alfabetização de jovens se adultos e mudança social: Práticas Discursivas de Letramento em Conflito**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília – DF.

FONTANA, Roseli ^a Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e Educação: ensaios**. 7. ed. Coleção Questões da Nossa Época; v. 23. São Paulo: Cortez, 2003.

_____; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida – Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer – teoria e pratica em educação popular**. 8. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

_____. **A internalização da exclusão**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, n. 80, set/2002, 23. v.

GALEA, José. **Uma igreja no povo e pelo povo – Reflexão teológica sobre a atual ação pastoral da igreja no Brasil**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1983.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

HORTON, Myles; FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

JESUS, Leila Maria. **RC: registro de campo – anotações e entrevistas de pesquisa.** Brasília: FE/UnB, 2007.

LIMA, Airan Almeida de. **Participação e superação do fracasso escolar: o caso do projeto de alfabetização de jovens e adultos na cidade do Paranoá –DF.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília – DF.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARIZ, Ricardo Spindola. **O Cotidiano como práxis pedagógica emancipatória na formação em processo de alfabetizadoras (es) de camadas populares: O caso do Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – DF.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília - DF.

MARTINS, João batista. **Vigotsky & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MEC. **Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas.** Brasília: UNESCO, MEC, CEAAL, 2005.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo – SP, Melhoramentos, 1998.

MULLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias.** 5. ed. Atual. Londrina: EdueL, 2003.

PENTECORVO, Clotilde. **Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

PIERRO, Cynthia di. **Participação social e Educação popular: o posicionamento eleitoral dos alfabetizados e egressos do projeto de alfabetização de jovens e adultos na cidade do Paranoá.** Pesquisa de Iniciação Científica.FE/UNB. 2001

PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção.** 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

QUEIROZ, Norma Lúcia Nêris de. **Motivações para alfabetização entre Jovens e Adultos.** Dissertação de Mestrado. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília-DF.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotsky, uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 18. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

REIS, Renato Hilário dos. **A Constituição do Sujeito Político, Epistemológico e Amoroso na Alfabetização de Jovens e Adultos**. 2000. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas – SP.

_____. Lima, Airan Almeida de. **Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos**. FE/UnB-SEE-DF. Editora UnB. 2001

RIOS, Guilherme Veiga. **Consciência lingüística Crítica da Interação em Sala de Aula de Jovens e Adultos Alfabetizando**. 1998. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília – DF.

RODRIGUES, Elenita Gonçalves. **Sobre a consciência e a crítica: discurso, reflexividade e identidade na formação de professores/as alfabetizadores/as**. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculas. Universidade de Brasília, Brasília.

SANTOS, Cléssia Mara. **A gestão na Educação Popular: o caso do CEDEP/Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos do Paranoá/DF**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília – DF.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia – O cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SOARES, Leôncio (Org.). **Aprendendo com a diferença – Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Série Pesquisa em Educação, 4. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TELES, Letícia de Lourdes Curado. **A constituição de professoras/es em educação de jovens e adultos numa escola pública do distrito federal: completude na incompletude? Ou incompletude na completude?** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

TERESA DO MENINO JESUS, Santa. **História de uma alma: manuscritos autobiográficos**. São Paulo: Paulus, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa –Ação**. São Paulo: Cortez, Autores associados, 1986.

TRINDADE, Gestine Cássia. **Educação e classes populares: perspectivas de um fazer pedagógico crítico**. Passo Fundo: UPF, 2002.

VERAS, Roberta da Costa. **A Atuação dos Jovens e Adultos Egressos do Projeto de Alfabetização no Movimento Popular Organizado - MPO e sua Participação no Processo Eleitoral**. Pesquisa, PIBIC. 2001

VIGOTSKY, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

APÊNDICE

ENFRENTAMENTOS DE UM MESTRADO/SUPERAÇÕES DE UMA MESTRANDA

*"Mas sei
que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos
o coração das pessoas."*
Cora Coralina

Já no mestrado e com uma proposta de pesquisa tão enraizada e confundindo-se com minha constituição política e histórica, passo a levantar alguns questionamentos que surgem ao longo de debates, leituras e novas percepções adquiridas nestes momentos de *vida mestranda*. Porém, é necessário reconhecer a real dificuldade que venho encontrando em acompanhar alguns debates e discussões.

A estas dificuldades tenho associado o fato de não possuir um histórico de constituição/construção teórica, mas sim de uma práxis adquirida na minha historicidade e que a academia tem dificuldade em admitir o conhecimento adquirido ao longo da vida como conhecimento válido.

O trabalho no movimento popular absorve muito tempo, pois as lutas não acabam. Elas mudam de nome, de lugar, de hora, de partido e até de cor e sabor, mas não deixam de existir e, quando você percebe, passou uma semana, um mês, um ano...Dez anos e os projetos pessoais dão lugar aos projetos coletivos, os sonhos pessoais dão lugar aos sonhos coletivos.

Não lamento, nem reclamo. Apenas reconheço que minha experiência/conhecimento é mais de arregaçar as mangas do que assimilar teoria. Não que os aspectos teóricos sejam menos importantes, mas que não tive “tempo” de ter muito contato

com eles. Estou aqui, é mais um campo de batalha, é uma deficiência minha e busco recuperar o “tempo” (ou a teoria), que deixaram de acontecer.

Durante o mestrado minha memória é atravessada e atravessa o objeto da pesquisa. A angústia em escrever foi e é um faz/não faz nada/refaz tudo/faz tudo de novo. Escrever e falar de sentimentos parece não ser nada científico. Penso que vivenciei ao chegar no mestrado a mesma angústia que um aluno de EJA sente ao chegar na escola pública. É um “mundo” que parece não nos pertencer.

O medo de errar, a cobrança em acertar, fazer bem feito. Uma cobrança da sociedade e do epistemológico. Porque a universidade é também bancária, tão bancária que por vezes meu lado bancário é afluído e até elogiado.

Minha história de vida em alguns momentos teve fala e escuta, mas em outra maioria foi/é silenciada. O enfrentamento e o conflito são inevitáveis. Pior é ter que cumprir estas disciplinas porque tem os créditos necessários/obrigatórios.

No movimento popular, as coisas não param. E a gente tem que caminhar junto para não parar. Então não pára porque a gente não pára. Tem eleição para o CEDEP. A necessidade de um recomeço para a entidade. Assumo, mestranda, a direção do CEDEP em abril de 2006, bem no meio do mestrado. Preciso conciliar, família, estudos, pesquisa, movimento popular, eu, Deus, igreja, amigos, médicos e remédios.

Ser o que sou hoje, enquanto educadora, não é mérito meu exclusivamente. É parte de uma caminhada em que aprendi muito mais nos embates políticos-ideológicos sejam eles no campo familiar, social, comunitário, escolar ou psicológico (consciente e inconsciente) do que nos livros de decoreba, e nas formalidades escolares e acadêmicas...

Estar pesquisadora/pesquisada neste processo de pesquisa é, para mim e para o movimento, fator marcante e positivo. A minha trajetória pessoal tanto na comunidade quanto no movimento popular é fator determinante para a construção desta pesquisa. Estando na rede pública há 18 anos, tive momentos de cooptação pelo sistema, mas muitos outros de enfrentamento e superação do status e padrão imposto para a educação na nossa comunidade.

Estar no mestrado é parte integrante de uma caminhada e uma opção de vida. A pesquisa que ora realizo tem vida e está num constante movimento. Estar, portanto, mestranda pesquisadora/pesquisada, faz parte de uma história/estratégia de vida que não se esgota com a finalização e resultados desta pesquisa. Ao contrário, cria um outro movimento de vida e resignificação de caminhadas/embates/encontros/desencontros, mas, sobretudo superação e conquista.

MEMÓRIA EDUCATIVA – UM POUCO MAIS DE MIM

*"...quando eu penso no futuro,
não esqueço meu passado".*
Paulinho da Viola⁷⁸

Professora Leila Maria de Jesus, nascida em 04 de dezembro de 1968, na cidade de Brasília – DF. Filha de mãe batalhadora e de pai ausente, totalmente ausente.

Minha mãe trabalhava como doméstica em casa de família e não podia ter-me junto a ela. Só tinha folga uma vez ao mês quando ia me ver na casa de meus avôs maternos. Sim, fui criada até os treze anos de idade com meus avós. Moramos em Brazlândia, Ceilândia e enfim fomos para Luziânia.

Não me recordo quando começou, mas foi meu avô quem me apresentou as primeiras letras do alfabeto. Ele me dava carvão para fazer desenhos no chão e nas paredes de madeira dos barracos onde morávamos.

Sempre fui muito esperta e com muita vontade de aprender. Meu avô me contava muitas histórias que, anos mais tarde, reli em livros folclóricos. Meu avô e minha avó não eram alfabetizados. O pouco que sabiam aprenderam no mundo e ensinaram a mim com muita riqueza, simbolismo e simplicidade.

Lembro que meu avó dizia que quando chegasse à escola já deveria saber o alfabeto para sair na frente dos outros. Assim, me ensinava as letras do alfabeto cantando: “A, B, C, D tenho uma égua pra vender... E, F, G”... Não recordo o final...que pena!!!! Cantando, quando cheguei na primeira série, aos sete anos, já sabia todo o alfabeto, as vogais e o meu nome.

⁷⁸ PAULINHO DA VIOLA – música – Dança da Solidão

Fui muito mimada por meus avós, mas criada com severa educação. Nada de responder, ser mal criada ou deixar de pedir a bênção aos mais velhos e rezar para dormir.

Lembro que não havia vaga na escola para a primeira série e a Prefeitura alugou uma casa perto do cemitério. Não tinha jeito, morria de medo de passar na porta do cemitério para ir à escola. Apesar de ser perto de casa, meu avô sempre me levava, que era para nenhuma alma penada correr atrás de mim.

Ali, naquela casinha alugada, conheci minha primeira professora. O nome dela era Zilma. Baixa, cabelos loiros, pele clara. Descobri os primeiros textos na Cartilha Caminho Suave. Amava aqueles desenhos. Divertia-me com as descobertas. Achava tão bonito a capa daquela cartilha que apresentava duas crianças percorrendo um caminho lindo, florido e alegre para chegar até a escola. Gostaria de reencontrar esta cartilha. Mas este caminho lindo, florido e alegre que leva até a escola confesso que nunca encontrei. E talvez muitos alunos ainda não consigam encontrar.

Passei de ano sem delongas e fui para o colégio municipal estudar na segunda série. Já estava “sabida”, independente e participava de tudo (acho que minha xeretisse vem daí). Estava em todas as apresentações, atividades, comemorações. Era boa aluna e recebia elogios nas reuniões de pais que meu avô sempre participava.

Depois nos mudamos para um outro setor, bem mais distante da escola. Ali, num pequeno terreno do setor leste de Luziânia, ajudava meu avô na plantação de mandioca, milho e feijão. Cantando, contando e aprendendo os mistérios da natureza. Natureza que aprendi a respeitar e preservar desde então.

A proximidade com o cerrado trás-me outras experiências com a natureza. Aprendi o tempo do pequi e esperava florescer, amadurecer e cair aquele fruto verde, rachado

e com um caroço amarelo ouro, de cheiro forte e sabor marcante. Conheci o araticum, a guabiroba, a cagaita, o palmitinho, a taturana e as formigas cabeçadas que devoravam nossa pequena plantação.

Já estava na terceira série e andava cerca de 7km para chegar até a Escola Municipal Alceu de Araújo Roriz. Nos primeiros dias ia acompanhada de meu avô, sempre protetor. Depois ia acompanhada de alguns colegas do mesmo bairro.

Foi um período muito legal. Quando conseguíamos carona de ônibus era melhor, pois chegávamos mais rápido na escola ou em casa. Estudava pela manhã e acordava muito cedo. Havia uma casinha, perto da escola, que vendia doces para as crianças da escola. Hummmm!!!! Que delícia!!! Na maioria das vezes ficava só olhando. Quando minha mãe vinha para o final de semana em casa, era certa a compra de doces na segunda-feira. Que alegria!!!!

Tinha também muita brincadeira na porta da escola. A rua calçada com paralelepípedo favorecia as nossas peraltices. Era amarelinha, pique-pega, pega-bandeira, pique-alto ou adedonha. Como eu gostava de brincar de adedonha!!!!

Foi nesse ano que conheci a política. Era tempo de eleição, e os candidatos passavam por nós, alunos e criançada da rua, davam doces pra gente gritar ...MDB, e nós gritávamos, como gritávamos. Depois vinham outros e faziam o mesmo e a gente gritava ARENA, ARENA!!!! Olha só, euzinha trocando campanha política por doces. Muito engraçado me lembrar disto agora.

Mas na quarta série foi ainda melhor. Desta vez mudei de escola. Fui estudar perto de casa. Na escola municipal do Setor Leste. Hoje uma grande escola que atende todo o ensino fundamental.

Lá fui carinhosamente recebida pela professora Maria Rita. Uma jovem negra, de fala mansa e sorriso largo. Maria Rita virou minha defensora e fã incondicional. Achava-me engraçadinha (nesta época já era bem gordinha e toda criança gordinha é engraçadinha), me inscrevia em todas as atividades da escola e levantava minha auto-estima.

A professora Maria Rita parecia conhecer minhas carências, tanto financeiras (estas não eram nem podiam ser escondidas), como minhas carências afetivas. Ela se aproximava de mim e dizia o quanto me admirava e confiava em mim. Maria Rita sempre tinha elogios, mesmo quando dava broncas. Explicava incansavelmente a matéria e fazia festa com as boas notas da turma. A professora Maria Rita me ajudou a acreditar que, apesar das dificuldades que eu enfrentava, era possível vencer.

Foi com muito choro que despedi-me da escola querida, da professora Maria Rita e do setor Leste. Era 1981 e estava vindo morar com minha mãe, que já não trabalhava mais como empregada doméstica, tinha um cantinho emprestado para morar e um bravo companheiro ao seu lado.

Eu estava pronta para cursar a quinta série e fui estudar na única escola pública do Lago Norte onde minha mãe trabalhava como servidora de limpeza. Era um mundo totalmente diferente de onde eu vinha. Os alunos da escola eram, em sua maioria, filhos de gente rica e eu a filha da servidora da limpeza. Era um misto de piedade e discriminação. Não só por parte dos colegas da escola, mas também dos professores.

O choque de realidade e de classe social destruiu com o que a professora Maria Rita havia construído em mim. As notas não foram boas no primeiro semestre e a adaptação difícil. Como sempre fui muito participativa na escola, comecei a fazer parte do grupinho de teatro com a professora Berenice. Minhas experiências com a riqueza de minha

infância fizeram o diferencial e eu me destacava nos personagens que interpretava. Comecei a receber elogios e assim os demais colegas se aproximaram mais de mim e eu deles.

Fiz uma grande amiga, a Adriana Rigo, hoje também professora, apesar de não nos encontrarmos há muito tempo. Também o Guilherme Reis, que mais tarde reencontro, ele já cursando o mestrado na lingüística e desenvolvendo sua pesquisa no CEDEP.

Nesta escola, também me lembro muito dos momentos de sonhos e fantasias que vivia nas salas da educação infantil, a pré-escola. Ficava horas admirada com aqueles brinquedos tão pequenos, as casinhas de bonecas, os castelinhos, as mesinhas e cadeirinhas. Como não tive muitos brinquedos industrializados na infância, me encantava aquele mundo infantil da pré-escola cheio de cores, formas e alegria. Eu voltava a ser criança, quando já estava com 13 anos.

Sigo em frente. Mudamos para a Vila Paranoá em agosto de 1981. Daqui para frente é o começo do que está sendo hoje.

Até!

O MOMENTO DA DEFESA

BREVE RELATO

Após muitas madrugadas em companhia do teclado chega o momento da defesa. Que fazer? Texto pronto (pelo menos aparentemente), agonia... O tradicional medo da avaliação. Serei aprovada? Será que a “banca” vai gostar? Será que a “banca” vai pôr muita banca? Como defender a existência real da pesquisa?

Não tenho o que defender, conluo. O que fiz foi escrever o **real, concreto, ocorrido e...ocorrente**. Tenho uma história para contar e ao contar esta história muita gente vem conversar comigo. A história concreta, ocorrida e ocorrente tem gente que fez/faz acontecer, não sou eu sozinha. Está decidido, não tem que defender tem que mostrar.

A roda de conversa/banca de defesa será no Paranoá, na sede do CEDEP.



Alguém deve ter se revirado em seu aposento eterno, com esta novidade. Outros, ainda circulando pela superfície terrestre e consumindo oxigênio, espantaram-se. Ohhhh!!!!!! Como pode ser isto? Impossível!! Uma defesa de mestrado longe da academia? Não pode

ser!

Difícil fazê-los entender que CEDEP também é academia neste momento.

Paranoá também é universidade. E tem mais de vinte anos que é assim. Qual o espanto?

Outros acharam poético. No Paranoá? Nossa, que lindo!

Na verdade, desde quando entrei na seleção, não pensava que poderia ser diferente. Não imaginava outro espaço. O CEDEP concorda. Renato Hilário, de imediato, também concorda. Apenas guardamos o segredo por alguns longos meses que era para não levantar polêmica antes da hora.

Texto finalizado. Banca contatada. Vai a pergunta: estamos pensando a defesa no CEDEP, tudo bem? E



vem a resposta: fantástico, estaremos lá! Banca acertada, data marcada 11/06/2007, 15 horas no CEDEP- Paranoá/DF.

Próximo passo foi combinar com o pessoal do CEDEP como poderíamos organizar as coisas. Empolgação total. Quem pode pôs a mão na massa e quem não pôde



mandou energia positiva. A família, CEDEP e Igreja se uniram e cada um fez um pouco. Do lanche ao equipamento de som. Da disposição das cadeiras à decoração do espaço. Da filmagem à fotografia. Cada um fazendo um pouco e todo mundo junto dando

palpite e construindo a festa da defesa que não é só da Leila, é do CEDEP e do Paranoá.

O texto foi disponibilizado no portal do Fórum EJA, www.forumeja.org.br, e comunicado as entidades parceiras, aos da lista de discussão do fórum, aos amigos, parentes e simpatizantes. Cópias impressas do texto foram disponibilizadas na Faculdade de Educação, no CEDEP, no GENPEX e para cada um dos participantes da pesquisa.



A idéia, com toda distribuição do texto, era de que mais pessoas, ao terem oportunidade de ler o texto, sintam-se dessilenciadas no momento da defesa e contribuam com a discussão, seja por meio eletrônico (e-mail) ou pessoalmente. Deu mais ou menos certo. As pessoas não estão acostumadas a ter espaço de fala nas defesas e acho que não me levaram tão à sério quanto eu gostaria. Mas foi um caminho para abrir espaço nas defesas onde o diálogo fica apenas entre a banca e o pesquisador/a, pois a maioria dos demais presentes não tem conhecimento do que se trata.

Adequadamente preparada, perdi as anotações da apresentação. Tudo normal. A energia das pessoas estava tão boa para mim que não fiquei mais nervosa por isso. Vesti uma blusa bordada por Ângela Dumont



especialmente para esta ocasião. O bordado retrata as páginas da dissertação, contando a trajetória do movimento popular no Paranoá e a minha história entrelaçada com esta trajetória.



Começamos em oração conduzida pela Gilene. A dimensão da religiosidade

me acompanha. A roda de conversa foi emocionante. Fiquei nervosa sim, como não ficar? Apesar de estar em casa, dá aquele friozinho na barriga. Mas foi tudo bem. A participação foi muito positiva. Compareceram mais de 80 pessoas entre

alfabetizandos/as, alfabetizadoras, alfabetizados/as, as educadoras e educador entrevistado, graduandos/as da UnB, mestrandas, professores da UnB, minha família, diretoria do CEDEP, crianças da Educação Infantil do CEDEP, amigos/as, pessoal da Paróquia Santa Maria, representantes da DRE, pessoal da Escola Classe 04, representante do Sindicato dos Professores do DF, representantes de partidos políticos, representantes de entidades do Paranoá e um tanto de gente outras que nem sei dizer.



Até a rádio comunitária do Paranoá compareceu para anunciar “no ar” a defesa e entrevista com Renato Hilário e comigo. Pensa bem!!!!!!



No galpão do CEDEP estava exposto pequenos banners de Gerson de Castro, artista plástico que pinta suas memórias da Vila Paranoá. Também um “banquete de conhecimento”, onde coloquei as mais

variadas produções acadêmicas sobre o CEDEP, Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular desde doutorado até pesquisas de PIBIC e PIBEX.

Falei muito além do tempo previsto. Isto eu já previa. Tenho dificuldade em sintetizar esta história de 20 anos com o Paranoá e com o CEDEP.



Roseli Fontana fez suas considerações seguida por Leôncio Soares. Gente boa eles!! Renato Hilário também falou e algumas pessoas presentes puderam tomar voz ao microfone e dar sua

impressão sobre a pesquisa, suas conclusões e considerações. Foram mais de três horas na conversa.

Encerrada a festa da produção vamos a outra festa: a da dança e da comilança. Teve apresentação da tradicional quadrilha junina Brilho do Luar, do pessoal da Quadra 12 do Paranoá. Aí foi festa “arretada de boa”. O pessoal pôs todo



mundo para dançar na roda e a alegria daquele momento arrastou as cadeiras para o lado e tomou conta do salão.

Para lanchar teve bolo, canjica, salgadinhos, sucos, refrigerantes, caldos,



tortas, vinhos, cafezinho e docinhos. Tudo com muito tempero de amorosidade e acolhimento.

O mais importante de todo momento de defesa e prosa é o fortalecimento do CEDEP enquanto instituição e nosso enquanto atores deste processo. O ganho é mais coletivo que individual. Não é um título de Mestre dado apenas a mim no papel de pesquisadora, mas a um coletivo que construiu e constrói a possibilidade de uma práxis educativa diferente na educação de jovens e adultos no Paranoá.

Trazer a defesa para o CEDEP, para o Paranoá é reconhecer o campo do ensino-pesquisa-extensão como produtor/gerador de conhecimento seja acadêmico ou

popular. Trazer a defesa para o CEDEP é o reconhecimento de uma trajetória e da contribuição desta para a educação pública no Paranoá. Trazer a defesa para o CEDEP é reconhecer que a academia pode e é também popular em algum momento. Reconhecer que tem



gente fazendo diferente, e que uma educação problematizadora/libertadora não só é possível,



como já está acontecendo.

Discutimos, elaboramos, falamos,
propomos, recordamos, concordamos,
discordamos, pensamos, relembramos, dançamos,
brindamos, brincamos, cantamos e ficamos na

certeza de que é preciso e precioso manter a caminhada.

Despedimo-nos.

Agora eu mestre. O CEDEP mestre. O Paranoá mestre.

Até logo, porque o futuro já começou.

Leila Maria de Jesus

ANEXOS

- ANEXO 01 – Paranoá quer melhorias já – panfleto Grupo Pró-Melhorias, 1984.
- ANEXO 02 – Vote chapa 2 - panfleto Grupo Pró-Melhorias, 1985.
- ANEXO 03 – Moradores no Buriti – Jornal de Brasília, 1986.
- ANEXO 04 – Paranoá vive dia de guerra – Correio Brasileiro, 1986.
- ANEXO 05 – PM retira invasores – Jornal de Brasília, 1986.
- ANEXO 06 – Polícia destrói barracos no Paranoá – Jornal de Brasília, 1986.
- ANEXO 07 – Greve de fome na Catedral – Correio Brasileiro, 1986.
- ANEXO 08 – Chapa 1 FIXAÇÃO – panfleto Associação de Moradores, 1987.
- ANEXO 09 – A luta das entidades pelo poder – Correio Brasileiro, 1987.
- ANEXO 10 – Paranoá derruba barraco – Jornal de Brasília, 1988.
- ANEXO 11 – A água chegou – Jornal do Paranoá, 1988.
- ANEXO 12 – Censo do Paranoá – Correio Brasileiro, 1986.
- ANEXO 13 – Ficha de cadastro do censo – Associação de Moradores, 1986.
- ANEXO 14 – Lição de Aprendizado no Paranoá - Correio Brasileiro, 2007
- ANEXO 15 – Relatório preliminar do curso de orientação 2007
- ANEXO 16 – Relação de professores lotados DRE Paranoá 2006 – residentes no Paranoá.
- ANEXO 17 – Autorização das educadoras e educador